



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Luciana Guimarães Pedro*

**TERTÚLIA – A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS NO PROCESSO DE  
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ARTE**

UBERLÂNDIA

2013



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Luciana Guimarães Pedro*

**TERTÚLIA – A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS NO PROCESSO DE  
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ARTE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Eixo: Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva

Uberlândia

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

P372t  
2013      Pedro, Luciana Guimarães, 1984-  
Tertúlia – a constituição de sujeitos no processo de construção  
de sentidos sobre a arte / Luciana Guimarães Pedro. -- 2013.  
136 f. : il.

Orientador: Silvia Maria Cintra da Silva.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Arte - Apreciação - Teses. 3. Materialismo histórico - Teses. I. Silva, Silvia Maria Cintra da II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

---



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Nome: Luciana Guimarães Pedro

Título: Tertúlia - A constituição de sujeitos no processo de construção de sentidos sobre a arte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, para à obtenção do título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Aprovada em:

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (Orientadora)  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG

---

Profa. Dra. Andrea Maturano Longarezi (Examinadora)  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG

---

Profa. Dra. Sonia Mari Shima Barroco (Examinadora)  
Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR

---

Profa. Dra. Déborah Rosária Barbosa (Suplente)  
Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo - SP

Uberlândia

2013

*Ao Lucas, meu companheiro, que instigou em mim o gosto pelo conhecimento em suas mais diversas formas.*

*Ao grupo Tertúlia, por embarcar comigo de maneira tão sincera e verdadeira nesta trajetória de sentidos infinitos sobre a vida.*

*A todos que contribuem de alguma forma para a autonomia do sujeito e a emancipação da sociedade.*

## **AGRADECIMENTOS**

Consciente de que somos constituídos por todas as relações que estabelecemos com o outro e o mundo e que, por isso, este trabalho é fruto da colaboração de muitos companheiros, sinto-me honrada em poder expressar, neste momento, a gratidão que transborda em mim.

Agradeço primeiramente a Deus, que em Sua infinita misericórdia me oferece sempre a possibilidade de seguir os caminhos que me levam à evolução espiritual.

À minha mãe, Veramácia, pelo exemplo de força e determinação, que me faz caminhar com segurança e fé pelos infortúnios da vida material com a certeza de que o melhor sempre acontece, segundo a vontade de Deus.

Ao meu pai, Volme, pelo exemplo de humildade e simplicidade, que me leva a valorizar as qualidades que realmente são fundamentais à existência humana.

Ao Lucas, meu noivo, amigo e companheiro, que sempre acolhe, apoia e participa amorosamente de todos os momentos da minha vida. A concretização deste trabalho só foi possível porque tive você ao meu lado incessantemente! Obrigada por tudo.

Aos meus irmãos, pela amizade e por sempre me desafiarem a ser uma pessoa melhor.

À Madrinha e à Vozinha, por compreenderem minha ausência durante os últimos tempos e por sempre me receberem com um sorriso acolhedor.

A todos os meus sobrinhos e afilhados, que me despertaram para o encantamento com a vida e que me instigam a compreender o ser humano em toda a sua grandeza.

Ao Dlani e à Camila, por me propiciarem momentos de descanso e relaxamento. E à tia Simonia e à Gleide, pela cumplicidade e amizade.

À Sabrina e ao André, pelo exemplo primoroso de como lidar com o conhecimento, a profissão, os filhos e a vida.

A todos os meus familiares, que sempre estão torcendo pelo meu sucesso e vibrando para que meu caminho seja repleto de boas conquistas.

Ao Nosso Grupo, por propiciar o contato com a minha essência e me ajudar a seguir em comunhão com o Universo. E também ao grupo de oração, por me acalantar e me aproximar das energias supremas.

À Drica, à Frida, à Morgana e ao Sam, pelo carinho confortante.

Aos meus queridos amigos, com os quais compartilho momentos de grande aprendizado e felicidade. Em especial, à Fabi, minha companheira de mestrado, com quem compartilhei os desafios e alegrias deste momento tão importante na minha vida, e ao Pedro, parceiro intelectual, que me ajudou de maneira tão cuidadosa e dedicada a fazer desta dissertação um trabalho que faz jus à riqueza e grandiosidade das vivências desenvolvidas no grupo Tertúlia.

Ao Will, pelas perguntas instigantes nas supervisões, e a Person (Camila), pela amizade e por me ensinar a lidar com a vida de maneira mais leve.

A todos os estagiários da disciplina Psicologia Ciência e Profissão, com os quais vivi momentos de grande efervescência intelectual. Aprendi muito com vocês!

Aos professores Eliane e Ruben, por terem sido tão generosos e disponíveis, ao dedicarem seu tempo e atenção para me ajudar a compreender melhor esta pesquisa. E ao Achilles, pelos diálogos virtuais imensamente produtivos.

Aos professores da banca de qualificação: Andréa, por sempre me ensinar a lidar com o conhecimento de modo tão dedicado e comprometido, e Paulo, por me desestabilizar, contribuindo para o surgimento de novas ideias para este trabalho.

Em especial, à minha orientadora Silvia, que me despertou o gosto pela arte e me mostrou, pela primeira vez, um homem que se constitui socialmente. Obrigada pelo carinho, a amizade, o cuidado e por todos os momentos que compartilhamos.

A todos os tertulianos, agradeço especialmente pela entrega e comprometimento que possibilitaram a existência deste trabalho e que, para além disso, me mostraram na prática como a arte pode contribuir para sermos pessoas melhores.

Ao Instituto de Psicologia, principalmente, ao programa de Pós-Graduação e todos os seus funcionários, pelo apoio.

À Sônia, revisora deste trabalho.

Às professoras Andréa e Sonia, da banca de defesa, por me ajudarem a finalizar esta pesquisa com as contribuições de seus olhares.

À CAPES, pelo apoio financeiro que me possibilitou dedicar-me exclusivamente ao desenvolvimento desta dissertação de mestrado, que tanto contribuiu para a minha formação pessoal e profissional.

[...]

*Tertúlia é o eco das vozes  
Perdidas pelo campo afora  
Cantiga brotando livre  
Novo prenúncio de aurora...  
É rima sem compromisso,  
Julgamento ou castração  
Onde se marca o compasso  
Com o bater do coração!*

*É o batismo dos sem nome  
Rodeio dos desgarrados  
Grito de alerta do pampa  
Tribuna dos injustiçados...  
Tertúlia é o campo sonoro  
Sem porteira ou aramados  
Onde o violão e o poeta  
Podem chorar abraçados.*

*Tertúlia, Joca Martins*

## RESUMO

Pedro, L. G. (2013). *Tertúlia – A constituição de sujeitos no processo de construção de sentidos sobre a arte*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

Considerando que a arte pode colaborar na constituição da pessoa, esta dissertação teve como objetivo principal compreender como os sujeitos se constituem a partir da construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte num contexto de grupo. Inspirada no método proposto pelo Materialismo Histórico Dialético a investigação adotou como ponto de partida a construção de um grupo intitulado Tertúlia, composto por dez alunos do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e a pesquisadora em questão, com o intuito de apreciar a arte em suas diferentes manifestações e conversar sobre os sentidos construídos a partir desta vivência. Assim, para compor o *corpus* de pesquisa deste trabalho, os encontros realizados no referido grupo foram gravados por uma filmadora e depois transcritos na forma de texto escrito narrativo e, além disso, o material analisado foi composto também por duas cartas feitas pelos tertulianos e um portfólio que trouxe de maneira criativa e autoral o registro pessoal das experiências mais significativas que cada um viveu no grupo. Para compreender este fenômeno me dediquei ao estudo teórico da constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural, da mediação semiótica, da atribuição de sentidos no processo de significação, do conceito de Zona de Desenvolvimento Iminente e da arte como produto da vida social. Posteriormente, buscando relacionar a realidade investigada e os conceitos elencados como fundamentais neste trabalho, delimitei quatro categorias explicativas, que intitulei núcleos de sentidos e que agruparam os sentidos expressos pelos participantes que relacionavam a arte a vivências pessoais; a arte a aspectos gerais da vida; a arte, a cultura e a sociedade e por fim, a arte a outras produções humanas. A análise dos trechos que evidenciaram as transformações vividas pelos participantes apontou para a importância da existência de um espaço coletivo voltado para a fruição da arte, no processo de constituição da pessoa, além de possibilitar reflexões sobre a importância da partilha de sentidos com o outro no processo de transformação do sujeito; o lugar da arte na universidade e o modelo de educação atual, considerando o modo de vida capitalista; a possibilidade de desenvolvimento de novas formas de organizar o pensamento a partir do compartilhamento de sentidos sobre a arte; as contribuições da fruição da arte no processo de ressignificação e estabelecimento de novas maneiras de atuar no mundo e, por fim, sobre o papel social da arte e sua função como mediadora no processo de autonomia do sujeito.

Palavras-chave: Constituição do sujeito. Psicologia Histórico-Cultural. Arte. Construção de sentidos. Materialismo Histórico Dialético.

## ABSTRACT

Pedro L. G. (2013). – “*Tertúlia*” - *The constitution of the subjects in the process of construction of meaning on art*. MSc Thesis, Institute of Psychology, Federal University of Uberlândia, Minas Gerais.

Considering that art can collaborate in the formation of the person, this dissertation aimed to understand how subjects are constituted from the construction and sharing of meanings about art in a group setting. Inspired by the method proposed by Historical Dialectic Materialism, this research took as its starting point the construction of a group called “*Tertúlia*”, composed of ten students of psychology undergraduate of the Federal University of Uberlândia, and researcher in question, in order to appreciate art in its different manifestations, and discuss the meanings constructed from this experience. So, to make up the research corpus of this investigation, the group meetings were recorded by a camcorder and then transcribed as written text narrative; and in addition, the analyzed material was also composed by two letters made by tertuliano and a portfolio to bring, in a creative and authorial way, the personal record of the most significant experiences they lived in group. To understand of this phenomenon, I dedicated myself to the theoretical study of the constitution of the subject in cultural-historical perspective of semiotic mediation, the attribution of meaning in the process of signification, the concept of Imminent Development Zone and art as a product of social life. Later, trying to relate the reality investigated and the fundamental concepts in this work, four categories explanatory were delimited, which I have called clustered senses. These categories grouped the senses expressed by participants that related art to personal experiences; the art of the general aspects of life; art, culture and society; and finally, art and other human productions. The analysis of the excerpts that evidenced the transformations experienced by the participants pointed to the importance of a collective space to enjoy art in the process of constitution of the person, besides enabling reflections on the importance of sharing the senses with the other, in the process of transformation of the subject; the place of art in the university and the current model of education, considering the capitalist way of life; the possibility of developing new ways of organizing thought from the exchange of meanings about art; the contributions of the enjoyment of art in the process of reframing and establishing new ways of acting in the world and, finally, about the social role of art and its role as a mediator in the process of autonomy the subject.

**Keywords:** Constitution of the subject. The Historic-Cultural Psychology. Art. Construction of meaning. Historical Dialectic Materialism.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
O encontro com a arte: uma história de afetos .....	15
Justificativa: inspiração teórica .....	17
Criação: a pesquisa em si .....	20
<b>CAPÍTULO 1 – A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: ALGUNS CONCEITOS QUE DIALOGAM COM A PESQUISA.....</b>	<b>25</b>
1.1. A constituição do sujeito e a mediação semiótica.....	25
1.2. A construção de sentidos no processo de significação e o conceito de zona de desenvolvimento iminente.....	29
<b>CAPÍTULO 2 – SITUANDO A ARTE.....</b>	<b>33</b>
2.1. A arte como produto da vida social.....	34
2.2. A arte na obra de Vigotski.....	39
<b>CAPÍTULO 3 – MÉTODO E METODOLOGIA: EPISTEMOLOGIA E CAMINHOS PERCORRIDOS .....</b>	<b>44</b>
3.1. Princípios teórico-metodológicos: o método proposto pelo Materialismo Histórico Dialético .....	44
3.2. O contexto da pesquisa.....	47
3.3. Os participantes .....	48
3.4. Construção do <i>corpus</i> de pesquisa .....	49

3.5. Metodologias de apreensão e registro do <i>corpus</i> de pesquisa.....	52
3.6. A construção dos procedimentos de análise.....	55

## **CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA: TERTÚLIA EM MOVIMENTO ..... 59**

4.1. O grupo Tertúlia: ponto de partida.....	59
4.2. Os tertulianos: participantes .....	61
4.3. A trajetória do grupo Tertúlia: encontros de sujeitos com a arte .....	68

## **CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO CORPUS DE PESQUISA ..... 82**

5.1. Um olhar sobre o <i>corpus</i> de pesquisa: a análise segundo os núcleos de sentidos.....	82
5.1.1. A arte e as vivências pessoais.....	82
5.1.2. A arte e aspectos gerais da vida.....	89
5.1.3. A arte, a cultura e a sociedade.....	94
5.1.4. A arte e outras produções humanas .....	100
5.2. A constituição de Rosa no grupo Tertúlia.....	104

## **SÍNTESES - A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ARTE E A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NO GRUPO TERTÚLIA..... 111**

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....118**

## **REFERÊNCIAS ..... 123**

## **ANEXO E APÊNDICES..... 128**

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	129
APÊNDICE A – Cartaz/Convite .....	132
APÊNDICE B – Foto dos portfólios .....	133
APÊNDICE C – Foto portfólio Rosa .....	134
APÊNDICE D – Contrato construído com o grupo Tertúlia .....	135

*Me vejo no que vejo  
Como entrar por meus olhos  
Em um olho mais límpido  
Me olha o que eu olho  
É minha criação  
Isto que vejo  
Perceber é conceber  
Águas de pensamentos  
Sou a criatura do que vejo*

*Blanco, Marisa Monte*

## APRESENTAÇÃO

### **O encontro com a arte: uma história de afetos**

Era uma vez uma menina que crescia rodeada pela família, amigos, dificuldades, alegrias e sonhos; como todos os humanos que habitavam o “universo ao seu redor”. Mas, no seu “infinito particular”<sup>1</sup>, algumas vivências<sup>2</sup> foram se destacando e ganhando um sentido especial na sua constituição como sujeito.

Ela gostava de ouvir música e passava horas a fio lendo e cantarolando as letras impressas nos encartes dos LPs e CDs. Ouvia aquilo a que tinha acesso, o que lhe estava disponível, apenas se deliciava com aquelas melodias e vislumbrava milhares de gostos e cores. Sentia-se bem e feliz nestes momentos, sem entender muito o porquê, mas sabia internamente que a música lhe trazia alegria e transportava-a para um mundo imaginário de possibilidades infinitas.

À medida que crescia, brincava de criar personagens e vivia histórias inventadas que chegavam a se confundir com ela própria. Falava sozinha, declamava para o espelho, as plantas, os bichos de pelúcia; se multiplicava, inventava e reinventava mil formas de ser. Na adolescência, após o encontro com uma amiga de escola, concluiu que talvez devesse mesmo ser atriz! Fez teatro, apresentou uma peça em sua cidade e chegou até a participar de um festival, mas logo foi consumida pela rotina da vida material e, com o tempo, nem se lembrava mais de atuar; chegou até mesmo a dar risada desses sonhos.

---

<sup>1</sup> Tomo emprestadas as expressões “universo ao meu redor” e “infinito particular” de duas músicas de Marisa Monte, assim intituladas.

<sup>2</sup> A escolha pela palavra vivência faz alusão à palavra “perejivanie” em russo, utilizada por Vigotski no livro *Psicologia da arte* (1999). O termo refere-se a uma relação mais intensa entre o sujeito e o meio, de modo que aquele é afetado profundamente por dada situação (Prestes, 2010).

Quando chegou a hora de fazer a sua escolha profissional, não pensou na música nem no teatro, compreendeu que gostava mesmo era de entender como era ser gente; naturalmente fez opção por estudar Psicologia. Já na entrada na Universidade se deparou com uma professora e seus estagiários que, por meio da arte, ajudaram-na a desvanecer a névoa que fazia da sua vida uma rotina repleta de afazeres comuns. As músicas, filmes e poemas com que teve contato nessa ocasião eram, em sua maioria, desconhecidos, mas despertaram na menina, que já era uma mulher, aquele mesmo deleite dos tempos infantis em que as responsabilidades eram mais simples. Voltou a sonhar, mas não contente apenas com isto, fez da arte meio para questionar, duvidar, instigar, refletir, agregar e se transformar.

Mas a mulher ainda não compreendia que sentido tinham todas aquelas vivências com a arte, nem sequer conseguiu manter-se perto do que lhe ampliava as possibilidades de viver e ser. Então, novamente, rendeu-se à rotina – namoro, família, amigos, faculdade, provas, trabalhos, notas etc. – e, vez ou outra, gotinhas de arte eram salpicadas em seu caminho. Até que, já no último ano da graduação, escolheu e pôde se aproximar daquela mesma professora que lhe mostrara, tempos antes, um novo jeito de olhar o mundo; passou então, a ser também uma estagiária-aprendiz e mergulhou no universo artístico de modo irreversível.

Agora ela tinha alguém para lhe orientar e seguia com outros parceiros na deliciosa tarefa de deixar a arte fruir pelos poros, mente e espírito e fazer dela um caminho possível para se entender, compreender o outro, questionar, se posicionar e olhar ao redor. Era como uma inundação, foi tomada de arte e pela arte... Eram textos, livros, poemas, contos, músicas, filmes, animações, documentários, que ganhavam sentidos mil, construídos pelo diálogo intenso no grupo de estagiários. O compartilhamento de sentidos sobre as obras que apreciava era, sem dúvida, fonte de aprendizagens novas que iam se agregando ao seu ser.

Após esta vivência, já não podia mais seguir sem compreender, de algum modo, como tudo isso a havia afetado tanto. Era movida por uma curiosidade, ou talvez uma necessidade de entender um pouco mais sobre como se tornara esta pessoa depois de tantos encontros com a arte. Foi então que, com o apoio de sua professora/orientadora, decidiu estudar com afinco os conhecimentos já produzidos naquela seara e percebeu que não poderia seguir sozinha nesta expedição, precisava seguir em grupo, acompanhada de outros sujeitos que compartilhavam de algum modo essa mesma necessidade e que poderiam colaborar com seu intento.

Desse modo, juntamente com dez companheiros, ela vivenciou doze momentos de contato intenso com algumas obras de arte, ao longo de cinco meses, apreciando músicas, livros, contos, poemas, dança, teatro, fotografia, artes visuais, filmes etc. e, principalmente, construindo e compartilhando sentidos sobre o modo como aquele encontro mais estreito com a arte repercutia em cada um deles. E assim, estas onze pessoas construíram um grupo denominado Tertúlia, palavra que se refere à “reunião de parentes e amigos; assembleia literária” (Ferreira, 1989, p. 495), ou seja, ao agrupamento de pessoas afins; no caso, o que nos unia era o gosto pela a arte. E é a história do encontro desses sujeitos com a arte que será contada aqui.

### **Justificativa: inspiração teórica**

Considerando que o ponto de partida desta investigação foi a construção do grupo Tertúlia, composto por alunos do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, com o propósito de apreciar diferentes obras de arte e conversar sobre os sentidos construídos a partir dessa vivência, acredito ser pertinente, neste momento inicial,

justificar teoricamente o desenvolvimento desta pesquisa envolvendo a arte no contexto universitário.

Dentre os autores que discutem a arte como esfera social fundamental à humanização da vida, nos quais busquei amparar-me, destaco o trabalho de Silva et al. (2007), que traz reflexões interessantes acerca do “(não) lugar da arte na universidade”. Os autores constatarem o quanto o ensino universitário tem-se voltado, de forma geral, apenas para o conteúdo específico de cada curso, com a finalidade de preparar o sujeito para o mercado de trabalho, sem se atentar para a importância de uma formação humana, que o englobe em sua completude. Estudiosa dessa questão, Silva tem produzido trabalhos em que destaca a importância da arte em nossa vida, e sua contribuição para a educação, como é o caso do livro *Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional* (Silva, 2005), em que apresenta propostas práticas de atuação tendo a arte como grande aliada.

Outro autor que também aponta como deficiente o fato de as universidades formarem sujeitos cada vez mais especialistas é Ribeiro (2001); ele, inclusive, chega a propor a criação de um curso superior em Humanidades, com o foco na arte, literatura e filosofia, justamente com o intuito de aproximar o homem da sua cultura, da expressão de si mesmo.

Em ambos os trabalhos citados acima, a universidade é considerada um local que pode possibilitar o acesso à obra de arte, fruto da produção social humana, que serve à expressão e ao entendimento da realidade e do próprio homem. Tomando-a, então, como local privilegiado para uma formação humanizada da pessoa, é necessário entender melhor, mesmo que sucintamente, um pouco sobre a história da universidade e seu papel no mundo atual.

Segundo Chauí (2003), “a universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo” (p. 5). A autora explica que, em seu surgimento, a universidade pública era uma instituição social legítima e com certa autonomia em relação às demais instituições, por ser independente da

religião e do Estado. Com as revoluções sociais ocorridas no século XX, a universidade ganha o caráter democrático, de modo que passa a estabelecer uma relação intrínseca com a democratização do saber. Porém, com a reforma do Estado realizada em meados da década de 1930, a educação deixa de ser entendida como um direito e passa a ser considerada um serviço, ou seja, fica à mercê das privatizações, transformando a universidade em uma organização social e não uma instituição social (Chauí, 2003).

Assim, no capitalismo, a universidade é tida como um complexo administrativo regido pelas “ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito” (Chauí, 2003, p. 6). Ao invés de objetivar a universalidade do saber, ela visa ao sucesso particular, alcançado a partir da disputa com outras organizações do ramo. Logo, a universidade não mais pretende responder às contradições impostas pelo capitalismo a partir da universalização do conhecimento; ao contrário, torna-se mais uma instituição a colaborar com a reprodução de uma vida social fragmentada, competitiva e alienada. Ela reforça a hegemonia do capital, se rendendo à valorização da transmissão rápida de conhecimentos que respondam às mudanças flutuantes do mercado, ao adestramento dos sujeitos segundo as necessidades do trabalho, ao desenvolvimento de pesquisas rápidas que visem à execução e controle de setores específicos que interessam especialmente ao setor privado, priorizando, portanto, a fragmentação, a especialização em detrimento da formação de sujeitos, antes sua função principal (Chauí, 2003).

Por tudo isso, e na tentativa de retomar o papel da universidade pública como instituição social que pode contribuir para a formação de sujeitos autônomos e com capacidade de reflexão crítica, é que se apresentou como relevante para o desenvolvimento deste estudo a constituição de um grupo, formado por alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), voltado para a apreciação e o compartilhamento de sentidos acerca de algumas obras de arte, considerando que esta investigação pode agregar

conhecimentos sobre a questão da arte como mediadora de uma formação mais humanizada no contexto universitário. Além disso, quando se trata da formação de psicólogos, profissionais que lidam o tempo todo com a diversidade e a complexidade do homem, o envolvimento com a arte pode ser ainda mais relevante, já que possibilita o contato com produções de diferentes origens, permitindo que este profissional amplie seus conhecimentos sobre os sujeitos, reflita sobre questões culturais, estéticas, afetivas e sociais, possibilitando, assim, uma abertura maior para a diversidade humana, foco de sua atuação profissional (Silva, 2005).

### **Criação: a pesquisa em si**

Depois de expor os percursos afetivos que me conduziram à realização desta pesquisa e trazer brevemente a fundamentação teórica que a sustentou e me instigou na busca pela compreensão da arte como mediadora da formação humanizada dos sujeitos, sigo neste tópico apresentando a trajetória desta dissertação.

Primeiramente, cabe ressaltar que o texto de abertura da Apresentação foi inspirado pela leitura do livro *Acordais*, de Machado (2004), que me despertou para a necessidade de também trazer um pouco de arte para a escrita deste trabalho, no caso, a arte de contar histórias. Desse modo, a história contada inicialmente nesta dissertação representa a tentativa de apresentar de um jeito criativo minha trajetória pessoal, que revela o quanto de mim há nesta pesquisa, além de já convidar o leitor a se inserir no universo deste trabalho. Por isso, considereirei coerente começar falando um pouco sobre mim e o sobre o processo de construção do grupo Tertúlia, que será a matéria principal do *corpus* de pesquisa desta investigação.

Considerando que o contato com a arte pode colaborar na constituição dos sujeitos, ampliando suas possibilidades de ser e entender a si e o mundo, esta pesquisa tem como

objetivo geral compreender como os sujeitos se constituem, a partir da construção e do compartilhamento de sentidos sobre a arte num contexto de grupo. De modo mais específico, pretende compreender o processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte, decorrentes dos encontros entre os participantes do grupo Tertúlia, com o intuito de apreender a maneira como estes sujeitos se constituíam a partir da referida vivência em grupo. Em termos práticos, isto se deu com base na organização de um grupo composto por dez alunos do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que se reunia semanalmente, sob a orientação e com a participação da pesquisadora em questão, com o intuito de apreciar diferentes obras de arte e refletir conjuntamente sobre as reverberações decorrentes deste contato.

Desenvolver este trabalho sob esta perspectiva e chegar à definição de um objetivo tão específico, que envolve a atribuição de sentidos a obras de arte, só foi possível a partir do estudo mais aprofundado da Psicologia Histórico-Cultural e da leitura de textos que também partem de uma visão materialista e contextualizada para entender o homem e o mundo. Ainda na graduação, mais especificamente no 6º período, tive a oportunidade de conhecer esta abordagem teórica na disciplina “Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem I”. Naquela ocasião fiquei muito interessada na maneira como a Psicologia Histórico-Cultural explicava a constituição do homem, entendendo-o como agente produtor do seu meio e de si próprio (Pino, 2005). Esta forma de compreender o homem em sua relação com a sociedade me possibilitou refletir e questionar o modo como a vida nos é colocada, posicionando-me de maneira mais crítica em relação ao conhecimento.

Depois, durante o desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica, ligado à Faculdade de Educação da UFU, pude conhecer ainda mais sobre a Teoria Histórico-Cultural ao estudar Leontiev (1978), um dos grandes colaboradores de Vigotski, e entender um pouco mais sobre a constituição humana na relação com a construção de instrumentos, o trabalho e o

desenvolvimento da linguagem. No estágio “Psicologia Escolar e Arte”, do qual fiz parte no último ano de minha graduação, também conheci mais sobre esta abordagem a partir da leitura de escritores contemporâneos que desenvolvem estudos na Psicologia sob esta perspectiva, de modo que meu interesse pela Psicologia Histórico-Cultural foi se intensificando de tal maneira que foi inevitável tomá-la como referencial teórico principal no desenvolvimento desta pesquisa.

Assim, ingressei no mestrado trazendo na bagagem algumas vivências significativas com a arte, a afeição pela Psicologia Histórico-Cultural e a necessidade de compreender, com base nesta teoria, de que maneira o contato com algumas obras de arte pode colaborar na constituição do sujeito. Como meu objeto de estudo se encontrava na relação do homem com a arte, iniciei, então, a busca por leituras que me ajudassem a compreender melhor as ideias difundidas pela Psicologia Histórico-Cultural sobre a constituição humana, e por conhecimentos sobre a arte em uma perspectiva materialista, que fosse, portanto, condizente com o referencial teórico escolhido. Além disso, dediquei-me também à fruição mais intensa de diversas expressões artísticas, com o intuito de imergir no fenômeno que me propunha a estudar.

Foi então que, com base em muitas leituras, conversas e supervisões, e com a ajuda de vários parceiros, fui definindo os conceitos principais que, a meu ver, dialogavam com meu objeto de estudo, me auxiliando no entendimento deste fenômeno e na elaboração desta dissertação.

Sendo assim, no primeiro capítulo, me atenho à Psicologia Histórico-Cultural focando, especificamente, as questões relativas à constituição do sujeito, à mediação semiótica, à construção de sentidos no processo de significação e ao conceito de Zona de

Desenvolvimento Iminente (ZDI)<sup>3</sup>, tomando como base, principalmente, os textos de Vigotski (1984,1986), mas também de outros autores que trouxeram contribuições importantes acerca desses assuntos, como, por exemplo, Pino (2000, 2005), Asbahr (2005), Prestes (2010) e Zanella (2004).

No segundo capítulo, apresento reflexões sobre a arte, tomando-a como uma produção da vida social, com base nas ideias de autores como Marx e Engels (2010), Bukhárin (1970), Hauser (1984), Fischer (1976), Vázquez (2011) e, especialmente, as contribuições de Vigotski (1999, 2009) e outros autores contemporâneos que colaboram para o entendimento da arte nessa perspectiva, tais como Japiassu (1999) e Toassa (2009).

O capítulo três traz informações relativas ao método em que me inspirei para desenvolver a referida pesquisa, o Materialismo Histórico Dialético. Além disso, apresento de maneira sucinta o contexto e os participantes da investigação, os procedimentos de construção do *corpus* de pesquisa, as metodologias de apreensão e registro dele e explico os procedimentos adotados para realizar a análise das informações obtidas.

No quarto capítulo, tem-se a apresentação do *corpus* de pesquisa. Então, descrevo a trajetória do grupo Tertúlia, criado como fonte principal de informações a serem analisadas neste trabalho, discorrendo assim sobre toda a sua história, desde a formação, os participantes e os doze encontros que realizamos voltados para a apreciação e o compartilhamento de sentidos sobre algumas obras de arte.

O capítulo cinco compreende a análise do *corpus* de pesquisa realizada por meio de categorias explicativas que chamei de núcleos de sentidos, que corresponderam aos temas mais recorrentes nos sentidos expressos pelos participantes do estudo. Com o intuito de transcender a mera descrição e organização do *corpus* de pesquisa, cabe ressaltar que as informações abarcadas nas categorias de análise foram relacionadas com os conceitos teóricos

---

<sup>3</sup> Fiz a opção pelo termo Zona de Desenvolvimento Iminente proposto por Prestes (2010) para me referir ao conceito de zona de desenvolvimento próximo explorado por Vigotski, por se tratar de uma tradução mais atual e coerente com os pressupostos aqui adotados.

tomados como relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Além disso, focalizo no final desta seção a trajetória no grupo de uma das tertulianas, Rosa, destacando três momentos específicos que exemplificam as mudanças vividas por ela ao longo de sua participação no Tertúlia, a partir dos sentidos construídos sobre as obras apreciadas no grupo. Percebo que tal trecho dá visibilidade ao entendimento sobre o objeto de pesquisa do referido trabalho, uma vez que vai ao encontro da pergunta inicial desta investigação acerca do modo como a construção de sentidos sobre a arte num contexto de grupo pode colaborar na constituição do sujeito.

Na sequência, em uma seção que intitulei de Sínteses, desenvolvo uma discussão a respeito da relação entre os conceitos teóricos desenvolvidos ao longo da pesquisa e a realidade investigada, em que procuro entrelaçar os sentidos construídos e compartilhados sobre a arte pelos participantes do grupo Tertúlia, que foram estruturados por meio dos núcleos de sentidos, com a teoria estudada.

À guisa de epílogo, nas Considerações finais, trago algumas conclusões elaboradas ao longo desta investigação e, por fim, apresento questionamentos que podem suscitar novos estudos nesta seara do conhecimento.

## **CAPÍTULO 1 – A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: ALGUNS CONCEITOS QUE DIALOGAM COM A PESQUISA**

*A relação entre o homem e o mundo passa pela mediação do discurso, pela formação de ideias e pensamentos através dos quais o homem apreende o mundo e atua sobre ele, recebe a palavra do mundo sobre si mesmo e sobre ele homem, e funda sua própria palavra sobre esse mundo.*

Vigotski (1986)

Considerando que a teoria nos possibilita olhar o mundo sob determinada perspectiva, a escolha pela Psicologia Histórico-Cultural como norteadora deste estudo esteve explícita ao longo da escrita de todo o trabalho; porém, neste momento, se faz necessário delimitar e explicar os conceitos teóricos que utilizo para dialogar com o *corpus* de pesquisa construído para os fins desta investigação.

Explorada em profundidade por diversos autores, como, por exemplo, Valsiner (1991), Pino (2000, 2005), Prestes (2010), a Psicologia Histórico-Cultural abarca uma ampla gama de conceitos que focalizam principalmente a compreensão da constituição e do desenvolvimento do homem. Entretanto, considerando os objetivos deste trabalho, me dedicarei a explorar mais especificamente as questões relativas à constituição do sujeito, à mediação semiótica, à construção de sentidos no processo de significação<sup>4</sup> e ao conceito de Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI), tomando como base, sobretudo, os textos de Vigotski (1986, 1999, 2009), mas também de outros autores que trouxeram contribuições importantes acerca desses assuntos.

### **1.1 A constituição do sujeito e a mediação semiótica**

---

<sup>4</sup> Significação é entendida aqui como produção de signos e sentidos, conforme Smolka (2004).

A Psicologia Histórico-Cultural teve como idealizador principal o teórico russo Lev Semionovitch Vigotski [1896-1934] e surgiu no final da década de 1920, tomando por base o Materialismo Histórico Dialético de Marx e Engels, com o intuito de colaborar com a construção de uma produção científica que tratasse da formação do novo homem que seria construído a partir do socialismo recém-instaurado à época. O objetivo de Vigotski e seus colaboradores era desenvolver uma Psicologia de base materialista, ou seja, um método materialista para o estudo do psiquismo humano (Asbahr, 2005).

Essa perspectiva teórica situa o estudo do desenvolvimento humano historicamente, ressaltando a sua ligação inerente ao desenvolvimento da sociedade que forja a própria existência do sujeito. Fundamenta-se na concepção de que o homem se constitui como humano a partir da sua interação com a dimensão social, sendo produto e produtor do meio, uma vez que estabelece uma relação dialética com a realidade concreta. Como explica Zanella (2004), para a Psicologia Histórico-Cultural, “só há sujeito porque constituído em contextos sociais, os quais, por sua vez, resultam da ação concreta de homens que coletivamente organizam o seu próprio viver” (p. 127).

Sendo assim, a constituição do pensamento, da consciência humana, ou seja, do sujeito como um todo, acontece a partir das relações concretas que ele estabelece com a vida social, da ação no meio material em que está inserido. Para a Psicologia Histórico-Cultural o sujeito é, portanto, socialmente constituído e seu desenvolvimento está atrelado à apropriação da produção cultural do homem (Meira & Facci, 2007). Nas palavras do próprio Vigotski, em seu Manuscrito de 1929, traduzido por Pino (2000a), o homem é, portanto, “[...] o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo [...]” (p. 33).

Leontiev (1978), importante colaborador de Vigotski, realizou estudos significativos no sentido de compreender melhor a origem e o desenvolvimento social do psiquismo

humano. Constatou que a evolução do psiquismo deixara de ser dependente apenas de questões biológicas, passando a ser determinada também e prioritariamente pelos fatores histórico-culturais da sociedade da qual o sujeito faz parte. O próprio autor afirma que, historicamente, esse fato coincide com o despontar da humanidade, que acontece a partir do surgimento do trabalho caracterizado como atividade coletiva comum, marcada pela utilização de instrumentos.

Assim, o trabalho é um fator de destaque no processo de surgimento e desenvolvimento da humanidade. Por seu intermédio, o homem atua sobre o meio pela utilização de instrumentos, construindo as condições materiais para a sua existência em sociedade, além de desenvolver a cultura – conjunto das produções humanas resultante da sua ação sobre a natureza (Pino, 2005). Consequentemente, na medida em que o homem transforma a natureza externa, ele opera sobre si mesmo, interferindo na constituição e modificação do seu psiquismo.

Concomitantemente à realização do trabalho mediatizado pelos instrumentos, surge a necessidade de comunicação entre os homens, o que provoca a criação dos signos, instrumentos psicológicos construídos socialmente que têm a função de dirigir os sujeitos internamente e atribuir significação à realidade concreta (Asbahr, 2005).

Pino (2005), teórico que traz contribuições importantes sobre o desenvolvimento histórico-cultural do homem, coloca a questão dos signos no cerne de suas discussões. Para ele os signos – mais especificamente a palavra, elemento básico que compõe a linguagem – servem, de modo geral, para que o homem possa representar algo, de alguma maneira, para alguém. Por tal motivo, Pino (2000b) afirma que os signos têm como característica importante a reversibilidade:

[...] o signo tem a propriedade de ser reversível, ou seja, a de significar tanto para quem o recebe quanto para quem o emite. [...] O signo opera no campo da consciência,

no qual ser autor e espectador constituem atributos de uma mesma pessoa. É por isso que a palavra dirigida ao outro produz efeito também naquele que a pronuncia. (p. 59)

Ao transpor um pensamento em palavras, além de se comunicar, o sujeito se ouve, organiza seu pensamento e toma mais consciência de si próprio.

Smolka (2004), trazendo também sua contribuição em relação à questão dos signos, afirma que a palavra – signo por excelência –, tem função primordial no desenvolvimento e constituição do ser, pois possibilita o conhecimento do mundo, a comunicação entre os homens por meio de generalizações e a construção e objetivação da realidade. A linguagem tem, assim, um caráter simbólico e histórico, é produto e produção do homem; ela “[...] estrutura e constitui o funcionamento mental, afeta e redimensiona a atividade prática, viabiliza o planejamento, a organização, a regulação – das relações entre pessoas, das ações de si próprio” (Smolka & Nogueira, 2002, p. 85).

Aprofundando a ligação entre a constituição do sujeito e a linguagem, Pino (2005) acrescenta que, para além do nascimento biológico, a inserção de uma criança no mundo humano caracteriza-se por um “nascimento cultural”, de modo que seu desenvolvimento, que está inevitavelmente relacionado às questões biológicas, passa também a ser determinado por fatores histórico-culturais, na medida em que ela se relaciona com o outro e se insere no mundo simbólico por meio da utilização dos signos.

Para o referido autor, ao nascer, os instintos não são suficientes para que o bebê cresça e se desenvolva, pois ele não está “totalmente pronto”, e mesmo tendo potencial genético para tornar-se um ser humano, isto só se dá no momento em que suas manifestações biológicas e as formas simbólicas de comunicação do adulto – sobretudo a palavra, que é signo por excelência – se encontram de tal modo que aquelas ganham uma significação social. O adulto vai assim, por meio dos signos, atribuindo sentido ao agir do recém-nascido e este vai internalizando a cultura, se modificando e humanizando-se. Portanto, com a criação dos

signos, os sujeitos passam a se relacionar entre si e com o mundo, a partir dos sentidos que atribuem às coisas da natureza e à sua produção (Pino, 2005).

Desse modo, a constituição cultural do ser humano está diretamente ligada à atividade simbólica, pois ela advém da conversão<sup>5</sup> das relações estabelecidas com o outro e com o mundo, a partir do uso dos signos, para o campo intrapsíquico, assegurando a singularidade do sujeito em formação. Logo, a constituição da pessoa tem como determinante principal a mediação semiótica realizada pelo outro. São as significações construídas ao longo da história da humanidade, transmitidas pelos signos emitidos pelo outro, que possibilitam a humanização do sujeito e a apreensão dos conhecimentos já produzidos.

## **1.2 A construção de sentidos no processo de significação e o conceito de Zona de Desenvolvimento Iminente**

Com o surgimento dos signos, ou seja, da linguagem como atividade simbólica, o homem começa a interagir com o meio e com o outro e, inclusive, se constituir, por meio dos sentidos que atribui às coisas da realidade material. Assim, a construção de sentidos no processo de significação ocupa lugar importante na constituição humana.

Para Vigotski (1986), a palavra carrega em si um significado, que nada mais é do que a generalização de aspectos da vida material na forma de um conceito. O significado da palavra se constrói no curso do desenvolvimento histórico do homem e caracteriza-se como um fenômeno do pensamento, a expressão externa do mesmo ou a representação do objeto da realidade na consciência. O aspecto sógnico da palavra é, por conseguinte, uma produção histórica que veicula generalizações socialmente construídas e, por isso, admite certa

---

<sup>5</sup> A opção pelo termo “conversão” baseia-se nas informações trazidas por Pino (2005), e tem o intuito de enfatizar que a apropriação da cultura pelo sujeito não se dá de maneira direta e imparcial; ele imprime suas marcas naquilo que internaliza e agrega ao seu ser. Vale lembrar que Smolka (2009) usa, no mesmo sentido, o termo “internalização”, que também está presente na tradução dos textos de Vigotski para o português.

variabilidade, visto que as relações entre os homens e a natureza se modificam com o passar do tempo (Pino, 2005). Como o próprio Vigotski (1986) aponta:

Encontramos no *significado* da palavra essa unidade que reflete da forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra, [...] é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. [...] Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno de discurso. [...] Do ponto de vista psicológico o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. [...] Conseqüentemente, estamos autorizados a considerar o significado da palavra como um fenômeno do pensamento. (p. 398)

Para além do significado, a palavra traz também consigo o sentido, o aspecto pessoal e afetivo ligado à fala, à expressão do sujeito. “Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa [...]” (Vigotski, 1986, p. 465), é o aspecto instável e inconstante da palavra, já que congrega os diversos fatores psicológicos que ela desperta na consciência humana. Logo, o sentido enriquece a palavra que, por sua vez, incorpora os aspectos intelectuais e afetivos do contexto do qual faz parte.

Para Vigotski, o sentido da palavra ganha destaque na medida em que ele predomina na linguagem interior do sujeito, se comparado ao significado. Ao comunicar-se com o outro, mais do que buscar objetivar nas palavras o entendimento das coisas concretas do mundo para se fazer entender por meio de conceitos socialmente instituídos, a pessoa pretende, principalmente, expressar os sentidos pessoais e singulares que atribui às coisas. Na linguagem interior, “o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra, de todo o contexto sobre a frase não é exceção, mas regra constante” (Vigotski, 1986, p. 467).

Nessa mesma perspectiva, Barros et al. (2009) acrescentam que o sentido é “[...] concebido como acontecimento semântico particular, constituído através de relações sociais [...]”, cujos signos variados são utilizados na interação histórico-cultural do homem com o

meio e com o outro, de modo a possibilitar a existência de um estado de constituição permanente do ser. Portanto, os sentidos são construídos nas práticas sociais, “[...] através da articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a experiência atual do sujeito” (p. 179).

Desse modo, os sentidos não são instâncias que existem na natureza ou na mente humana aprioristicamente; eles são construídos a partir da complexa relação com a vida material, variando conforme a situação e possibilitando a polissemia da linguagem por meio das múltiplas construções de sentido. Além disso, vale ressaltar que essa produção de sentidos admite a integração no sujeito das “[...] dimensões cognitivas e afetivas, bem como processos coletivos e individuais” (Barros et al., 2009, p. 179), corroborando a ideia da unicidade do sujeito (Prestes 2010).

Por fim, Smolka (2004) assim sintetiza o processo de construção de sentidos:

Os sentidos podem ser sempre vários, mas dadas certas condições de produção, não podem ser quaisquer uns. Eles vão se produzindo nos entremeios, nas articulações das múltiplas sensibilidades, sensações, emoções e sentimentos dos sujeitos que se constituem como tais nas interações; vão se produzindo no jogo das condições, das experiências, das posições, das posturas e decisões desses sujeitos; vão se produzindo numa certa *lógica* de produção, coletivamente orientada, a partir de múltiplos sentidos já estabilizados, mas de outros que também vão se tornando possíveis. (p. 45)

Assim, a autora aponta uma questão muito interessante em relação à construção de sentidos sobre as coisas do mundo e a constituição do sujeito, pois enfatiza que a partir dos sentidos estabilizados e da interação com os aspectos pessoais e com a sociedade, o sujeito cria novos sentidos e se constitui constantemente. Esse processo de construção de novos sentidos, ou seja, de edificação de novas maneiras de compreender a si próprio, o outro e o mundo, envolve um avanço na maneira como se dão os processos cognitivos do homem, o que remete ao conceito de Zona de Desenvolvimento Iminente, discutido por Vigotski e seus

colaboradores contemporâneos, e que também tem relevância no desenvolvimento deste trabalho.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Iminente equivale à possibilidade que o sujeito tem de avançar na sua forma de pensar diante de uma mediação adequada, distinguindo-se da chamada Zona de Desenvolvimento Atual, que se refere ao desenvolvimento efetivo das funções cognitivas de uma pessoa (Prestes, 2010). Assim sendo, a partir da mediação dos signos artísticos e da fala do outro, por exemplo, o sujeito pode então, avançar e transformar sua forma de pensar, o modo como organiza seu pensamento e define seu psiquismo, na medida em que constrói novos sentidos sobre a realidade, ao mesmo tempo em que se constitui.

Tendo claro o objetivo e o aporte teórico que irá ancorar a presente pesquisa, o capítulo seguinte apresenta a concepção de arte tomada como referência, bem como discute sua relação com a questão dos sentidos, a constituição do sujeito e a sociedade, a fim de que, posteriormente, seja possível tecer diálogos sobre as histórias de constituições desenhadas no compartilhar de sentidos sobre a arte pelos integrantes do grupo Tertúlia.

## CAPÍTULO 2 – SITUANDO A ARTE

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadoff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!*

Eduardo Galeano (2009)

Discorrer a respeito da arte é tarefa bastante delicada: trata-se de um conceito complexo, que varia com o tempo e de acordo com as várias culturas. Assim, a definição de arte pode alterar segundo as diferentes teorias que a abordam. Visando manter uma coerência com a Psicologia Histórico-Cultural, teoria central desta pesquisa, as concepções de arte apresentadas aqui serão também de cunho materialista, destacando-se as ideias de Marx e Engels (2010), Bukhárin (1970), Hauser (1984), Fischer (1976), Vázquez (2011) e, especialmente, as contribuições de Vigotski (1999, 2009) e outros autores contemporâneos que colaboram para o entendimento da arte nessa perspectiva, como Toassa (2009) e Japiassu (1999).

Assim, baseando-me nos estudos desenvolvidos sobre a arte como mediadora de uma formação humanizada dos sujeitos, em minhas próprias vivências com a arte e na necessidade de aprofundar-me no entendimento da repercussão da construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte no processo de constituição da pessoa, cabe dizer que as expressões artísticas que me despertaram para esta pesquisa, foram basicamente a música, o cinema, a literatura, o teatro e as artes visuais. Falo aqui da arte que se dá no encontro com o sujeito em

um dado contexto; da arte que nos acomete, toca, transforma, gera novos sentidos e, por conseguinte, nos constitui.

## **2.1 A arte como produto da vida social**

Considerando que Vigotski apoiou-se no Materialismo Histórico Dialético para desenvolver a Teoria Histórico-Cultural, parto das ideias estéticas trazidas por Marx e Engels (2010), especialmente aquelas organizadas por Vázquez (2011), para compreender a arte de modo mais aprofundado. De acordo com esses autores, a arte, assim como os demais aspectos que compõem a vida material, é fruto do curso de toda a história de produção social. A arte e o modo como influencia o sujeito fazem parte do mesmo processo de constituição do homem, processo este que se dá a partir da apropriação do mundo material pela consciência humana e que despontou com a criação dos instrumentos e com o surgimento do trabalho e da linguagem (Marx e Engels, 2010).

“A energia criadora e a atividade do sujeito” (Marx & Engels, 2010, p. 14) têm lugar central no desenvolvimento histórico, tanto que o próprio homem criou sua condição de humano, distinta do animal, a partir do seu trabalho. Assim, o homem cria-se a si mesmo, se faz humano por intermédio do seu trabalho e tem suas características determinadas pelas condições objetivas da sociedade. No mesmo sentido se dá a evolução histórica da arte, fruto da criação humana. Seu desenvolvimento tem sua origem intrincada ao desenvolvimento econômico, de modo que apresenta características particulares, mas sempre imbricadas com o social, nunca independentes.

Segundo Marx e Engels (2010), a criação artística é “[...] uma forma de reflexo do mundo exterior na consciência humana” (p. 23), é a representação da materialidade da vida subjetivada e exteriorizada pelo homem na forma de um objeto concreto-sensível. Por isso, a

obra de arte revela em si o elemento humano eterno e histórico, o aspecto individual e o social, as contradições morais, sociais e psicológicas de determinada época, expressando assim as transformações sociais.

Para Vázquez (2011), a arte não representa as relações humanas de maneira geral, mas se expressa a partir de manifestações individuais de homens e realidades concretas específicas, fundindo, de maneira peculiar, o geral (humano) e o específico (sua percepção do humano a partir das relações que estabelece com a sociedade). A arte vai, assim, do concreto real ao concreto artístico, por meio da criação, da transformação da realidade em uma nova realidade que é construída pelo artista, tornando-se, portanto, instrumento importante para o entendimento do homem e da vida.

O autor supracitado acredita em uma arte que fala da realidade, mas que supera os objetos, que transfigura o real – “colocar a figura em estado humano” (Vázquez, 2011, p. 38) –, ou seja, defende uma arte contextualizada socialmente, mas marcada pelos sentidos do artista. Ele constata, portanto, que, além de ser uma ideologia, uma representação da vida social, uma transfiguração do real, a arte é, em última instância, uma criação humana, uma forma peculiar do trabalho humano.

Ao encarar a arte como uma atividade de trabalho, Vázquez (2011) possibilita a reflexão sobre o papel fundamental deste no desenvolvimento histórico-cultural do homem e da sociedade e no seu processo de humanização. Neste sentido, Marx e Engels (2010) explicam que, com a criação do primeiro instrumento de trabalho, o homem passou a dominar a natureza, a agir sobre ela e ao mesmo tempo transformar a si próprio, alterando suas funções psíquicas e definindo novas formas físicas de interação com o meio. Nesta trajetória a mão esteve sempre presente, criando e se adaptando às condições objetivas de vida, adquirindo novas habilidades, que seriam herdadas e aperfeiçoadas de geração em geração e resultariam,

posteriormente, na possibilidade de criação das obras de arte. Nas palavras de Marx e Engels (2010):

Assim, a mão não é somente o órgão do trabalho: *é, igualmente, um produto dele*<sup>6</sup>. Somente pelo trabalho, por sua adaptação a manipulações sempre novas, pela herança do peculiar aperfeiçoamento assim adquirido, dos músculos e tendões (e, em intervalos mais longos, dos ossos) e pela aplicação sempre renovada desse refinamento herdado a novas e mais complexas manipulações – somente assim a mão humana alcançou esse alto grau de perfeição mediante o qual lhe foi possível realizar a magia dos quadros de Rafael, das esculturas de Thorvaldsen e da música de Paganini. (p. 137)

Portanto, as próprias criações artísticas são o resultado do refinamento do movimento das mãos, que ocorreu a partir do desenvolvimento e do manuseio de novos instrumentos, o que reafirma a íntima ligação da arte com o trabalho. A arte configura-se assim como uma criação humana, uma forma peculiar do trabalho humano, que tem como função principal “ampliar e enriquecer, com suas criações, a realidade já humanizada pelo trabalho humano” (Vázquez, 2011, p. 42).

Compartilhando da ideia de que a evolução da arte acompanha o desenvolvimento da sociedade, Bukhárin (1970) – autor que também entende a arte como produto da vida social – traz como exemplo a questão da música, dizendo que foi necessário que houvesse um determinado avanço nas técnicas de produção da sociedade para que o homem pudesse construir um piano, por exemplo, pois isto não seria possível em condições primitivas de existência. Assim, para o referido autor, tanto o homem quanto as obras de arte produzidas por ele estão condicionados pelo desenvolvimento das forças produtivas.

Fazendo referência ao desenvolvimento do próprio homem, Bukhárin (1970) afirma que é a complexidade da vida material que altera a natureza psicofisiológica do homem. Neste ponto ele se aproxima de Vázquez (2011), ao dizer que a própria capacidade de percepção do homem se apura à medida que a realidade se torna mais complexa. Sendo assim, a

---

<sup>6</sup> Em itálico no original.

sensibilidade estética é adquirida no curso da história da humanidade e também na vivência pessoal do sujeito, na sua relação com o mundo.

De modo semelhante, Hauser (1984) – historiador da arte – também traz uma concepção de arte vinculada à sociedade. Para ele, a arte tem como princípio a experiência do sujeito, a vida cotidiana, a práxis; por isso, por mais que ela seja estilizada pelo sujeito, de maneira fantástica ou absurda, nunca parte do mundo das ideias, transcendente e metafísico, mas, sim, da experiência do homem no mundo material. Assim, a arte é “a expressão de uma visão de mundo condicionada socialmente” (Hauser, 1984, p. 27), que só tem sentido no conjunto da totalidade da vida.

Hauser acrescenta, em relação ao artista, que o mesmo é, assim como as demais pessoas, produto e produtor da sociedade, e que se diferencia apenas por usar uma linguagem específica para comunicar a sua relação consigo mesmo e com o mundo. Portanto, “a arte é, como a linguagem, o resultado da fusão de um idioma colectivo transmitido com as constantes inovações de cada indivíduo” (Hauser, 1984, p. 48), é uma forma de expressão que faz uso de vários signos artísticos para dar conta do homem socialmente constituído.

Mesmo sendo fruto de uma dada época, a significação da arte se mantém atemporal, porque as obras revelam o carácter humano, além de serem sempre reproduzidas ou recriadas de modo a fazer parte de outros momentos da história. Como escreve Hauser (1984),

A história das obras de arte não acaba quando seus autores se separam delas; continuam a sua metamorfose, de que depende a sua existência, e adquirem não só novas e inesperadas características, mas também um novo sentido talvez incompreensível e muitas vezes estranho para a geração anterior. (pp. 79-80)

Nesse ponto Hauser (1984) mostra que considera a arte não como algo fechado, mas como uma linguagem que admite múltiplos sentidos na medida em que se encontra com inúmeros sujeitos. Fala, então, de uma arte que “[...] tem como objetivo parecer evocatória e provocar nos seus ouvintes, espectadores ou leitores, emoções e exortações à ação ou à

oposição” (p. 92). Propõe uma arte que, na sua fruição, provoca, mobiliza, suscita de modo consciente ou inconsciente, sempre no sentido de tornar o homem capaz de conhecer e mudar o mundo e a si próprio. Em consonância com essa visão, Bukhárin (1970) afirma, citando Tolstói, que “a arte é um meio de contagiar emocionalmente os homens” (p. 111), que ela sistematiza os sentimentos, traduzindo-os na linguagem das formas para que sejam, então, disseminados socialmente.

Por sua vez, Fischer (1976) também fala da arte como forma de trabalho resultante da atuação e transformação da natureza pelo homem. Sendo a arte uma produção da vida material, o referido autor acredita que o artista produz sempre segundo o momento histórico e social do qual faz parte, de modo que, ao longo da história da humanidade, a arte passou por várias mudanças, à medida que a sociedade alterava o curso do seu desenvolvimento. Assim, afirma o autor, “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo (Fischer, 1976, p. 20)”, uma vez que “[...] capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. *A arte, ela própria, é uma realidade social*<sup>7</sup>” (p. 57).

Por fim, cabe destacar a concepção de Vigotski (1999), de que a arte “[...] é o social em nós [...]” (p. 315), e que é traduzida na presente pesquisa como toda arte criada pelo homem a partir do real e da sua subjetividade. É a música, o filme, ou o poema, que nos remete a nossa humanidade, que engendra uma nova realidade, novas formas de perceber o mundo e o outro, que nos desperta para a construção de novos sentidos sobre as coisas. É a arte que tem caráter psicossocial – combina as vivências individuais com a percepção do contexto social e cultural –, a atividade por meio da qual o homem se forma e interage com o outro e o meio, em uma relação de troca.

---

<sup>7</sup> Em itálico no original.

## **2.2 A arte na obra de Vigotski**

Assim como os autores acima referidos, Vigotski (1999, 2009) também concebe a arte como fruto do trabalho humano, e adiciona elementos relevantes para a discussão acerca da arte, que serão apresentados a seguir.

Vigotski (2009) afirma que toda atividade criadora advém da imaginação, e é esta que possibilita a criação de todas as obras do homem, inclusive a arte. A obra de arte é, então, a imaginação na sua forma material, cristalizada.

Sendo assim, a imaginação é entendida por Vigotski (2009) “como atividade humana, elaborada com base na experiência sensível transformada pela própria produção do homem, pela possibilidade de significação, pela cultura” (p. 20). Logo, a imaginação, base de toda atividade criadora, é uma função vital e necessária, que o homem utiliza para se relacionar com a realidade. Para Vigotski (2009), essa relação com o real a partir da imaginação ou atividade criadora pode ocorrer de quatro formas distintas: a primeira refere-se ao fato de que a imaginação, em seu processo criativo, se utiliza de elementos tomados da realidade, com base na experiência anterior do sujeito; a segunda forma de relação entre a imaginação e a realidade reside na evidência de que o sujeito pode criar também a partir de estudos e relatos de outras pessoas, isto é, a partir da experiência do outro; a terceira refere-se ao caráter emocional, uma vez que, para o autor, uma emoção específica suscita imagens, impressões e ideias que têm sentido para o sujeito internamente, assim como a imaginação suscita elementos afetivos; e, por fim, a quarta diz respeito à cristalização da emoção, na criação de um objeto que passa a existir no mundo real e afetar as pessoas e as coisas, fazendo da imaginação uma realidade.

Assim, tomando a arte como atividade criadora resultante dos processos imaginativos do homem social, é importante assinalar que as obras de arte constituem preciosos veículos de mediação da relação do homem com o mundo, e sua criação pode ser entendida de maneira circular, pois

Os elementos de que são construídos foram hauridos da realidade pela pessoa. Internamente, em seu pensamento, foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produto da imaginação. Finalmente, ao se encarnarem, retornam à realidade, mas já como uma nova força ativa que a modifica (Vigotski, 2009, p. 30).

A obra de arte, portanto, surge da realidade (externa e interna do sujeito) e nela influi, consistindo numa forma de expressão e comunicação do homem, que remete especialmente à emoção. Nas palavras do próprio Vigotski (1999), “[...] a arte é uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica de sentimentos [...]” (p. 308), ela agrega à vida social os aspectos mais pessoais do sujeito, de tal modo que “seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem por isso deixar de continuar social” (p. 315).

Assim, a emoção aparece como central no estudo sobre a arte proposto por Vigotski (1999), pois considera que, em contato com a obra de arte, o homem pode exteriorizar seus sentimentos, dando uma existência social e objetiva a eles, por meio da catarse<sup>8</sup>. A catarse é entendida, neste caso, como um processo que envolve a superação dos sentimentos não realizados, ou seja, refere-se à expressão de aspectos do psiquismo humano que não encontram vazão no dia a dia.

Ainda com relação à catarse, Vigotski (1999) diz

---

<sup>8</sup> A palavra catarse utilizada aqui não se refere ao conceito psicanalítico, que compreende “[...] o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados” (Roudinesco, 1997, p. 107). Vale lembrar que o próprio Vigotski (1999), ao fazer uso deste termo no livro *Psicologia da arte*, até se desculpa, dizendo utilizá-lo por empréstimo por não ter encontrado palavra mais adequada.

[...] que nenhum outro termo, dentre os empregados até agora em psicologia, traduz com tanta plenitude e clareza o fato, central para a reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz, no fundo, na catarse, ou seja, a complexa transformação dos sentimentos. (p. 270)

Assumpção (2011), que colabora no entendimento desta questão, observa que, assim como ocorre no ato criador, a fruição da arte também pode promover o desencadeamento da catarse, pois não há passividade na percepção estética, ao contrário, há um considerável gasto de energia e trabalho psíquico proporcional à comoção que a obra provoca na pessoa. Como esclarece Vigotski (1999), a fruição da arte requer uma elevada atividade psíquica, uma vez que, na percepção estética,

[...] não basta simplesmente vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender da estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude. (p. 314)

Esse processo catártico, isto é, a reação estética que pode ocorrer no encontro do sujeito com a obra de arte, envolve, assim como no processo de sua criação, a relação entre a emoção e a imaginação, uma vez que toda emoção utiliza a imaginação para criar representações, que também provocam, por seu turno, uma nova expressão do sentimento. Assim, o sentimento e a fantasia são processos que se cruzam de tal forma que esta pode ser considerada “[...] como expressão central da reação emocional” (Vigotski, 1999, p. 264).

Logo, a expressão emocional do sujeito diante de uma obra de arte está ligada diretamente à sua imaginação, pois ambas (emoção e imaginação) são processos que se desenvolvem em interação. A arte desperta uma emoção, à medida que o sujeito se projeta na obra, se deixa tocar por ela, num movimento ativo e dialético. A vivência não é real, mas a emoção é; assim, a arte possibilita ao sujeito, pelo uso da imaginação, acessar emoções importantes sem a experiência real de uma dada situação. Isto nos diz muito acerca da sua

riqueza, pois ela comunica e possibilita o acesso a certas questões sem que necessariamente o sujeito precise vivê-las, permitindo-lhe o melhor entendimento de si e das coisas do mundo, uma vez que, por meio dela, é possível construir novos sentidos sobre a vida (Japiassu, 1999).

Nessa direção, Toassa (2009) desenvolve um estudo importante sobre as emoções em Vigotski, trazendo observações interessantes acerca da relação destas com a arte na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. A autora afirma que a arte tem o papel de socializar emoções, que muitas vezes eram incomunicáveis, ao dar-lhes uma existência material através dos diversos signos linguísticos. Ela possibilita a universalização dessas emoções representando-as por meio de signos específicos (notas musicais, palavras, cores, formas, etc.), que, ao entrarem em contato com o sujeito, permitem o rompimento do seu equilíbrio interno, levando-o a organizar seus sentimentos de outra forma, além de intermediar o acesso e a revivência de certas emoções íntimas que podem então ser superadas, ampliando as possibilidades do sentir e sensibilizando o sujeito para vivências futuras. Em síntese, o contato com a arte provoca o surgimento de novas organizações do pensamento em relação aos sentimentos humanos, trazendo à tona diferentes sentidos sobre a realidade.

Toassa (2009) acrescenta, em relação à “socialidade da arte”<sup>9</sup>, que outro fator importante é a comunicação entre as pessoas sobre os efeitos que a fruição de uma obra de arte suscita, uma vez que “[...] a apreciação de uma obra pode ser estopim para a troca de ideias sobre sentimentos que ganharam novo sentido, sendo disponibilizados para a vida social em geral e o contato humano” (p. 92).

Tais afirmações vão ao encontro do objetivo principal desta pesquisa, que é socializar os sentidos construídos a partir do encontro com algumas obras de arte no grupo Tertúlia e fazer desse compartilhamento possibilidade para o surgimento de outros sentidos em relação aos sentimentos aflorados nesse encontro, já que “[...] a vivência de uma obra de arte pode

---

<sup>9</sup> A expressão foi extraída de Toassa (2009).

exercer um amplo efeito intelectual-afetivo, ampliando a nossa concepção sobre todo um campo de fenômenos, levando-nos a vê-lo com outros olhos [...]” (Toassa, 2009, p. 92).

### **CAPÍTULO 3 – MÉTODO E METODOLOGIA: EPISTEMOLOGIA E CAMINHOS PERCORRIDOS**

Depois de apresentar as concepções teóricas que fundamentam a presente pesquisa e que versam sobre a constituição do sujeito, a construção do processo de significação e sobre a arte como produto da vida social humana, neste capítulo discorro a respeito do método e da metodologia utilizados no desenvolvimento deste estudo.

Cabe ressaltar que estes pontos são tratados separadamente nesta seção apenas por uma questão didática, já que isto possibilita um entendimento mais claro acerca do trabalho em questão; porém, método e metodologia estiveram presentes em todas as etapas deste estudo, pois ambos implicam na escolha de um referencial teórico próprio que determina uma concepção de mundo e de homem específicas que são fundamentais para o desenvolvimento de qualquer trabalho científico (Asbahr, 2005).

Como o estudo se baseia na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e, por conseguinte, no Materialismo Histórico Dialético de Marx e Engels, que determinou o legado teórico daquele autor, procurei me inspirar no método dialético marxista para fazer a análise do *corpus* de pesquisa, em consonância com os preceitos destas abordagens teóricas.

#### **3.1 Princípios teórico-metodológicos: o método proposto pelo Materialismo Histórico Dialético**

Segundo Delari Jr. (2009), Vigotski sempre teve uma preocupação especial com a questão do método em seus estudos, tanto que chegou a dizer em uma carta a Luria: “a questão primária é a questão do método; esta é para mim a questão da verdade” (Vigotski,

2007, citado por Delari Jr., 2009, p. 1). Para Vigotski (2004), o método refere-se à perspectiva teórica escolhida para nortear o desenvolvimento da pesquisa, e o termo metodologia caracteriza o caminho percorrido para o desenvolvimento da mesma, ou seja, os procedimentos técnicos adotados.

Baseando-se no Materialismo Histórico Dialético para desenvolver um método materialista para a Psicologia, Vigotski (1984) elencou alguns preceitos básicos para a análise dos fenômenos humanos nessa perspectiva. Para o autor, em uma pesquisa científica, o fenômeno deve ser analisado em seu processo, ao invés de se tomar como base o objeto em si; o objetivo da pesquisa não deve ser descrever o fenômeno, mas explicá-lo estabelecendo uma relação entre os vários fatores que o determinam; e, por fim, a análise deve partir do concreto real para as relações mais básicas que determinam tal fenômeno, compreendendo-o em sua essência histórica. Assim, o conhecimento científico deve ser desenvolvido de maneira dialética, considerando o objeto de estudo “[...] em seu movimento, em sua historicidade, em sua complexidade” (Asbahr, 2005, p. 71).

Nos escritos de Marx (2008) sobre o método da economia política, é possível verificar mais claramente sua importante influência sobre os preceitos metodológicos estabelecidos por Vigotski. De acordo com Marx (2008), o estudo de um fenômeno deve ter como ponto de partida a sua manifestação concreta, real; aquilo que ele chama de “unidade do diverso” que aparece no nosso pensamento, num primeiro momento, como síntese de muitas determinações que não conseguimos perceber quando analisamos o fenômeno apenas em sua aparência. Em seguida, faz-se necessário estabelecer abstrações ou conceitos que contemplem o fenômeno como um todo e que conduzam às suas determinações históricas mais simples. Por último, após destrinchar os nexos causais mais essenciais de tal fenômeno, Marx recomenda fazer o caminho inverso, partindo das abstrações elementares para o todo concreto, “mas dessa vez

não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (Marx, 2008, p. 258).

Assim, para o Materialismo Histórico Dialético, a apreensão do fenômeno não se dá apenas pelo contato direto com a realidade, pois, para compreendê-lo de maneira dialética, é necessário fazer uso de abstrações ou conceitos que estabelecem as relações entre os fatores que o determinam (Asbahr, 2005). Porém, o ponto de partida é a manifestação complexa do fenômeno na realidade, pois é a partir da ocorrência do fenômeno em sua forma mais desenvolvida que se torna possível compreender as abstrações mais simples que o compõem verdadeiramente.

Nesse mesmo sentido, Vigotski (1984) afirma que, em um estudo científico, o objeto só pode ser compreendido de fato seguindo-se do abstrato para o concreto, a partir das do estabelecimento das unidades de análise que contemplam as relações entre os fatos que determinam o fenômeno. Vigotski nomeia esta ascensão do abstrato ao real concreto por meio das unidades de análise – chamadas por Marx (2008) de abstrações – de “método inverso”, pois entende que a compreensão da realidade de maneira científica deve partir da apreensão do objeto complexo, seguido da investigação de suas determinações mais básicas ao longo da história, para, por fim, retornar ao objeto amparado pela teoria, percebendo-o em sua complexidade.

Foi inspirada no método proposto pelo Materialismo Histórico Dialético e nas considerações de Vigotski acerca deste que busquei desenvolver a presente pesquisa, mesmo sabendo dos desafios e dificuldades dessa escolha, já que tal proposta metodológica apresenta grande complexidade. Apesar disso e consciente das minhas limitações em relação a este método dialético, que contraria a lógica formal e linear sob a qual aprendemos a olhar o mundo; instigada pela necessidade de compreender de que maneira a construção e o compartilhamento de sentidos sobre a arte pode colaborar na constituição do sujeito, propus a

formação de um grupo com alunos do curso de graduação em Psicologia – o grupo Tertúlia –, para apreciar a arte em suas diferentes formas e conversar sobre os sentidos construídos a partir desta vivência, com o intuito de obter elementos concretos que me possibilitassem compreender melhor este fenômeno.

Assim, surgiu a necessidade de investigar tal fenômeno em suas conexões mais intrínsecas. Então busquei estabelecer as abstrações ou conceitos que seriam fundamentais para o entendimento dialético da questão: o entendimento sobre a constituição do sujeito por meio da mediação semiótica; a compreensão do processo de significação, mais especificamente da construção de sentidos sobre a arte, e o entendimento da arte como produto da vida social.

Na sequência, apresento as estratégias utilizadas na composição e na organização do *corpus* de pesquisa, descrevendo os procedimentos metodológicos adotados para a apreensão e a análise do contexto investigado.

### **3.2 O contexto da pesquisa**

Antes de adentrar de fato no *corpus* de pesquisa construído para os fins desta investigação, trago informações gerais sobre o contexto em que este trabalho foi desenvolvido.

Considerando que o foco da investigação foi direcionado para a formação de um grupo com alunos do curso de graduação em Psicologia da UFU, cujo intuito era apreciar a arte em suas diferentes formas e conversar sobre os sentidos construídos a partir desta vivência, o contexto desta pesquisa limitou-se à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mais especificamente ao curso de graduação em Psicologia.

A escolha por realizar este trabalho em um contexto universitário, com alunos do curso de Psicologia, foi motivada pelos apontamentos feitos por Ribeiro (2001) e Silva (2005) sobre a importância de se formar profissionais mais humanizados, e também pelo fato de já haver uma abertura para discussões sobre a arte e a constituição do sujeito neste cenário. O referido curso tem uma história de afinidade com as questões artísticas: a disciplina “Psicologia Ciência e Profissão”, oferecida no primeiro período, contempla discussões sobre a arte em seu programa. Como aluna deste curso, participei do grupo “Psicologia e Arte”, assim que ingressei na universidade e, posteriormente, fui estagiária (e no mestrado estagiária em docência) da disciplina “Psicologia Ciência e Profissão”, de modo que pude acompanhar sob diferentes perspectivas a repercussão destas vivências com a arte na formação dos futuros psicólogos. Desse modo, a opção por este contexto para desenvolver uma pesquisa, que pretende justamente compreender a maneira como a construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte influem na constituição da pessoa, se mostrou bastante coerente e promissora.

### **3.3 Os participantes**

Uma vez decidido o contexto de realização da pesquisa, restava determinar o número de integrantes do grupo a ser investigado. Assim, este trabalho contou com a participação de onze pessoas, que compuseram o grupo Tertúlia: eu, que me considero participante, pois também vivenciei com o grupo a experiência de construir e compartilhar sentidos sobre a arte, e dez alunos de diversos períodos do curso de graduação em Psicologia da UFU.

Vale lembrar que a participação de todos foi voluntária e que os procedimentos realizados no grupo foram autorizados pelos participantes, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

### 3.4 Construção do *corpus* de pesquisa

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, iniciei os procedimentos necessários à construção do *corpus* de pesquisa, ou seja, a formação do grupo Tertúlia.

Antes de existir concretamente, o grupo foi gestado e planejado, em linhas gerais, por minha orientadora e eu. A ideia inicial era de que ele fosse composto por até doze alunos da graduação em Psicologia, com idade igual ou superior a dezoito anos. Os encontros seriam semanais, com duração média de duas horas e trinta minutos, tempo em que nos dedicaríamos à apreciação de representações de obras de arte e à partilha de sentidos sobre a vivência em questão. Estes encontros seriam registrados em áudio e vídeo, com o consentimento dos participantes, construindo assim o *corpus* desta investigação.

É importante reiterar que a pesquisa restringiu-se aos alunos do curso de Psicologia, devido à relevância das vivências que tive com a arte ao longo da minha graduação e que tanto contribuíram para a minha formação como pessoa, psicóloga e pesquisadora. Também o fato de haver no referido curso uma abertura para o diálogo com a arte apresentava-se como um indício de que, entre os alunos haveria pessoas que assim como eu viam no contato com a arte uma possibilidade de transformar-se e formar-se como ser social. Além disso, cabe salientar que a quantidade de participantes e o tempo de duração dos encontros foram determinados pensando tanto na operacionalização dos encontros quanto na qualidade e intensidade das relações estabelecidas entre e pelos participantes.

Para dar início à composição do grupo, elaborei cartazes (Apêndice A) convidando os alunos do curso de Psicologia para participarem da reunião de divulgação do grupo vinculado à pesquisa que ora desenvolvia. Os cartazes ficaram afixados no bloco do curso de Psicologia

da UFU, durante os cinco dias que antecederam a reunião. A partir de então, algumas pessoas começaram a entrar em contato comigo e/ou com a minha orientadora, demonstrando interesse em participar do grupo.

No dia da reunião para divulgação do grupo, as pessoas foram chegando aos poucos, umas conhecidas, outras não e traziam notícias de outras que estavam a caminho, até que iniciamos a reunião com a presença de doze pessoas, além de mim.

Fizemos uma breve apresentação, em que cada um se identificou dizendo o nome, a idade, o período que estava cursando e os motivos pelos quais desejava participar daquele grupo. Em seguida, expus a proposta da pesquisa, expliquei detalhadamente todas as questões que envolviam a realização dos encontros em grupo, desde o objetivo, a duração, o local, a necessidade de filmar etc. e esclareci as dúvidas dos alunos, que giraram em torno de perguntas sobre horário, frequência e certificado. Das doze pessoas presentes, sete confirmaram sua participação.

Para finalizar a reunião, mesmo não havendo a necessidade de selecionar os interessados, solicitei que eles escrevessem uma breve carta de intenções, justificando o interesse em participar do grupo. Algumas pessoas estavam apressadas por conta de outros compromissos acadêmicos, por isso, apenas quatro pessoas escreveram naquele momento e as demais me enviaram depois por e-mail ou me entregaram ao longo dos encontros. Estas cartas de intenções já revelaram informações importantes para a composição do material a ser analisado, tanto que serão mais detalhadas no próximo capítulo.

Encerramos a reunião combinando que nos encontraríamos na semana seguinte, para definirmos o horário e o dia em que os encontros iriam acontecer ao longo do segundo semestre de 2011, e deixando aberta a possibilidade de convidar novas pessoas, já que até aquele momento o grupo contava com a participação de sete alunos da graduação, restando ainda cinco vagas. Depois, eu mesma entrei em contato com outras pessoas que haviam me

procurado interessadas em participar do grupo, mas que não puderam estar presentes neste primeiro momento.

Em nossa segunda reunião, definimos, de acordo com a disponibilidade de todos os interessados, o dia e o horário dos encontros, que se realizariam semanalmente de agosto a dezembro de 2011, sendo doze encontros no total.

Além dos encontros do grupo Tertúlia, que resultariam nas filmagens e suas transcrições, visando construir um material que possibilitasse diferentes formas de apreensão do fenômeno estudado, solicitei aos participantes a elaboração de um portfólio final, que trouxesse de maneira criativa e autoral o registro das experiências mais significativas que cada um vivera no grupo, para também compor o *corpus* da investigação.

A escolha pelo portfólio, que Villas Boas (2004) define como o conjunto das produções do aluno que demonstram as evidências do seu processo de aprendizagem, está ligada à experiência que tive como estagiária de Psicologia Escolar na disciplina “Psicologia Ciência e Profissão”, em que este era solicitado aos alunos como avaliação final. Observar o envolvimento e a maneira surpreendente como cada estudante expressava o modo como havia apreendido os conteúdos da disciplina me fez acreditar que a confecção de portfólios pelos participantes do grupo Tertúlia seria de muito proveito para eu entender de maneira mais aprofundada o modo como a construção de sentidos no contato com obras de arte contribui na constituição do sujeito.

De modo geral, o portfólio é uma pasta que contém os melhores trabalhos de um artista. Na educação, porém, o portfólio pode ser construído pelo próprio aluno, sendo assim “[...] uma coleção de suas produções, as quais apresentam as evidências da sua aprendizagem. É organizado por ele próprio para que ele e o professor, em conjunto, possam acompanhar o seu progresso” (Villas Boas, 2004, p. 38).

Também segundo Gardner (1994), o portfólio é um espaço para registrar todos os passos percorridos pelo aluno durante sua trajetória de aprendizagem. Nele, o aluno vai registrando aos poucos suas impressões, reflexões, sentimentos e questionamentos acerca de um dado conteúdo e também as relações que conseguiu estabelecer entre este conhecimento e a sua vida.

O portfólio é, portanto, um instrumento de reflexão que propicia maior envolvimento do aluno com as atividades de ensino, além de favorecer o exercício do pensamento crítico, reflexivo e autônomo. Ele evidencia a todo o momento, para o educador e para o educando, o processo de reflexão e aquisição de conhecimento traçado pelo estudante, deixando o processo de ensino-aprendizagem mais consciente para ambos (Sá-Chaves, 2000).

### **3.5 Metodologias de apreensão e registro do *corpus* de pesquisa**

Com o intuito de registrar fielmente as experiências vivenciadas no grupo Tertúlia assim obter um material que me possibilitasse uma maior aproximação do fenômeno estudado, optei, em acordo com minha orientadora, pela utilização da videogravação para registrar os encontros.

Loizos (2008) afirma que o uso do vídeo como recurso metodológico torna-se necessário “[...] sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto este se desenrola” (p. 149). No caso desta pesquisa, a utilização da filmadora como instrumento metodológico foi essencial, pois o fenômeno observado – a construção e o compartilhamento de sentidos acerca de algumas obras de arte por um grupo de onze pessoas – era de extrema complexidade e de difícil apreensão por mim que ao mesmo tempo era pesquisadora e participante.

Assim, diante do objeto de estudo em questão, o uso da videogravação me pareceu o mais recomendado, pois, com a utilização deste recurso, poderia capturar com maior precisão as expressões, postura, voz e movimentação de todo o grupo, o que me permitiria “[...] registrar, até mesmo, acontecimentos fugazes e não-repetíveis que muito provavelmente escapariam a uma observação direta” (Sadalla & Larocca, 2004, p. 423). Além disso, o fato de poder revisitar o material quantas vezes fosse necessário, de diferentes maneiras (pausando, congelando a imagem, saltando partes) e em momentos distintos, possibilitaria uma análise mais detalhada e rica, considerando a complexidade do fenômeno estudado (Sadalla & Larocca, 2004).

Com relação aos aspectos técnicos da videogravação, nesta pesquisa foi utilizada uma filmadora digital, fixada sobre um tripé, numa posição em que o foco abrangia toda a sala, alcançava todos os integrantes do grupo. A utilização do tripé foi uma forma de garantir o sigilo das filmagens, uma vez que os próprios participantes haviam decidido que apenas eu e minha orientadora teríamos acesso ao conteúdo dos encontros, já que naquele espaço eles expressavam sentimentos íntimos. Além disso, como ressaltam Garcez, Duarte e Eisenberg (2011), o tripé foi eficiente porque todos os encontros foram realizados em uma sala de aula, cujo espaço era restrito e de abrangência satisfatória pela câmera utilizada; mas também teve papel fundamental ao manter a câmera firme durante as filmagens, que duravam duas horas e meia.

No que se refere à catalogação e organização do material videogravado, após cada encontro, este material era transferido para o computador e identificado com data e tema central. Na sequência, as filmagens foram assistidas na íntegra e transcritas sob a forma de narrativa.

A opção por não fazer uma transcrição literal, que considerasse as falas e gestos dos participantes exatamente como foram expostos na gravação, foi inspirada na leitura do livro

*Acordais*, de Machado (2004), em que pude compreender o poder que a narrativa tem de nos transportar para dentro das histórias, fornecendo-nos a possibilidade de reviver, à nossa maneira, o que está sendo relatado. Assim, à medida que transpunha as videograções em narrativas, valorizando o conteúdo das falas dos participantes, eu estabelecia um diálogo mais íntimo com o grupo Tertúlia e já construía sentidos sobre aquelas vivências.

Considerando o processo de análise de materiais audiovisuais, Rose (2008) afirma que este procedimento envolve o ato de transladar ou trasladar, que, segundo o *Dicionário Aurélio* (1989, p. 507), refere-se ao ato de transferir, traduzir, transcrever. Para a referida autora,

[...] cada traslado implica em decisões e escolhas. Existirão sempre alternativas viáveis às escolhas concretas feitas, e o que é deixado fora é tão importante quanto o que está presente. A escolha, dentro de um campo múltiplo, é especialmente importante quando se analisa um meio complexo onde a translação irá, normalmente, tomar a forma de simplificação (Rose, 2008, pp. 343-344).

Sendo assim, mesmo sabendo que a utilização da transcrição iria simplificar os dados registrados pela videogração, tal recurso metodológico se mostrou como o mais recomendável para a pesquisa em questão, já que se tratava de um fenômeno complexo, cuja gravação apenas em áudio redundaria em maiores dificuldades para catalogar o material, uma vez que tornaria mais difícil a identificação das falas em grupo e não haveria registro algum das expressões não verbais e do contexto do grupo em si.

Vale lembrar que “a finalidade da transcrição é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação. Ela translada e simplifica a imagem complexa [...]” (Rose, 2008, p. 348). Neste caso, a transcrição das filmagens em texto escrito narrativo e o exercício de rever as videograções possibilitaram-me apreender o fenômeno estudado de maneira mais profunda, facilitando a determinação das categorias de análise e servindo, inclusive, como um *feedback* para mim como pesquisadora, pois possibilitou que eu observasse, minhas intervenções, postura, gestos e ações durante os encontros com o grupo

Tertúlia (Tosta, 2006). Tal procedimento de autoavaliação é denominado autoscopia e se refere à ação do sujeito de se auto-observar por meio da videogravação, com intuito de se analisar, se perceber, confrontar-se (Fernandes, 2004).

Assim, as videograções e o processo de sua transcrição acabaram sendo um recurso mediador para mim, pois, por meio do processo de autoscopia, pude perceber, por exemplo, que às vezes eu não dava um intervalo entre as falas dos participantes, ou seja, tolerava pouco os silêncios e que, apesar de estar à frente do grupo como pesquisadora, expressava minhas opiniões e questionamentos do mesmo modo como faziam os demais participantes, estabelecendo assim uma relação de igualdade entre nós. Desse modo, as transcrições colaboraram muito na apreensão do fenômeno e na minha constituição como pesquisadora.

Por fim, com relação aos portfólios construídos pelos participantes, pedi autorização para levá-los comigo, para que pudesse tê-los à mão na ocasião da análise, e também os fotografei no momento da entrega no último encontro do grupo Tertúlia, a fim de registrar a criação dos participantes. Para melhor visualizá-los, apresento uma foto de todos eles juntos no Apêndice B.

### **3.6 A construção dos procedimentos de análise**

Diante da grande quantidade de informações que compôs o *corpus* de pesquisa desta dissertação – as transcrições dos doze encontros realizados pelo grupo Tertúlia, as cartas de intenções em participar do grupo e a que contava sobre a ligação dos participantes com a arte e os portfólios –, deparei-me com inúmeras reflexões acerca do modo mais adequado de realizar uma análise coerente com o método materialista histórico dialético.

Considerando isto, iniciei o processo de análise com a organização do material videogravado, fonte principal e mais extensa de informações desta investigação. Por meio do

estudo incansável acerca deste material, percebi que à medida que os participantes expunham os sentidos suscitados pelas obras de arte apreciadas, alguns temas se tornavam mais recorrentes. Então, me debrucei intensamente sobre as narrativas de todos os encontros e constatei que era possível organizar estas informações segundo os temas preponderantes nas conversas entre os participantes.

Como as falas dos tertulianos carregavam em si os sentidos que eles atribuíam às obras apreciadas e/ou aos sentidos compartilhados pelos demais membros do grupo, denominei estas temáticas mais recorrentes, que nada mais são do que categorias descritivas do fenômeno em questão, de núcleos de sentidos e as organizei da seguinte maneira:

- A arte e as vivências pessoais: faz referência aos sentidos expressos pelos participantes, que demonstravam uma relação entre a obra de arte apreciada e suas vivências pessoais. Na maioria das vezes, estas reflexões eram acompanhadas de exemplos ligados ao cotidiano dos tertulianos.
- A arte e aspectos gerais da vida: engloba os sentidos que expressavam um diálogo entre aspectos gerais da vida, como, por exemplo, morte, felicidade, preconceito, e a obra de arte em questão. Este núcleo de sentido se aproxima do anterior, mas se distingue pelo fato de não incluir depoimentos sobre a vida pessoal dos participantes.
- A arte, a cultura e a sociedade: abarca os sentidos que relacionavam a obra de arte apresentada a aspectos ligados à cultura e à sociedade.
- A arte e outras produções humanas: trata dos sentidos que expunham uma relação entre a obra de arte apreciada e outras expressões artísticas, incluindo a referência a outras obras ou artistas, e os sentidos que mencionavam uma relação entre a obra em questão e conhecimentos científicos.

Como o objetivo deste trabalho é compreender como o sujeito se constitui a partir do contato com algumas obras de arte num contexto de grupo, tomando como ênfase os sentidos que são atribuídos às obras e compartilhados pelo grupo possibilitando o surgimento de novos sentidos, a organização do *corpus* de pesquisa em temáticas me pareceu fundamental, pois os núcleos de sentidos aqui apresentados exprimem o tom das principais reflexões feitas pelos tertulianos, indicando em que aspectos provavelmente eles estavam sendo afetados e transformados, já que no processo de significação o sujeito converte o sentido construído na relação com o mundo para o psiquismo, determinando, assim, quem ele é.

Vale ressaltar que os núcleos de sentidos definidos para organizar o material desta pesquisa reportam-se aos sentidos mais recorrentes ao longo dos encontros, mas não correspondem à totalidade de sentidos construídos e compartilhados em tal experiência. No entanto, esta maneira de organizar os sentidos expressos pelos participantes acerca das obras de arte apreciadas esclarece a maneira como no contato com o *corpus* de pesquisa fui apreendendo a repercussão da arte na constituição daqueles sujeitos.

Visando superar a mera organização e descrição do *corpus* de pesquisa, tendo sempre claros o objetivo e os principais conceitos teóricos utilizados para desenvolver esta dissertação, busquei elucidar os trechos apresentados nos núcleos de sentidos acrescentando explicações teóricas, fundamentando assim a análise do fenômeno estudado. Desse modo, os núcleos de sentidos passam de simples categorias descritivas para categorias explicativas, uma vez que demonstram os sentidos que foram construídos e compartilhados pelos tertulianos e o modo como estes se constituíam a partir desta vivência.

Ainda em relação aos procedimentos de análise do *corpus* da investigação, cabe, por fim, apontar, em relação às duas cartas e aos portfólios solicitados aos tertulianos, que, diante das limitações de uma pesquisa de mestrado, para os fins da análise realizada neste trabalho

considere apenas as cartas e o portfólio feito pela participante Rosa<sup>10</sup>, pela relevância deste material, uma vez que dá visibilidade ao seu processo de transformação dentro do grupo, evidenciando o entendimento do objetivo proposto nesta investigação.

---

<sup>10</sup> A imagem do referido portfólio pode ser vista na fotografia apresentada no Apêndice C.

## **CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA: TERTÚLIA EM MOVIMENTO**

Neste capítulo, apresento as informações relativas ao *corpus* de pesquisa, ou seja, descrevo a trajetória do grupo Tertúlia, contando sobre seus participantes e os doze encontros realizados para os fins desta investigação. Apresento também os portfólios construídos pelos participantes e que integram o material analisado neste trabalho.

### **4.1 O grupo Tertúlia: ponto de partida**

A criação deste grupo como proposta principal de construção do *corpus* de pesquisa se deu em consonância com os preceitos da Teoria Histórico-Cultural, uma vez que corrobora a ideia de que o homem se constitui nas e pelas relações sociais, ou seja, a partir do contato com o outro (Pino, 2005). Considerando este pressuposto teórico como central, o grupo ofereceu uma possibilidade primorosa de observar a construção de sentidos sobre a arte, já que os seus integrantes estavam completamente envolvidos na relação com as obras de arte, e sobretudo na relação com o outro, relação esta fundamental à sua constituição como sujeitos. Além disso, a convivência em grupo sempre foi algo recorrente e significativo na minha vida. Fui me constituindo como pessoa a partir dos grupos dos quais fiz e faço parte: os diferentes grupos de jovens na adolescência, o grupo de teatro, o “Grupo Serenidade”, o “Nosso Grupo”, os grupos de estudos na Universidade, os grupos de supervisão de estágio e, por fim, este grupo de arte, o Tertúlia. Todas estas experiências em grupo contribuíram significativamente

para a minha formação pessoal e profissional, uma vez que somos indivíduos coletivos e vivemos em grupo a todo o momento: em família, na escola, no trabalho etc.

Zanella (2002) afirma que a constituição do sujeito acontece no contexto das relações sociais, sendo determinada pelas características dos grupos de que o mesmo participa ou faz parte. O grupo interfere no sujeito e este, por sua vez, o compõe, havendo assim uma constituição dialética na relação sujeito-grupo. Em seus estudos sobre este tema, Zanella (2001) cita, por exemplo, Zimmerman (1997), que define o grupo como um conjunto de pessoas que partilham de um mesmo espaço e de objetivos comuns, e que se caracteriza por ter leis e identidade própria, o que não exclui as identidades específicas de cada membro, além de preservar a comunicação e se organizar em função do grupo e dos seus componentes, ao mesmo tempo. Zanella (2001, p. 106) faz menção também a Rodriguez e Hera (1998), para afirmar que o grupo “[...] configura uma espécie de alma coletiva que induz os sujeitos a sentir, pensar e agir como não fariam em separado”.

Assim, a ideia de formar este grupo responde à minha necessidade de ter parceiros para pensar, sentir e refletir junto comigo sobre as maravilhas da fruição da arte e sobre a forma como somos afetados e transformados nesse encontro com ela. Portanto, a existência deste grupo representa a possibilidade de vivenciar e refletir sobre os sentidos construídos sobre a arte coletivamente e, em última instância, significa ter um espaço para constituir-se pessoal e profissionalmente na relação com a arte e o outro.

Por tudo isso, este grupo foi nomeado, por sugestão de uma de suas participantes (Florabela) e com o consentimento dos demais membros, de Tertúlia, que faz alusão à reunião de pessoas afins. A ideia deste nome, tão coerente com a proposta da pesquisa, surgiu inspirada em uma música de Joca Martins intitulada “Tertúlia”, escolhida para epígrafe inicial deste trabalho.

## 4.2 Os tertulianos: participantes

O grupo Tertúlia foi então composto por onze participantes, incluindo esta pesquisadora. Ressalto que fui também membro do grupo, porque, além de ser a a pessoa que buscava construir informações a partir daquelas vivências para a sua pesquisa de mestrado, mesmo sendo responsável pelo planejamento de cada encontro, procurei estabelecer uma relação horizontal com os participantes, na medida em que, assim como eles, eu experimentava a fruição da arte e expunha meus sentidos sobre aquelas vivências. Portanto, embora eu tivesse consciência de que ocupava um lugar diferente em relação aos demais membros do grupo, durante os encontros eu me entregava, na ânsia de compreender junto com eles as sensações emanadas desse encontro entre o ser humano e a arte.

Como ao longo de todo o trabalho tenho falado sobre mim e minhas intenções com esta pesquisa, sigo agora para a apresentação dos outros dez participantes ou tertulianos. Para isto, trago recortes tanto da carta de interesse em participar do grupo, solicitada durante as reuniões de organização do mesmo, quanto de outra carta requerida no nosso primeiro encontro, em que cada um contou um pouco sobre a presença da arte em sua vida.

*Chico*<sup>11</sup>

Estava no 4º período e não havia participado de nenhuma das reuniões de preparação do grupo. Foi ao primeiro encontro a convite de outra participante (Florbela) e, por isto, não escreveu a carta de interesse em participar do grupo. Contudo, na carta em que contava a sua história com a arte, Chico inicia dizendo: *“Eu não me lembro quando a arte de fato entrou na*

---

<sup>11</sup> Vale relembrar que os nomes aqui utilizados são fictícios e foram escolhidos pelos próprios participantes no encerramento de nossas atividades.

*minha vida, mas eu tenho a impressão de que ela sempre esteve ali.*”<sup>12</sup> Prossegue contando que nem sua família nem a escola o incentivaram a se aproximar da arte, mas, por ter sido uma criança sozinha, acabou sendo levado a criar histórias e brincadeiras, que sempre representava em desenhos depois. Assim, desde pequeno, gostava de desenhar e interpretar, e na adolescência surgiu o interesse por literatura e música, o que o levou a ser um frequentador assíduo de museus, teatros e shows.

### *Florabela*

Também era aluna do 4º período e em sua carta de intenções demonstrou ansiedade e alegria ante a possibilidade de fazer parte daquele grupo. Contou que se sentiu muito sensibilizada com a ideia de união entre a arte e a psicologia, duas áreas que considera fundamentais à humanização do sujeito. Assim escreveu: *“quero ver e viver essa união, acompanhar as mudanças que isso trará, não só em mim e na minha visão de mundo, mas também para as outras pessoas! Tenho uma impressão prévia de que a experiência fará brotar uma Florbela mais sensível, mais capaz de olhar as pessoas por trás das cascas e aparências, mais ligada à essência que nem sempre se faz tão explícita”*. Na carta em que contava sobre a presença da arte no seu dia a dia, Florbela revelou que se tratava de algo intrínseco em sua vida: *“não sei se sou eu que me atiro e mergulho ou se é a arte que me invade sem pedir licença.”* Disse que fizera balé quando pequena, e que ainda na infância queria aprender a tocar teclado, sonhava em conhecer um museu e gostava muito de literatura. Contou que a arte a ajudava a se conhecer, se expressar, se abrir e revelar sentimentos e sensações que não cabiam em palavras; e que, além disso, lhe possibilitava estar mais aberta ao outro, como se a arte os aproximasse pela condição semelhante, de seres humanos.

---

<sup>12</sup> As citações de trechos dos depoimentos (orais e escritos) dos participantes serão grafadas em itálico e estarão entre aspas, a fim de diferenciar-se das citações teóricas.

### *Geórgia*

Era mais uma integrante que estava no 4º período. Ela participou das primeiras reuniões, mas no primeiro encontro não pode estar presente por motivos pessoais; portanto, para apresentá-la farei uso apenas da carta em que diz por que gostaria de participar do grupo. Geórgia relatou que a arte sempre foi uma realidade em sua vida, pois desde cedo foi incentivada pelos pais a ler e a assistir a programas na TV Cultura. Além disso, na escola teve contato com as artes visuais, pôde conhecer alguns pintores e também se apaixonar pela literatura de Cecília Meirelles e Carlos Drummond de Andrade. Disse que se interessou pelo grupo especialmente quando soube que não haveria um estudo teórico sobre a arte, mas *“sim uma discussão sobre a formação pessoal através da arte.”* E fechou seu texto anunciando suas expectativas: *“E quem sabe poderei descobrir, também, o porquê de tantos sentimentos, pensamentos e discussões internas ao ler um simples verso de Paulo Leminski.”*

### *João*

Era um aluno que não estava em um período específico do curso, pois fazia disciplinas com várias turmas e sempre esteve muito envolvido com os acontecimentos artísticos da cidade. Na sua carta de intenções disse que acreditava na arte pelo seu poder transformador e humanizador e contou que seu interesse maior em participar do grupo estava no fato de que a psicologia estava se abrindo para o saber artístico como um aliado, especialmente, na área de educação, voltando-se para o desenvolvimento pleno do sujeito. Já na carta em que relatava sua história com a arte, João escreveu de uma forma poética: *“Arte é arte. Faca que corta e sangra, depois contamina, quando se olha, nem o espelho reconhece. Depois que ela entra,*

*tudo é estética, tudo representa; a gente se perde e se acha e sorri e chora.*” E em ambos os textos ele trata a arte como *“um acontecimento”*.

#### *Marina*

Estava no 5º período, participou das reuniões desde o princípio, mas deixou o grupo, com lágrimas nos olhos, no nosso quinto encontro, por não conseguir conciliá-lo com as demais atividades acadêmicas daquele semestre. Na sua carta de intenções escreveu que vem de uma família composta por estudantes da arte e que gostaria de dedicar mais tempo à apreciação artística. Neste sentido relatou: *“acredito que um contato maior com as diversas Artes, como cinema, pintura, literatura e música, em um grupo de estudantes de Psicologia me proporcionará reflexões sobre a minha prática enquanto profissional e a minha formação enquanto sujeito construtor da realidade.”* Por sua vez, na carta em que contava um pouco sobre sua relação com a arte, falou das muitas experiências vividas por influência da família e da escola e afirmou estar mais próxima da arte pelo fato de desenvolver uma pesquisa de Iniciação Científica, que abordava este tema.

#### *Rosa*

Era aluna do 4º período e havia participado das reuniões desde o início. Em sua carta de intenções contou que era uma admiradora da arte em suas várias manifestações e disse que em muitos momentos se viu curiosa, tentando entender por que a arte afeta tanto o ser humano e, por isso, tinha um interesse especial em participar do grupo. Lamentou o fato de na universidade muitas vezes termos que cumprir as disciplinas em detrimento daquilo que realmente queremos, aludindo à dificuldade que teria em participar do grupo, por vários

motivos pessoais. Já ao relatar sua experiência com a arte, não soube definir bem a maneira como ela estava presente em sua vida, por questionar até mesmo a concepção que tinha desta, uma vez que sua visão se modificara depois da entrada na universidade. E conclui dizendo: *“acredito que na minha história com a arte o que mais me chama a atenção é o sentimento ou sensação de ‘não saber’ que muitas vezes me causa: não entender a mensagem, ou o que provoca em mim, ou o sentido, enfim, acho que com esse contato mais amplo e intenso vou aprender mais sobre isso.”*

### *Sophia*

Aluna do 7º período, Sophia havia participado das reuniões desde o início. Contou na carta de intenções que ficou muito empolgada quando viu o cartaz propondo um grupo que iria unir a psicologia e a arte, pois tinha grande paixão por ambas. Apontou também que julgava ser especialmente importante para os psicólogos este contato com a arte, uma vez que ela possibilita trabalhar nossa sensibilidade e ampliar nosso universo de referências, aspectos estes fundamentais ao exercício da nossa profissão. Na carta em que trazia um pouco da sua história com a arte, falou das boas experiências que teve nas aulas de educação artística e relatou sua forte ligação com a dança: *“[...] sempre digo que a dança me faz sentir sublime, me traz alegria, autoestima e vejo nela a minha melhor forma de expressão. Sinto que por meio dos movimentos corporais me liberto de certas angústias, tensões do dia a dia, enfim, a dança me faz viver e me sentir bem.”*

### *Stella*

Era aluna do 2º período e não tinha participado da primeira reunião de organização do grupo, mas esteve presente desde o primeiro encontro. Em sua carta de intenções disse que gostaria de participar do grupo para conhecer o processo de pesquisa, porque gostava muito de arte e queria poder trocar experiências com pessoas que se interessam pelo tema. Assim expressou o seu interesse pela arte: *“porque arte é um assunto que me absorve totalmente, pois vejo nela a única expressão de liberdade humana, e penso que é por meio dela que as grandes revoluções acontecem, pois o ser humano é altamente influenciável pela produção artística.”* Já na carta em que falava da presença da arte em sua vida, Stella contou que desde pequena os livros supriram sua necessidade de afeto. Contou também que ouvia música clássica na casa da avó, que ouviu muito *rock’n’roll* e *heavy metal* na adolescência e que em um momento de crise começou a participar do coral universitário. Por fim, declarou sua paixão pela música e a literatura: *“com os livros eu penso, com a música eu existo. Tudo que eu penso/sou deriva desses dois aspectos. E é para isso que eu quero viver.”*

### *Thais*

Cursava o 7º período e esteve presente nas reuniões desde o início. Em sua carta de intenções disse que se interessava em participar do grupo por gostar de arte e por acreditar que ela tem muito a contribuir para a formação dos psicólogos, já que desperta as emoções humanas. Ao falar da presença da arte em sua vida, contou a respeito de sua relação intensa com a música, dizendo que o contato com ela *“[...] é capaz de nos levar a grandes mudanças de pensamento, pode mudar nosso humor enquanto soa e mexe com os sentimentos, até mesmo pode nos fazer voltar a momentos que já se passaram.”* Acrescentou também que mantém contato com outras expressões artísticas, especialmente por meio de amigos que têm gostos artísticos afins.

### Vitória

Era aluna do 4º período e demonstrou interesse em participar do grupo desde a sua divulgação. Contou em sua carta de intenções que se interessava em participar do grupo porque já me conhecia: como estagiária, atuei em uma disciplina para a turma dela, ainda no 1º período do curso. Já ao descrever sua história com a arte, salientou o gosto pela literatura: *“[...] gostei muito de livros, antes mesmo de saber ler, eles já eram parte da minha vida, me acalmavam, me faziam viajar para longe dos problemas, que sempre pareceram ser grandes aos olhos de uma criança. Desse jeitinho, tendo livros como amigos, cresci e posso dizer que essa amizade dura e durará sempre.”* Falou também sobre o contato com a música, que se intensificou na adolescência, e com outras obras de arte, a partir da entrada na faculdade, ressaltando o quanto a arte a tem ajudado a se entender e a entender as outras pessoas.

Agora que já conhecemos todos os participantes do grupo Tertúlia, é importante também destacar os laços que nos uniam, uma vez que o contexto de onde emergem os dados a serem analisados é de suma importância, quando partimos de uma perspectiva histórico-cultural. Além de Vitória, que declarou interessar-se pelo grupo por já me conhecer, Chico, Florbela, Geórgia e Rosa também já me conheciam. Quando iniciaram o curso, tiveram no 1º período uma disciplina chamada “Psicologia Ciência e Profissão” na qual eu era estagiária de Psicologia Escolar e nela realizei atividades com eles, junto com outros colegas estagiários, abordando temas diversos ligados à Psicologia como ciência e profissão e tudo o que envolve o universo acadêmico, fazendo uso da arte como mediadora dessas conversas. Sendo assim, cinco dos participantes do grupo eram colegas da mesma sala e éramos conhecidos devido a esta experiência na referida disciplina. Alguns deles, inclusive, acompanharam a minha

entrada no mestrado, sabiam o tema da minha pesquisa e, antes mesmo da divulgação do grupo, já demonstravam interesse em participar dele.

Com relação aos demais componentes do grupo, eu já havia tido um contato maior com João ao longo do curso e também tinha um contato anterior com Thaís, que era aluna do 7º período, em um evento de que participamos. Desse modo, Sophia, que também era do 7º período, Marina, do 5º e Stella, do 2º eram os únicos com os quais eu não havia tido contato anterior.

#### **4.3 A trajetória do grupo Tertúlia: encontros de sujeitos com a arte**

Apresento aqui um breve relato do planejamento e da realização de cada encontro, contando um pouco sobre as temáticas e as atividades desenvolvidas. O intuito é oferecer uma visão geral da trajetória do grupo Tertúlia, para que o leitor possa compreender como se deram nossos encontros e, inclusive, explicitar a metodologia de funcionamento do grupo. Uma vez que a transcrição detalhada de cada encontro resultou num compilado extenso de anotações, a descrição a seguir apresenta uma síntese do que aconteceu nos encontros.

Antes de iniciar a descrição, é importante dizer que a escolha das obras de arte apresentadas no grupo se baseou, por um lado, nas áreas de interesse propostas pelos participantes no primeiro encontro, quando pedi que sugerissem temáticas e obras que gostariam de vivenciar naquele espaço, e, por outro lado, naquilo que minha orientadora e eu conhecíamos e considerávamos interessante para as discussões. Assim, as obras de arte apresentadas faziam parte do nosso repertório pessoal e tinham para nós um sentido especial, mas jamais consideradas como expressões artísticas superiores. A escolha foi feita simplesmente segundo nossas vivências e possibilidades de acesso, embora houvesse um

cuidado especial em buscar apresentar obras de arte que tinham menor circulação no circuito comercial, a fim de ampliar e enriquecer o repertório artístico dos participantes.

Retomando Calvino (2007), em seu livro *Por que ler os clássicos*, posso dizer que eu e minha orientadora escolhíamos os “nossos clássicos” para serem apresentados ao grupo Tertúlia, já que, na concepção desse autor, uma obra clássica seria aquela que se comunica com o homem de maneira específica e que tem uma ressonância cultural própria; são as obras que sempre nos surpreendem e têm algo a nos dizer. Vale ressaltar que algumas obras de arte eu já conhecia, outras me foram apresentadas ao longo do trabalho com o grupo, por minha orientadora; o mesmo ocorria com os demais participantes, que conheciam algumas obras e outras, não.

Considerando os doze encontros realizados pelo grupo Tertúlia, com o intuito de compor o *corpus* de investigação, segue-se a descrição dos mesmos.

### ***Primeiro encontro – Apresentação***

No primeiro dia em que nos reunimos para iniciar, de fato, as atividades do grupo Tertúlia, eu estava bastante ansiosa, por motivos pessoais e pela novidade da experiência. Das nove pessoas que estavam confirmadas, duas tiveram imprevistos (Vitória e Geórgia) e apenas sete compareceriam. Mas, para minha surpresa, mais uma pessoa (Chico) chegou, convidada por outra participante (Florabela); assim, oito estiveram presentes. Dentre estas, duas (Chico e Stella) não haviam participado da reunião em que fiz o convite para a formação do grupo, por isso, retomei com detalhes os esclarecimentos sobre o objetivo da proposta, enfatizando a importância de uma participação livre, porém comprometida, por parte dos alunos, já que era a qualidade das experiências vividas por nós que iria constituir os dados da pesquisa.

Sentados em círculo e tendo uma filmadora fixa e um gravador de áudio (utilizado por precaução, caso houvesse falha no equipamento principal) nos registrando, comecei este primeiro encontro sugerindo que nos apresentássemos citando o nome, o período em que estávamos no curso de Psicologia e o último livro, filme ou música com que havíamos tido um contato significativo. Foram citadas obras como: os filmes “A culpa é de Fidel”, “Assalto ao banco central”, “Fahrenheit 451”, “Anticristo”, “O livro de Eli”, “Clube da luta”; os livros “A mulher de trinta anos”, “A erva do diabo”, “Conan”, “O que é loucura”, “Água para elefantes”, “A catedral do mar”, “O homem duplicado”, e as músicas “Tempo perdido” da Legião Urbana e “Conto de areia”, interpretada por Clara Nunes<sup>13</sup>. De modo geral, os participantes buscaram se recordar de um livro, de um filme e de uma música, mesmo não tendo sido solicitado que citassem um exemplar de cada expressão artística.

Em seguida, sugeri que construíssemos coletivamente um contrato (Apêndice D), definindo juntos o que cada um de nós poderia fazer para que nossos encontros fossem interessantes e proveitosos. Considero importante a realização deste tipo de contrato, pois esclarece as expectativas e reais intenções da atividade proposta, além de corresponsabilizar todos pelo funcionamento e existência do grupo. Além disso, ao me voltar para o *corpus* de pesquisa neste momento de análise, percebo que a realização de um contrato neste formato, somado ao modo como me posicionei perante o grupo, propiciou um envolvimento e confiança mútua entre os tertulianos, o que justifica também a riqueza das partilhas desenvolvidas ao longo dos encontros.

Dando sequência às atividades realizadas no primeiro dia, falei sobre o cronograma de datas dos nossos encontros até o fim do semestre, expliquei a necessidade de confecção de um portfólio para compor os dados da pesquisa e que deveria ser entregue no último encontro, provavelmente em dezembro, e entreguei os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

---

<sup>13</sup> Devido à grande quantidade de obras de arte citadas nesta pesquisa, constarão nas referências bibliográficas apenas as obras de arte sugeridas pela pesquisadora e consideradas como centrais na discussão entre os tertulianos.

para que os participantes assinassem. Depois solicitei que dessem sugestões de temas ligados à arte para que eu pudesse, com a ajuda da minha orientadora, organizar as atividades para os nossos doze encontros. Dentre as sugestões, estavam: visitar o Inhotim (Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico) em Belo Horizonte; conhecer mais sobre Oscar Wilde, Rubem Alves, Grupo Corpo, Zé Celso, Vik Muniz, Manuel de Barros, Antônio Nóbrega, trabalhos com grafite e estêncil, dança, cinema, além do interesse em história da arte, quadrinhos, fotografia, arte tumular, animações etc.

Por fim, lemos juntos o conto “As águas do mundo”, do livro *Felicidade clandestina* (1998), de Clarice Lispector, que relata de maneira intensa e envolvente a experiência de uma mulher que mergulha no mar sozinha, com tamanha tranquilidade, que se sente parte dele. Após a leitura, falei um pouco sobre a autora, investiguei a impressão deles sobre o conto e contei que o havia escolhido porque, assim como a mulher da história, me sentia mergulhar profundamente no universo artístico e me misturar a ele. De modo geral, os participantes falaram sobre frases que foram mais significativas para eles ao longo do conto, explicando o porquê e as reflexões que elas lhes suscitaram.

Para encerrar, solicitei que redigissem um texto falando sobre a história deles com a arte. A ideia era conhecer mais a fundo o lugar que a arte ocupava na vida de cada um, de modo que eu também escrevi um texto sobre minha própria história com a arte, o que me ajudou a tornar ainda mais consciente da necessidade de pesquisar esta temática. Trechos destas cartas já foram utilizados anteriormente, neste capítulo, para me auxiliar na apresentação dos participantes.

### ***Segundo encontro – Livros***

No segundo encontro assistimos ao filme “Fahrenheit 451”, de 1966, dirigido por François Truffaut, baseado no conto “Bright Phoenix”, de Ray Bradbury, que conta a história de um lugar dirigido por um regime totalitário, onde a leitura de livros é proibida, sendo os bombeiros responsáveis por fazerem uma fiscalização com o intuito de eliminar (queimar) qualquer tipo de documento escrito. Ao longo da história, um dos bombeiros começa a furtar livros para ler e a partir disto tem sua vida completamente modificada.

Conversamos sobre o conto “Um general na biblioteca”, publicado em 1953 pelo escritor cubano Italo Calvino, que havíamos lido com antecedência. O conto também fala sobre a censura e o poder de libertação dos livros, ao relatar a situação de um país dominado pela ditadura militar, onde a leitura era proibida e os livros tinham que passar pela inspeção de um general para serem considerados lícitos ou não.

Depois de assistirmos ao filme, contei um pouco sobre a história das obras e sobre a vida de seus autores e conversamos sobre ambas, citando de maneira geral a paixão por livros, a liberdade de expressão, alienação, censura, a influência negativa da TV, a medicalização, a negação das emoções etc.; fazendo sempre diversas relações com a nossa vida e, até mesmo, com outras obras de arte.

### ***Terceiro encontro – Felicidade***

O terceiro encontro aconteceu duas semanas depois do último encontro, devido a dois feriados que ocorreram nas quartas-feiras anteriores e por isso nele programamos conversar sobre o conto “Felicidade clandestina” (1998), de Clarice Lispector e o livro “A invenção de Morel” (2006), do autor argentino Adolfo Bioy Casares, lido durante o recesso.

Com o intuito de ilustrar o conto de Clarice e nos ajudar na discussão, levei o curta-metragem “Clandestina felicidade”, produzido em 1998 por Alcir Lacerda e dirigido por Beto

Normal e Marcelo Gomes, que relata o conto trazendo alguns elementos adicionais de outras obras da autora. De modo geral, tanto o conto quanto o curta-metragem contam a história de uma menina que era apaixonada por livros e que desfrutava de uma felicidade deslumbrante na relação com eles. Já o livro de Bioy Casares é um romance de ficção, que relata a história de um fugitivo que vai para uma ilha deserta, onde se depara com um grupo de turistas e uma máquina que reproduz e eterniza momentos especiais do passado.

A discussão acerca dessas obras girou em torno de questionamentos sobre o que é felicidade, liberdade, questões relativas à alegria e à tristeza, à expressão das emoções e o nosso modelo de sociedade, ao sentido da vida, ao amor, invisibilidade social, exclusão etc. Neste dia encerramos o encontro um pouco cansados e angustiados, devido à amplitude da nossa conversa.

#### ***Quarto encontro – Morte***

No quarto encontro, com o intuito de trabalhar a temática da morte solicitada pelos próprios participantes, assistimos ao filme franco-alemão “Hanami – cerejeiras em flor”, de 2008, dirigido por Doris Dorrie. O filme mostra de maneira delicada a história de um casal da terceira idade e a forma como ambos lidam com a morte e com os conflitos familiares. Como o filme tinha duas horas e sete minutos de duração, neste encontro não foi possível realizar o debate acerca dele.

#### ***Quinto encontro – Morte***

Iniciamos o quinto encontro com a discussão sobre o filme “Hanami”. Para resgatar a trama abordada no longa-metragem, falei sobre os dados técnicos do filme e contei algumas

curiosidades a respeito da obra. Em seguida, iniciamos uma longa conversa, que girou em torno dos conflitos familiares identificados no filme e relacionados com a nossa própria convivência em família; a falta de empatia e compressão para com os pais; a fragilidade e a superficialidade da vida; as dificuldades de lidar com a ausência física de uma pessoa querida; as diferenças entre a cultura oriental e ocidental etc.

Depois, vimos algumas imagens de obras de arte tumulares que eu havia selecionado dos cemitérios Père-Lachaise e Montparnasse de Paris, Consolação, Araçá e São Pedro de São Paulo e o cemitério da Recoleta em Buenos Aires. Observamos atentamente as imagens das obras, mantendo uma postura de curiosidade em relação às mesmas, apontando aquelas de que mais havíamos gostado e falamos, sobretudo, a respeito das obras de Brecheret especialmente produzidas para cemitérios.

Na sequência, conversamos um pouco sobre o texto “Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo” (Osman & Ribeiro, 2007), que trata da questão do turismo e das obras de arte contidas em cemitérios de destaque no mundo. E, por fim, encerramos com a discussão sobre o conto “Flor, telefone e moça” de Carlos Drummond de Andrade (2001), que narra a história de uma menina que rouba uma flor de um túmulo e começa a receber ligações anônimas, que parecem ser de uma pessoa morta, cobrando a devolução da sua flor, que havia sido arrancada. A conversa sobre o conto foi descontraída e animada e, talvez, devido à maneira leve e bem-humorada com que a morte foi tratada no conto, surpreendentemente encerramos o encontro felizes e os próprios participantes comentaram que falar sobre a morte foi menos angustiante do que conversar sobre a felicidade.

### ***Sexto encontro – Dança***

No sexto encontro nos dedicamos à apreciação da dança. A princípio, apresentei algumas companhias de dança famosas do Brasil, mostrando os respectivos *sites* das companhias e um trecho de algum espetáculo, tais como: São Paulo Companhia de Dança, Cisne Negro Cia. de Dança, Quasar Companhia de Dança e Grupo Corpo. Na sequência, assistimos ao filme “Grupo Corpo – 30 anos – uma família brasileira” (Barreto & Santiago, 2007) e depois dialogamos sobre ele e nossas experiências com a dança.

Na discussão comentamos sobre a beleza do espetáculo, a trilha sonora de boa qualidade, a perfeição dos corpos e dos movimentos dos bailarinos, destacamos partes do filme de que havíamos gostado; falamos sobre o quanto era difícil colocar em palavras o que sentíamos em relação à dança, talvez por ser uma modalidade artística a que temos menos acesso e que não faz uso da fala, que é nosso meio de comunicação mais comum; sobre o esforço físico necessário aos ensaios e as possíveis dores sentidas; o biótipo físico padrão exigido aos bailarinos, e discorremos também sobre as nossas experiências pessoais com a dança.

### ***Sétimo encontro - Teatro***

Este encontro foi muito parecido com o anterior, mas voltado para o teatro. Assim, conhecemos os *sites* de alguns grupos de teatro renomados no Brasil, como, por exemplo, Grupo Galpão, Grupo Tapa, Parlapatões e Teatro Oficina e assistimos a trechos de espetáculos de cada uma das companhias para depois iniciarmos nossa conversa.

Como a última obra que vimos foi a peça “O banquete”, do Grupo Oficina, de Zé Celso Martinez Corrêa, nosso diálogo se iniciou com comentários acerca dessa obra que causou certo estranhamento em alguns integrantes do grupo e admiração em outros. Na sequência, conversamos sobre os pontos que nos foram mais interessantes nas demais peças;

alguns participantes contaram de suas experiências pessoais com o teatro, especialmente no contexto escolar, e falamos sobre o poder contagiante do teatro, que sempre parece nos afetar de alguma forma.

### ***Oitavo encontro - Música***

O oitavo encontro teve uma proposta diferente, pois, ao invés da organização e apresentação do material artístico ter ficado sob minha responsabilidade, cada participante levou duas músicas de que gostava muito para compartilhar com o grupo e instigar nossa conversa. Provavelmente por haver um espaço para que os estudantes levassem uma obra de arte que falava sobre si mesmos, ou que representava algo que tivesse um sentido especial para eles, este encontro foi especialmente importante, pois todos nós conseguimos nos implicar mais nas obras de arte que estavam sendo apreciadas e trazer um maior número de elementos que falassem do sentido e das reverberações daquelas músicas em nossas vidas.

Dentre as obras que apreciamos estavam: “Porto solidão” de Jessé, “A lista” de Oswaldo Montenegro, “Vento no litoral” da banda Legião Urbana, “Metamorfose ambulante” de Raul Seixas, “Ziriguidum” dos Novos Baianos, “Reflexo” da banda Toca de Assis, “Como nossos pais” de Belchior, “Planet hell” da banda Nightwish, “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque e “Pra sonhar” de Marcelo Jeneci.

Além disso, neste encontro a participante *Florabela* nos apresentou a música “Tertúlia”, de Joca Martins, que se tornou o nome do nosso grupo.

### ***Nono encontro – Fotografia***

No nono encontro selecionei várias cópias de fotografias de fotógrafos famosos e pendurei-as com um cordão fixo no teto da sala para que os participantes pudessem apreciar uma a uma ao som de Erick Satie. Deixei disponível também uma câmera fotográfica para que pudessem registrar aquele momento sob sua perspectiva. Depois solicitei que cada tertuliano escolhesse três fotografias que lhe haviam chamado mais atenção, e à medida que cada um falava sobre o modo como havia sido tocado por aquelas obras, eu contava um pouco sobre a foto e a biografia do respectivo fotógrafo. Este encontro foi muito dinâmico e interessante, pois aprendemos um pouco sobre esta expressão artística a que nem sempre nos atentamos, conhecemos artistas de renome e suas obras de destaque, além de estabelecermos relações diversas entre as obras e nossa vida, uma vez que, escolhíamos as imagens segundo aquilo que mais nos instigava e afetava. Entre os fotógrafos apresentados encontravam-se, por exemplo, Sebastião Salgado, Haruo Ohara, Alexander Rodchenko e Maureen Bisilliat.

#### ***Décimo encontro – Poesia***

O décimo encontro foi também construído pelos participantes, pois a proposta era de que cada um levasse um poema de que gostasse muito para compartilhar com o grupo. Falar de si a partir das obras trazidas por cada um de nós foi uma atividade bastante instigante e reflexiva, de modo que nos mantivemos o tempo todo envolvidos, expressando os sentidos que atribuíamos aos poemas que compartilhávamos naquele momento.

Entre as obras apresentadas estavam: “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira; “Desejos”, de Carlos Drummond de Andrade; “Poema antiácido”, de Robisson Sete; “Ama-me por amor somente”, de Madre Tereza de Calcutá; “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes; “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade; “Pedacos de mim”, de Martha Medeiros; “A minha dor”, de Florbela Espanca e “Nada é impossível de mudar”, de Bertolt Brecht.

### ***Décimo primeiro encontro – Artes visuais***

Este encontro aconteceu após termos visitado o Instituto Figueiredo Ferraz em Ribeirão Preto (São Paulo) e, por isto, conversamos sobre a experiência vivida naquela ocasião. O Instituto Figueiredo Ferraz é um espaço de disseminação da arte e da cultura, composto pelo acervo pessoal dos colecionadores Dulce e João Carlos Figueiredo Ferraz. Na época de nossa visita tivemos acesso à exposição “O colecionador de sonhos”, que contava com obras de arte de vários artistas brasileiros contemporâneos, como por exemplo, Vik Muniz, Tatiana Blass e Adriana Varejão.

Poder apreciar obras de arte pessoalmente foi uma experiência muito rica para todos nós, tanto que neste encontro visitamos juntos o *site* do Instituto para relembrar as obras, assistimos a alguns vídeos explicativos sobre a exposição e conversamos sobre as obras que mais nos afetaram durante a visita, com destaque para a polissemia de sentidos que cada um criou a partir delas. Foi neste encontro que ficaram definidos os nomes fictícios que os participantes gostariam de ter quando fossem mencionados na dissertação.

### ***Décimo segundo encontro – Fechamento***

Por fim, no último encontro do grupo Tertúlia, cada participante apresentou o portfólio que havia construído a partir das vivências no grupo e da repercussão destas na vida de cada um. Como os portfólios foram uma espécie de concretização material dos sentidos atribuídos pelos participantes a todos os doze encontros que vivemos juntos, foram muito criativos e surpreendentes.

Neste dia estávamos todos bem emocionados e eu, especialmente, por ser o encerramento de um grupo tão importante para mim. Assim, ao longo do encontro, cada membro apresentou o seu portfólio explicando detalhes do mesmo e contando um pouco sobre o sentido daquela criação.

Considerando que os portfólios, além de privilegiar as reflexões pessoais dos seus autores, é um objeto ou material construído com criatividade, que revela pela própria forma o sentido de uma dada vivência, tentarei, com dificuldades devido aos limites da própria linguagem destas produções, descrever brevemente os portfólios produzidos pelos participantes da presente pesquisa. Além disso, as fotos destes estão disponíveis no Apêndice B, no intuito de fornecer ao leitor mais elementos que o ajudem na compreensão destas produções.

Em seu trabalho, Chico utilizou o mesmo material do portfólio que fez quando cursou a disciplina Psicologia Ciência e Profissão no primeiro período; era uma boneca bebê, mas com um diferencial, pois no portfólio em questão o bebê tinha um balão amarelo no lugar da cabeça, cheio de rolinhos de papel, sendo que cada um destes apresentava o relato de cada encontro. Chico disse ter mantido a ideia do bebê porque acreditava que ainda tinha muito a conhecer no campo da psicologia como da arte, e que o boneco estava sem cabeça para simbolizar que durante o período em que participou das atividades do Grupo Tertúlia, ele esteve de corpo e coração presentes, sem a primazia da razão, dos pensamentos.

Florbela confeccionou um livro com capa de pano, com as folhas soltas, trazendo as informações dos encontros cheias de recortes de poemas, músicas e reflexões, e uma tira de pano com muitas frases grampeadas. Explicou que escolheu o tecido para compor o portfólio porque vestiu a ideia do grupo de se entregar à arte, tanto se cobrindo como se envolvendo; que as folhas com as informações sobre os encontros estavam soltas porque, para ela, eles não foram lineares e a faixa de tecido trazia frases muito pessoais que representavam os vários

pedaços que a compõem. Disse que através da construção do portfólio pôde resgatar diversas obras artísticas de que gostava e às quais há muito tempo não tinha acesso.

Geórgia construiu um ônibus amarelo de papel cartão, que tinha em cada janela a foto de um participante e o encontro que ela escolheu para representar o referido participante. Ela disse que escolheu o ônibus, pois sempre que se lembrava do grupo recordava-se de viagem, e do fato de ter estado inteira e embarcando em cada encontro. Dentro do ônibus havia rolinhos de papel envolvidos por uma linha e neles eram apresentadas as reflexões dela acerca das atividades vividas por nós.

João nomeou seu portfólio de “Olhoceano – fotografias navegações e gravidez”, que se caracterizava por um olho de isopor que por dentro tinha um ninho com um ovo verde em uma ponte de palitos sobre um mar de gel. Além disso, havia uma caixa com cartões coloridos lacrados por uma concha com pequenos bilhetes com uma frase retratando suas emoções em cada encontro. Disse que o portfólio simbolizava os nascimentos, percalços, morte, idas e vindas e os tropeços da vida.

Marina não entregou seu portfólio, pois deixou de participar dos encontros por dificuldades de organização do tempo, como mencionei anteriormente.

Rosa, por sua vez, fez um portfólio grande com cartolina preta e branca, num formato que lembra uma estrela de oito pontas, cujo nome era “Através”, assim como o nome de uma obra de Cildo Meireles que ela vira no Inhotim em Belo Horizonte. Contou que escolheu este nome porque nós poderíamos vê-la através do portfólio que ela construiu. Em cada ponta do portfólio, que tinha no topo as letras que formavam o nome “Tertúlia”, havia uma carta para cada membro do grupo relacionada a um encontro específico. Rosa escolheu para cada participante o encontro em que para ela aquele membro havia se destacado, de modo que nas cartas ela explicava esta relação. Assim, além de presentear cada membro com uma carta, solicitou que cada um de nós escrevesse uma carta para ela.

Sophia fez um livro com vários recortes de jornal em que ela relatou, por meio de palavras, sentimentos, trechos de poemas e figuras, tudo aquilo que repercutiu nela durante cada encontro.

Stella construiu um álbum de fotos que ela mesma havia tirado, para retratar cada encontro. Cada foto trazia um texto com as suas reflexões e os sentimentos acerca deste. Feitas cuidadosamente e de maneira criativa, com suas fotos Stella conseguiu estabelecer relações muito pessoais com os encontros, a arte e seus sentimentos.

Thaís explicou que ao longo dos encontros registrava aos poucos suas impressões e reflexões num documento de Word no netbook e, por isso, entregou um portfólio digitado no formato de trabalho acadêmico. Disse que teve várias ideias criativas para construir um portfólio diferente, mas encontrou dificuldades para concretizar suas ideias. No portfólio relata suas reflexões e sentimentos relativos a cada encontro, além de trazer outros elementos artísticos para dialogar com as atividades propostas no Grupo.

Vitória fez uma apresentação de *slides* como portfólio. Nesta apresentação ela colocou suas reflexões sobre cada encontro, trechos de outras obras de arte, fotos dos encontros, fotografias ligadas aos temas e como trilha sonora “Vento no litoral” da Legião Urbana, uma das músicas que ela compartilhou conosco no encontro sobre esta temática.

Como um presente e também uma lembrança para cada um dos tertulianos, elaborei uma espécie de portfólio, um CD com músicas, fotos e poemas compartilhados ao longo dos encontros.

Para os fins desta pesquisa, o portfólio mostrou-se um instrumento profícuo para que eu pudesse acompanhar, a partir da perspectiva dos próprios participantes e para além do discurso registrado pela videogravação, de que maneira o contato com a arte nos encontros do grupo Tertúlia repercutiu na vida deles, mesmo não os submetendo a uma análise estruturada, como fiz com as transcrições.

## **CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO *CORPUS* DE PESQUISA**

Este capítulo refere-se à análise do fenômeno estudado, por meio das categorias explicativas denominadas núcleos de sentidos, e apresenta os principais sentidos construídos pelos tertulianos a partir do contato com as obras de arte apreciadas no contexto do grupo, focalizando particularmente a trajetória de uma participante – Rosa.

### **5.1 Um olhar sobre o *corpus* de pesquisa: a análise segundo os núcleos de sentidos**

Apresento, a seguir, alguns trechos das narrativas resultantes das transcrições das videogravações dos encontros do grupo Tertúlia, que se destacaram como exemplos de falas que exprimem os principais sentidos construídos e compartilhados ao longo desta experiência, organizados a partir dos núcleos de sentidos ou categorias explicativas que estruturam a análise. Estes recortes são feitos considerando as temáticas dos núcleos de sentidos, portanto, perpassam os doze encontros vivenciados pelo grupo, sem se ater a uma ordem cronológica. A ênfase está no processo de compartilhamento e construção de sentidos sobre a arte, que se concretizava na e pela relação entre os tertulianos.

#### **5.1.1 A arte e as vivências pessoais**

Retomando o *corpus* de pesquisa atenta aos núcleos de sentidos, identifiquei muitos momentos em que os participantes faziam reflexões relacionando cada obra de arte a aspectos

de suas vidas expressando os sentidos que a eles atribuíam, e, desse modo, contando um pouco sobre si mesmos. Acompanhemos alguns desses momentos.

Depois de lermos o conto “As águas do mundo”, de Clarice Lispector (1998), que relatava o deleite de uma mulher em um banho de mar ao amanhecer, eu, me colocando como participante, estabeleci uma relação entre o prazer que a personagem sentia em mergulhar no mar e se misturar a ele com o meu movimento de mergulhar no universo artístico, me misturar às obras de arte, me confundir e me encontrar no contato com elas. Comentei ainda que este provavelmente seria também o nosso movimento como grupo, já que a proposta era dedicar tempo para apreciar a arte e conversar sobre sua fruição. Complementando essa ideia, João disse que, assim como a personagem do conto relata que aquele banho de mar faria parte dela eternamente, mudando o curso de sua vida, ele acreditava que com relação à arte acontecia o mesmo, pois ao nos afetarmos por uma obra, não conseguíamos seguir ilesos, era como se adquiríssemos uma nova visão de mundo.

Ao atribuir um sentido pessoal à obra apreciada, esclarecendo que ao entrar em contato com o conto eu me sentia como a personagem principal, mas não em relação ao mergulho no mar e sim no universo artístico, é possível perceber o quanto fui contagiada pela atmosfera da obra. O conto desencadeou em mim processos imaginativos de modo que eu me sentia transformar, nesse contato mais intenso com a arte. Tais sensações remetem ao entendimento de Vigotski (2009) sobre a imaginação, uma vez que a considera uma função vital e necessária para o relacionamento do homem com a realidade. Também aponta para a possibilidade de nos expressar e tomar consciência de nossas emoções por meio da arte, já que ela apresenta prioritariamente as emoções humanas, por ser marcada pela impressão subjetiva do artista sobre a realidade (Vázquez, 2011).

É o que se verifica na fala de João, quando afirma ser impossível seguir ileso à fruição artística. Sua convicção de que o contato com as obras de arte é transformador vai ao encontro

da ideia de que nos constituímos pelo contato com o outro, mas também com as coisas do mundo, no caso, a arte, signo que faz uso de notas musicais, palavras, cores e formas como mediadores da transformação e constituição da pessoa (Toassa, 2009). Esta afirmação de João, logo no primeiro encontro, reforça a hipótese de que a arte é uma mediadora importante na constituição de sujeito. E o fato de que esta fala foi desencadeada por uma fala anterior, que atribuía sentido a uma obra apreciada, já aponta para o processo de constituição daqueles sujeitos, por meio da construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte.

Ainda em relação à conversa sobre o conto “As águas do mundo”, cabe destacar a intervenção de Rosa. Ela relata que, durante a leitura do conto, assim que ouviu a frase “Mesmo que o esqueça daqui uns minutos, nunca poderá perder tudo isso”, lembrou do quanto se chateia e sente raiva quando tenta guardar na memória os detalhes de um momento feliz e acaba se esquecendo. Comentou que a frase serviu para ela como um consolo, ao perceber que, mesmo esquecendo as minúcias dos bons momentos que vive, eles serão sempre parte dela. Neste ponto, Rosa mostra um movimento claro de ressignificação em que, mediada pela obra, conseguiu avançar no seu modo de pensar e dar um novo sentido a uma dificuldade sua. Esta mudança no modo de pensar de Rosa remete ao conceito de Zona de Desenvolvimento Iminente, postulado por Vigotski (2001), e refere-se à possibilidade que o sujeito tem de avançar na sua forma de pensar diante de uma mediação adequada, neste caso, a mediação de uma obra de arte.

Além disso, vale lembrar que, ao ouvir a ponderação de Rosa, Chico disse ter se identificado com sua observação, pois compartilhava da mesma sensação diante do desejo de guardar com preciosismo os momentos felizes de sua vida. A conexão feita entre as falas dos dois mostra que, além do papel mediador da arte, quando se abre espaço para conversar sobre sua fruição, para expressar, construir e compartilhar sentidos sobre ela, os sujeitos envolvidos se transformam e se constituem por meio da partilha de sentimentos. Assim, o que ganha

força, muitas vezes, não é o sentido que o indivíduo sozinho consegue atribuir a determinada obra, mas sim os sentidos construídos de modo compartilhado entre as pessoas, e que atuam na sua constituição. Tal fato remete à questão da “socialidade da arte” trazida por Toassa (2009), que trata da importância da comunicação entre as pessoas sobre os efeitos que a fruição de uma obra de arte suscita, uma vez que esta troca possibilita o surgimento de novos sentidos sobre as coisas e os sentimentos.

Um momento que também ilustra este núcleo de sentido ocorreu durante a conversa sobre o livro “A invenção de Morel”, de Bioy Casares (2006). Nesta ocasião, Vitória, Geórgia e Rosa, por exemplo, comentaram de maneira enfática o quanto se envolveram na leitura da obra, a ponto de, inclusive, sentirem a agonia e o desespero do personagem principal. Tal comentário ilustra como é possível, no contato com uma obra de arte, dar vazão às nossas emoções de um jeito que nem sempre é possível no dia a dia, como observa Vigotski (1999). Além disso, o fato deste personagem escolher submeter-se a uma espécie de máquina do tempo para viver um amor platônico, mesmo sabendo que perderia sua vida, levou-nos a fazer algumas reflexões sobre o sentido da vida. João, por exemplo, disse que pensou sobre as seguintes questões: *“Por que eu estou vivendo? Como estou vivendo? Qual é o sentido de estar aqui?”*

Estes questionamentos demonstram de que maneira a fruição de uma obra de arte pode suscitar reflexões sobre questões fundamentais da existência humana, como o próprio sentido da vida e os valores que tomamos para guiar nossa conduta. Essa possibilidade de se pensar sobre questões pessoais de maneira aprofundada, possibilitando um melhor entendimento sobre si e, conseqüentemente, viabilizando o surgimento de mudanças internas significativas, por meio da construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte, ratifica, além do papel mediador da arte, a importância da linguagem, uma vez que esta “[...] viabiliza o planejamento, a organização, a regulação – das relações entre pessoas, das ações de si

próprio” (Smolka & Nogueira, 2002, p. 85). Assim, à medida que os tertulianos expressavam os sentidos atribuídos às obras por meio de palavras, eles se constituíam.

Outra discussão interessante suscitada pela leitura deste livro foi em relação à questão da invisibilidade, pois a personagem principal fica invisível para os demais personagens durante toda a história. Nesse sentido, comentei sobre o quanto me entristecia quando era tratada com indiferença pelas pessoas, e Vitória concordou dizendo que também se sentia assim em muitos momentos. João lembrou que, por outro lado, é muito bom quando viajamos para um lugar onde não conhecemos ninguém e podemos ter a liberdade de sermos nós mesmos, sem nos preocupar em corresponder às expectativas daqueles que nos conhecem. Este comentário desencadeou exemplos de situações em que os participantes se sentiram assim, invisíveis e livres. João comentou, por exemplo, sobre como se comportou em um “mochilão” que fez e disse que pôde ser livre, deixou a barba e o cabelo crescerem, cuidou da própria roupa etc. Eu comentei que me sentia bem com a invisibilidade quando ia para São Paulo e podia andar o dia todo sem me preocupar com aparência e horário, e ainda comentei que, mesmo quando não viajamos, mas temos a oportunidade de mudar de contexto, podemos nos colocar de maneira diferente sem estarmos presos às expectativas dos outros e dei como exemplo a ocasião em que consegui um emprego em um lugar em que não conhecia ninguém e pude me manifestar sem ser julgada por comportamentos anteriores. Florbela, por sua vez, disse ter se sentido muito bem em uma viagem que fez para uma cidade em que não conhecia quase ninguém, pois percebeu como podia se colocar de formas diferentes em outras circunstâncias, e Thaís disse que teve sensações parecidas como turista em uma viagem ao México.

Todos estes exemplos expressos pelos participantes, a partir de uma situação relatada no livro, demonstram como a arte pode “ampliar e enriquecer, com suas criações, a realidade [...]” (Vázquez, 2011, p. 42). Além disso, elucidam o fato de as obras de arte serem

inacabadas, uma vez que continuam a se transformar depois que o artista as concluem e que adquirem “[...] não só novas e inesperadas características, mas também um novo sentido [...]” (Hauser, 1984, p. 79) a cada vez que são fruída pelo sujeito. É interessante perceber, ainda, que, por meio do compartilhar de sentidos sobre a arte, o sujeito pode ouvir outros pontos de vista sobre uma mesma questão. Neste caso, o fato de estar invisível para o outro, que a princípio foi associado ao desprezo e à indiferença, suscitou reflexões sobre a liberdade, dando um novo sentido à questão da invisibilidade e corroborando a ideia de que na percepção estética o homem é mobilizado a desenvolver novas formas de compreender o mundo e a si próprio.

Para encerrar esta categoria explicativa ou núcleo de sentido, temos a discussão sobre o filme “Hanami” (Dorrie, 2008). Pelo fato de que na trama em questão os filhos não têm paciência e disponibilidade para estar com seus pais, muitos de nós trouxemos falas que relatavam dificuldades no relacionamento com nossos pais ou familiares. Eu mesma, lembrando que no filme os filhos sempre diziam não ter tempo para os pais, comentei que, especialmente depois que entrei na universidade, pareço nunca ter tempo para meus familiares, que se queixam diante disso, e concluí com certa culpa que agora percebo que às vezes nem estou realmente ocupada, o que parece faltar é uma disposição para estar junto. Em seguida, Chico relata uma situação recente, em que havia pedido ao irmão para remarcar a comemoração do aniversário de sua mãe para um dia que fosse mais viável para ele, e diz que, depois de assistir ao filme e ouvir os comentários feitos até então, estava se sentindo mal por ter agido de modo egoísta e só se dar conta disso naquele momento. Geórgia falou sobre as inúmeras vezes em que não recebeu a atenção que gostaria das outras pessoas, e também sobre as situações em que ela, por falta de disposição, não havia valorizado o outro, e concluiu dizendo que refletir sobre isto a incomodava, mas que, por outro lado, se sentia bem em perceber que estava saindo de uma posição de conforto, podendo mudar de

comportamento em relação a estas situações. Florbela também relatou que há pouco tempo a mãe se queixara de que ela estava preferindo almoçar na faculdade, ao invés de fazer as refeições em casa. Rosa, então, intervém dizendo que na sua casa todos tinham muitos compromissos e que quase não conseguiam estar juntos e, enfatizou chateada, que mesmo quando todos estavam em casa no mesmo horário cada um fazia coisas distintas e não ficavam de fato um com o outro. João, por seu turno, também expressa suas dificuldades na relação com o pai, entretanto, salienta que conseguiu romper a distância entre eles durante a exibição do jogo de futebol, que passa na TV duas vezes por semana, e considerou legal perceber que, em situações simples do cotidiano, podemos construir momentos importantes de intimidade. Inspirada pela fala de João, Sophia afirma que os momentos de maior intimidade que tem com a mãe são aqueles em lava a louça do jantar, e com o pai, durante a transmissão do jornal noturno na televisão.

Observa-se que a exposição de tantos exemplos de dificuldades na relação com familiares ilustra o quanto a identificação com uma problemática trazida pelo filme pôde fazer com que os participantes revissem a maneira como se relacionam em família, percebendo aspectos de que não tinham consciência, saindo assim de uma condição a que estavam habituados. E à medida que começam a questionar suas próprias posturas, experimentam sentimentos inquietantes e vislumbram novas possibilidades de ser e de se relacionar com o outro. Esse compartilhar de sentidos sobre a arte remete à afirmação de Toassa (2009) sobre os efeitos que a fruição da arte pode provocar: “[...] a apreciação de uma obra pode ser estopim para a troca de idéias sobre sentimentos que ganharam novo sentido, sendo disponibilizados para a vida social em geral e o contato humano” (p. 92).

Por fim, cabe dizer em relação a este núcleo de sentido, que atribuir sentido à arte na relação com aspectos da vida pessoal não é um processo passivo, em os pontos de encontro ente a pessoa e a obra não estão determinados *a priori*. Ao contrário, este processo indica que

a fruição da arte requer uma postura ativa de se envolver e se implicar na obra, para, então, tal vivência ganhar sentido e passar a compor também o sujeito em questão. Como bem nos lembra Vigotski (1999), a percepção estética envolve trabalho psíquico e gasto de energia correspondente ao envolvimento e à comoção que a obra provoca no sujeito.

### **5.1.2 A arte e aspectos gerais da vida**

Tendo observado que em vários momentos os participantes faziam reflexões sobre aspectos gerais da vida na relação com a obra de arte tratada em um determinado encontro, organizei este núcleo de sentido com o intuito de compreender melhor como, no processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte, os tertulianos refletiam sobre a morte, a felicidade e outros temas que emergiram ao longo dos encontros. Tais conversas demonstram quais aspectos da vida dos tertulianos estavam ganhando novos sentidos, revelando assim as transformações que eles experimentavam naquela vivência em grupo.

A construção e o compartilhamento de sentidos sobre a felicidade, por exemplo, se iniciaram quando conversávamos sobre o conto “Felicidade clandestina” (Lispector, 1998), que falava sobre a felicidade contida de uma menina ao conseguir um livro emprestado. Nesta ocasião, Florbela comentou o quanto é difícil falar sobre este tema, pois a felicidade parece ser algo momentâneo, que alcançamos nos momentos em que atingimos um objetivo, e logo ela se esvai. Tanto que chegou a questionar: o que é felicidade? Respondi que era difícil definir a felicidade, uma vez que ela tem se confundido com a conquista de objetivos práticos como, por exemplo, passar no vestibular, tirar uma boa nota em uma avaliação, conseguir um emprego etc. Por outro lado, disse que quando busco recordar os momentos de mais alegria que vivi, lembro-me, por exemplo, do nascimento das minhas sobrinhas. De modo parecido, Vitória comentou que para ela a felicidade estava em coisas simples, como por exemplo,

quando se encontra com suas amigas para conversar, com o que Rosa concordou. Thaís, por sua vez, diz que para ela a felicidade só existe porque existe a tristeza como contraponto. Florbela intervém lembrando que, apesar disso, não estar feliz não era sinônimo de estar triste, e Rosa, então, afirma que não há problema em não estarmos felizes o tempo todo, e que inclusive há uma beleza na tristeza ou no sofrimento. Chico e Sophia concordam com Rosa e dizem que justamente nestes momentos, muitas vezes, eles refletem e aprendem coisas importantes sobre si mesmos.

Outra observação interessante em relação à felicidade foi a reflexão de João sobre o fato de que muitas vezes parece que nos alegramos mais com a expectativa de um momento feliz do que com a vivência do momento em si, assim como retratado no conto. Por outro lado, Rosa comenta que em vários momentos adiamos nossa felicidade atual, nos comprometendo com atividades de que nem gostamos tanto, em prol da conquista de uma felicidade futura, que talvez nem seja alcançada. Por fim, vale lembrar que, em um momento distinto, quando conversávamos sobre o filme “Hanami” (Dorrie, 2008), João falou da angústia que sentiu quando o foco da nossa discussão foi a questão da felicidade, e Florbela completou dizendo que talvez isto tivesse acontecido porque, na verdade, não sabíamos se éramos felizes e nem se seríamos de fato felizes algum dia.

Percebe-se que a conversa sobre o tema felicidade, suscitada, especialmente, pelo conto “Felicidade clandestina” provocou reflexões em todos os membros do grupo. Alguns questionaram o que era a felicidade, outros fizeram um contraponto entre a felicidade e conquistas materiais, até expressarem, de modo geral, que na verdade a felicidade se encontrava nas coisas mais simples da vida. Em outro momento, quando falávamos sobre a morte, um dos tertulianos, recordando-se da discussão acerca da felicidade, ponderou que a conversa sobre este tema foi mais tranquila do que refletir sobre a felicidade, um sentimento tão bom, que almejamos tanto, mas que ao mesmo tempo nos parece tão fugaz.

Logo, a construção e o compartilhamento de sentidos sobre a felicidade provocaram mudanças na própria concepção de felicidade dos participantes, pois eles deram-lhe um caráter mais realista e menos eufórico, aproximando-a até mesmo do sentimento de angústia. Este processo de construção coletiva de sentidos acerca da felicidade evidencia que os sentidos não são instâncias que existem na natureza ou na mente humana de modo apriorístico; eles são construídos a partir da complexa relação com a vida material, variando conforme a situação e possibilitando a polissemia da linguagem por meio das múltiplas construções de sentido (Barros et al., 2009).

Outro tema discutido no grupo foi a questão da morte. Depois de assistirmos ao filme “Hanami” que aborda de uma maneira bem interessante esta temática, os participantes expuseram vários sentidos ligados a este assunto, ainda encarado de uma maneira desconfortante, na maioria das vezes. Lembrando a morte inesperada de uma das personagens do filme, João ressalta a mudança que esse fato provocou na vida dos outros personagens, levando-os inclusive a promover novos encontros e a descobrir formas diferentes de viver. Contou que isto o tocou bastante, pois o fez pensar no quanto nossa vida pode seguir rumos diferentes segundo as escolhas que fazemos diante do acaso. Neste sentido, comentei que não só o falecimento de alguém tinha o poder de nos tirar da cotidianidade, pois muitas vezes a morte de nossos sonhos também pode alterar o curso da nossa vida, levando-nos a trilhar outros caminhos que podem, até mesmo, ser bem melhores. Estas falas apontam para o fato de que as obras de arte, mesmo sendo fruto da subjetividade, falam da realidade humana, sendo uma forma de representação da vida social (Vázquez, 2011). Tal ideia remete também à concepção de Hauser (1984), que entende a arte como a expressão de uma visão de mundo condicionada socialmente, que parte da experiência do sujeito e da práxis cotidiana. Por isso, a construção de sentidos sobre o filme “Hanami” resultou em uma discussão tão rica sobre a morte, fato inerente à condição humana.

Outro comentário interessante a respeito da morte foi o de Sophia, ao assumir que tinha muita dificuldade em falar sobre este tema. Contou que, inclusive, já havia o discutido com sua terapeuta, porém, acrescentou que, naquele momento, depois de ouvir comentários diversos sobre a morte, estava mais tranquila do que o de costume. Diante disso, comentei que talvez tivéssemos tanto medo da morte, mesmo sabendo que ela é uma certeza para todos, simplesmente por não compreendê-la, por estar na ordem do desconhecido, do incontrolável. João então diz que temos a tendência de racionalizar demais a morte, de buscar sempre uma explicação lógica para ela, enquanto a arte nos possibilita senti-la de maneira mais suave e bonita, como no filme “Hanami”, por exemplo. E conclui que ao nos depararmos com obras que tratam da morte de maneira mais natural, podemos aprender a vê-la de um modo mais simples e bonito, e Sophia concordou com ele. Cabe ressaltar nessa discussão o fato de uma das participantes do grupo Tertúlia verbalizar de que modo a arte pode lhe ajudar a atribuir um novo sentido a algo de que temia tanto, ao reconhecer que, por meio do compartilhar de sentidos sobre a arte, estava lidando com a morte de um modo bem diferente do habitual. A fala dessa participante, assim como a de João sobre os benefícios da fruição da arte confirmam a ideia de Fischer (1976) de que a arte capacita o homem para entender a realidade, suportá-la e transformá-la, uma vez que, em algumas circunstâncias, a torna mais suave.

Por fim, temos a discussão sobre o tempo, uma questão que surgiu em vários momentos e de diferentes formas ao longo dos encontros. Quando conversávamos sobre o conto “As águas do mundo”, João comentou – lembrando o trecho que descreve minuciosamente o amanhecer em uma praia – que atualmente o homem não encontra tempo para apreciar as sutilezas da vida. Em outro momento, quando falávamos sobre a importância da leitura a partir do filme “Fahrenheit 451” (Truffaut, 1966), observou também que, na correria do dia a dia, poucas pessoas encontram tempo para se dedicar à leitura de um livro.

De modo semelhante, no encontro em que falávamos sobre poesia, Chico e Vitória compartilharam com o grupo os poemas “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira e “Desejos”, de Carlos Drummond de Andrade, fazendo menção, respectivamente, ao cansaço pela quantidade de atividades diárias e à falta de tempo para fazerem aquilo de que realmente gostam. Neste caso, a falta de tempo de ambos estava relacionada ao final do semestre letivo no curso de Psicologia, tanto que João e Rosa assinalaram que, até mesmo nas nossas relações dentro do próprio grupo Tertúlia, era possível perceber o quanto estávamos exaustos ultimamente. Diante disso, levantei uma reflexão sobre o que a faculdade tem exigido dos alunos, baseando-me nas críticas de Silva (2007) e Ribeiro (2001), sobre a universidade como espaço de formação exclusivamente acadêmica.

Thaís se posicionou contando que estava enfrentando dificuldades para dedicar a devida atenção a todas as disciplinas, devido à grande quantidade de matérias que estava cursando e que, além disso, não conseguia se organizar para cuidar do seu bem-estar e praticar uma atividade física, por exemplo. Lembrei, então, que Marina justificara sua saída do grupo Tertúlia devido à quantidade de compromissos acadêmicos em que estava envolvida. Considerando a ênfase dada aos conteúdos no curso de Psicologia da UFU, Thaís questionou a falta de espaço para se tratar das emoções e das questões de relacionamento num curso voltado para a compreensão do ser humano. Rosa complementou dizendo que sente falta de um espaço de troca semelhante ao que tínhamos no grupo Tertúlia, que propiciasse uma formação humana através do diálogo sobre as disciplinas, os estágios, as angústias e dúvidas que envolvem a formação profissional. Ela ainda denunciou a falta de assistência aos alunos que acabam se fragilizando psiquicamente ao longo do curso, e Thaís acrescentou que a necessidade de um espaço para se constituir na relação com o outro não é uma demanda apenas dos cursos de Psicologia, mas também dos demais cursos universitários, se considerarmos a necessidade de formação de sujeitos e profissionais mais humanizados.

Este longo debate ilustra como inúmeros sentidos podem emergir de reflexões ligadas propiciadas pela arte. Aqui, a dificuldade de organização do tempo, devido ao grande número de atividades diárias, foi uma questão levantada por todos os tertulianos, tendo diferentes obras de arte como mediadoras da discussão. Mais do que falar sobre uma dificuldade pessoal em relação à organização do tempo, esta discussão – que se aproxima, de certo modo, do próximo núcleo de sentidos que trata da relação entre a arte e questões sociais – mostra como a falta de tempo para descansar, apreciar o nascer do sol, ler um bom livro, fazer atividade física e cuidar do próprio bem-estar está relacionada ao modo como a nossa sociedade está estruturada, incluindo também uma crítica à organização das atividades acadêmicas.

Estas reflexões culminaram no reconhecimento do grupo Tertúlia como espaço favorável à constituição e desenvolvimento humano, ao proporcionar o contato com o outro, que é fundamental à existência humana, e na ênfase à necessidade de haver mais espaço que propicie este tipo de vivência na universidade, especialmente no curso de Psicologia, que forma profissionais que se dedicam à compreensão da complexidade humana. Tais apontamentos remontam às afirmações de Vigotski (1986) e Pino (2005) sobre a constituição do sujeito na relação com o outro; às contribuições de Silva (2005) e Ribeiro (2001) em relação à importância de uma formação mais humanizada nos contextos universitários e, em última instância, apontam para a relevância da atribuição e do compartilhamento de sentidos à obras de arte no processo de constituição do sujeito (Toassa, 2009).

### **5.1.3 A arte, a cultura e a sociedade**

Neste núcleo de sentidos apresento as principais reflexões feitas pelos participantes ao relacionar as obras de arte apreciadas e questões relativas à cultura e à sociedade, destacando as transformações vivenciadas por eles ao longo dessa discussão.

A conversa sobre o filme “Fahrenheit 451” (Truffaut, 1966), por exemplo, desencadeou a expressão de vários sentidos ligados ao funcionamento da nossa sociedade, já que, na obra em questão, o governo exercia um controle tão grande sobre a população, que inclusive proibia a leitura de livros. Fazendo referência a esta opressão, Florbela salientou o quanto a sociedade restringe a liberdade do indivíduo, na medida em que determina o que pode ou não ser feito, o que está certo ou errado. Vitória observa que no filme os personagens eram enrijecidos, tinham comportamentos padronizados e se mantinham tão anestesiados pela vida imposta socialmente, que qualquer coisa que suscitasse alguma emoção como alegria ou tristeza era proibida e percebida como algo negativo. Eu acrescentei que atualmente temos tantas obrigações sociais a cumprir, que vivemos em um estado de exploração e alienação tão intenso, que parece não haver tempo e espaço para acessar nossas emoções. Ainda neste sentido, João diz que ficou surpreso com a atualidade do filme, que, mesmo sendo produzido na década de 1960, já trazia elementos que possibilitam uma discussão sobre a medicalização indiscriminada e a alienação promovida por certos meios de comunicação, pois os personagens viviam dopados por remédios e pareciam hipnotizados pela TV, que ditava todas as regras à população.

É possível perceber que, além de reflexões em nível pessoal, a construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte no grupo também suscitou discussões no âmbito social. A trama apresentada no filme possibilitou o encadeamento de muitas ideias que consideravam a obra e aspectos da nossa organização social atual, de modo que em algumas partes do filme os tertulianos puderam tomar consciência das regras sociais que determinam nosso modo de viver. Assim, discutiu-se sobre o capitalismo, o adormecimento das emoções pelo uso de medicamentos, a influência da mídia e a alienação do homem, cujo comportamento tende a ser cada vez mais padronizado e, conseqüentemente, coisificado. Portanto, a arte se mostrou como uma produção humana que carrega traços da realidade, ou

seja, é produto da vida social (Bukhárin, 1970; Marx & Engels, 2010; Vázquez, 2011), que admite múltiplos sentidos e que, principalmente, capacita o homem a entender a realidade e, assim, transformá-la (Fischer, 1976). Vale lembrar que este potencial mediador da arte não acontece ao acaso; para que haja sua fruição, é necessário que obra fale do universo de referência do expectador, afetando-o, possibilitando no encontro com ela a construção de sentidos. Também é preciso espaço e tempo para que haja a fruição, de modo que a existência do grupo Tertúlia justifica a efervescência e a relevância destas vivências na vida dos participantes.

Um momento em que também veio à baila a questão da expressão das emoções humanas, porém dando ênfase ao que socialmente nos é exigido sentir ou expressar em determinadas situações, foi a discussão sobre o conto “Felicidade clandestina” (Lispector, 1998). Nesta ocasião, João e Vitória disseram que a sociedade está sempre criando estratégias artificiais para que o indivíduo se mostre o tempo todo feliz, como se a tristeza, o medo e a decepção não fossem sentimentos humanos. Chico e Rosa, por sua vez, retomando o filme “Fahrenheit 451”, comentaram que a sensação que têm é de que há emoções que são consideradas socialmente ideais, enquanto outras são tidas como ruins e que, além disso, há o momento certo para se expressar cada uma delas, como ficar feliz ao passar no vestibular e chorar de tristeza em um velório, por exemplo. Na sequência, Florbela aponta que a consequência disso é que as pessoas acabam se afastando de si mesmas, uma vez que perdem o direito de expressar suas emoções de modo singular, e eu completei dizendo que, enquanto seres sociais, somos de fato organizados internamente também com base na cultura da qual fazemos parte. Aqui, outro sentido importante é construído na relação das obras de arte com as regras sociais que delimitam o comportamento humano, pois, ao se darem conta de que a maneira como nos é exigido expressar nossas emoções nem sempre corresponde àquilo que efetivamente sentimos, os tertulianos tomaram consciência de um aspecto relevante em

relação às suas questões afetivas, abrindo a possibilidade para que possam ser mais autênticos, expressando realmente o que sentem, a despeito do aprendizado cultural. Há, neste caso, o questionamento de uma regra cultural e socialmente aprendida, em relação às expressões das emoções humanas, oferecendo aos sujeitos envolvidos novas possibilidades de agir no mundo.

Na ocasião em que utilizamos o filme “Hanami” (Dorrie, 2008), o conto “Flor, telefone e moça” (Andrade, 2001) e imagens de obras de arte tumular para nos inspirar numa discussão sobre a morte, surgiram várias reflexões sobre a relação da morte com a cultura e a sociedade. Como parte do filme se passava no Japão e mostrava o modo como a cultura oriental lida com a morte, Stella fez uma comparação entre a nossa cultura, que vê a morte vinculada à dor e a tristeza, e o modo como os orientais lidam com mais naturalidade com a questão da efemeridade da vida. Este apontamento feito por Stella mostra que a fruição da arte possibilita estabelecer um contraponto entre as diferentes culturas, ampliando nossos conhecimentos sobre uma dada questão.

Continuando esta discussão, João, fazendo referência às imagens das obras de arte tumular que vimos, falou sobre o quanto estas obras conferiam uma simbologia diferente à morte, não reduzindo-a apenas ao velório e ao enterro tradicional, que são padronizados pelas funerárias. Nesta direção, Chico ressalta a questão do comércio que envolve o fim da vida e a exploração da dor e da tristeza das famílias neste momento. Tais comentários ilustram questionamentos sociais significativos, suscitados pela construção e compartilhamento de sentidos acerca de obras de arte, mostrando que por meio destas vivências o sujeito pode compreender melhor o funcionamento da sociedade em que vive.

Outra situação em que os tertulianos atribuíram sentidos às obras apreciadas na relação com aspectos culturais e sociais aconteceu quando refletíamos sobre o documentário “Grupo Corpo 30 anos: uma família brasileira” (Barreto, F. & Santiago, M., 2007), que trata da

história da referida companhia de dança, apresentando trechos de alguns espetáculos. Nesta ocasião, João levantou a discussão sobre a ditadura da magreza, culturalmente imposta aos bailarinos, e questionou tal exigência excessiva e violenta nas grandes escolas de dança. Florbela e Vitória concordaram com tais colocações, trazendo exemplos pessoais sobre o assunto, enquanto Thaís pontuou, estabelecendo um contraponto, que acreditava que a beleza dos espetáculos também dependia da estrutura física dos bailarinos e que inclusive o biótipo deles era, na verdade, uma consequência da dedicação que tinham ao balé. Concordei que os apontamentos de Thaís eram relevantes, mas lembrei que até o que considerávamos como perfeição na dança, por exemplo, era um modelo socialmente aprendido, e enfatizei que era importante nos atentar não só para o sofrimento físico, mas também psíquico destes profissionais.

A beleza e a perfeição dos espetáculos de dança do Grupo Corpo apresentados no documentário, além de desencadear uma admiração inevitável nos tertulianos, provocaram questionamentos sobre exigências culturalmente aprendidas em relação à magreza e à perfeição dos movimentos dos grandes bailarinos, levando os participantes a questionarem o modelo de beleza em relação à forma física e à própria dança, uma vez que poderia não ter sentido em outras sociedades ou, ainda, perder o sentido na nossa sociedade, com o passar do tempo. Aqui, a arte possibilitou especialmente transcender o conhecimento que nos é imposto socialmente, quando os participantes vislumbraram novas possibilidades de agir no mundo em relação aos pontos em discussão.

Cabe destacar, por fim, os sentidos construídos e compartilhados acerca de algumas fotos de fotógrafos renomados, especialmente as fotografias de Sebastião Salgado. Com base na observação atenta e cuidadosa da obra “Trabalhadores da mina de ouro da Serra Pelada” (Salgado, 1996), João fez reflexões sobre as condições de exploração do trabalho ainda existente nos tempos atuais. Ele e Florbela, sensibilizados pela obra “Escola do campo de

Natinga para sudaneses deslocados” (Salgado, 2000), expressaram sentidos acerca das condições de pobreza e miséria ainda existentes no mundo, em contradição com a doçura do olhar da criança fotografada. Florbela disse ainda que, ao ver o olhar doce e feliz da criança, que estava numa condição de pobreza extrema e com um dos braços amputados, pensou em como o nosso olhar tende a se voltar para aquilo que falta, ao invés de considerar o que há de bom no sujeito. Fechou sua fala afirmando que esta reflexão lhe fizera pensar, sobretudo, na atuação do psicólogo, que muitas vezes tem um olhar para a carência e não para a potencialidade humana.

Verifica-se, portanto, que, ao se afetar por uma obra de arte, o sujeito tem a possibilidade de modificar sua forma de pensar sobre determinado assunto, e de rever até mesmo o modo como dá sentido à própria vida. Além disso, evidencia que a fruição da arte pode propiciar reflexões que colaboram também na formação profissional das pessoas, coincidindo com as reflexões de Silva (2005) e Ribeiro (2001) sobre a humanização do ensino superior.

De modo geral, nesta categoria explicativa, os tertulianos construíram e compartilharam sentidos sobre a arte como um produto da vida social, o que propiciou a tomada de consciência e o questionamento de diferentes aspectos de âmbito social. Os participantes também demonstraram sentimentos de frustração, tristeza e revolta, ao se darem conta da coerção social que sofrem no dia a dia. A possibilidade de expressar tais emoções por meio da fruição artística remonta ao fato de que a arte é o veículo social das emoções, e, por tal motivo, por meio de sua fruição o homem pode exteriorizar seus sentimentos, dando uma existência social e objetiva a eles (Vigotski, 1999). Neste sentido, Japiassu (1999) acrescenta que a arte desperta uma emoção à medida que o sujeito se projeta na obra, se deixa tocar por ela, num movimento ativo e dialético. A vivência não é real, mas a emoção é, tanto

que a arte pode possibilitar o acesso a emoções importantes sem a experiência real de uma dada situação.

#### **5.1.4 A arte e outras produções humanas**

Neste último núcleo de sentidos exponho os sentidos que construímos sobre as obras de arte apreciadas na relação com outras obras de artes ou artistas e conhecimentos científicos ou teóricos, ou seja, outras produções humanas.

Tomando como referência a relação entre a obra apreciada e outras obras de arte ou artistas, um exemplo relevante aconteceu durante a conversa sobre o filme “Fahrenheit 451” que possibilitou estabelecer conexões entre diferentes obras de arte. Com relação aos aspectos estéticos do referido filme, João disse ter se lembrado de outro longa-metragem, “Laranja mecânica”; segundo ele, ambos se aproximavam na forma como as imagens eram apresentadas, nos movimentos das cenas e também nas características psicológicas dos personagens. Chico concordou dizendo que notara semelhança também entre as trilhas sonoras dos dois filmes. Já Florbela estabeleceu uma relação entre o filme “Fahrenheit 451” e o livro “Feliz ano velho”, observando que, assim como no longa-metragem, no livro há também um governo repressor, que busca destituir os sujeitos de sua identidade para massificá-los. Geórgia, por sua vez, relacionou o filme em questão a outro longa-metragem, chamado “A troca”, pois em ambos a TV manipula a população, levando as pessoas a acreditarem em inverdades. Por fim, Rosa diz ter-se lembrado do livro “Sopro do vento”, em que um garoto é levado pelo pai ao cemitério dos livros esquecidos e acaba mudando o curso de sua vida depois do contato com aquelas obras, de modo semelhante ao que se dá com o personagem principal do filme “Fahrenheit 451”.

No encontro em que conversamos sobre morte, com base no filme “Hanami”, no conto “Flor, telefone e moça” e em imagens de obras de arte tumular, os participantes também estabeleceram relações com diferentes obras de arte. Pensando no modo triste e dramático como lidamos com a morte na nossa cultura, João estabeleceu um contraponto propondo uma visão mais alegre em relação ao fim da vida, lembrando o samba “Fita amarela”, de Noel Rosa, que satiriza o sofrimento comum nos velórios e propõe uma celebração feliz da morte: “Quando eu morrer, não quero choro nem vela; quero uma fita amarela gravada com o nome dela [...]; não quero flores nem coroa com espinho; só quero choro de flauta, violão e cavaquinho [...]”. Lembrando que no filme o personagem que perde a esposa segue sua vida sozinho, enfrentando muitos desafios, Stella estabelece uma relação entre este fato e o enredo do filme “O Samurai do entardecer”, que apresenta uma história sobre o esforço e a superação de um pai de família que perde a esposa e enfrenta muitos desafios para sustentar e educar a filha.

Ainda fazendo referência à construção de sentidos sobre a morte, Rosa comentou que, mesmo temendo muito a morte, entendia-a como algo necessário, e se lembrou do filme “A viagem de Gulliver”, que fala sobre a existência de vários mundos, e em um deles as pessoas que nasciam com um sinal na testa não morriam, o que se tornava um grande problema, pois não havia o que fazer com tantos idosos. Neste sentido, comentei sobre o livro “As intermitências da morte”, de Saramago, que retrata as consequências sociais de uma sociedade em que as pessoas não morriam, chegando a uma situação de grande calamidade. Stella, por sua vez, comentou que considerava esta questão da imortalidade impraticável e que gostava muito de ler as crônicas vampirescas da escritora Ane Rice e também as obras de Edgar Allan Poe, que também explora esta questão.

São também ilustrativas desse núcleo de sentido as várias conexões estabelecidas entre as fotografias apreciadas em um dos encontros e outras obras de arte. Fazendo referência à

obra “Intimidade no Chiado”, de Fernando Lemos, que mostra partes de um manequim espalhados por um quarto, Rosa disse que tal fotografia lhe trouxera a lembrança do conto “O Barba Azul”, recontado por Rubem Alves<sup>14</sup>, que narra a história de um marido que vai viajar e deixa cem chaves com sua esposa, que correspondiam ao número de quartos que havia na casa deles, sendo que em um deles ela não poderia entrar. Entretanto, contrariando a ordem do marido, a esposa entra no quarto e se depara com um monte de pessoas mortas e depois acaba sendo assassinada pelo esposo. Rosa diz que a fotografia a fez lembrar-se do quarto proibido do conto e, além disso, relacionou a palavra “intimidade” no título da foto e o fato de o marido ter assassinado a esposa depois dela ter descoberto seus segredos, mostrando assim que há coisas que guardamos no nosso íntimo que são proibidas, a que não queremos que ninguém tenha acesso. Ainda em relação às fotografias, Sophia, Geórgia e Rosa disseram que a foto intitulada “A João Guimarães Rosa”, de Maureen Bisilliat, fizera com que se lembrassem imediatamente de uma cena do conto “O burrinho pedrês”, do livro *Sagarana*, do escritor mineiro. E, por fim, observando a foto “Caranguejeiras”, também de autoria de Maureen Bisilliat, João disse ter se lembrado das obras de Jorge Amado, e Sophia disse ter se recordado das obras de João Cabral de Melo Neto, que também escrevia sobre caranguejos.

Na conversa sobre o filme “Hanami”, João, lembrando que a personagem principal do filme passa a vida toda trabalhando diariamente, enquanto sonha em viajar, visitar os filhos e conhecer novos lugares, estabelece uma ligação entre esse fato e o conceito de niilismo, nas perspectivas de Nietzsche, Schopenhauer e Deleuze, pensadores que tratam, de modo geral, do sacrifício do presente em prol de um futuro ideal. Ele ainda completa esta ideia falando sobre a filósofa Viviane Mosé, que também apresenta discussões sobre a dificuldade que temos de estar inteiros no presente, por estarmos presos a sonhos para o futuro.

---

<sup>14</sup> O conto “Barba Azul” é um clássico da literatura infantil, publicado originalmente por Charles Perrault em 1697, na obra *Histórias ou contos dos tempos passados com moralidades*, mais conhecida como *Os contos da Mãe Gansa*. Recuperado em 02 de março de 2013, de <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40513>.

Destacando a frase “Mesmo que o esqueça daqui uns minutos, nunca poderá perder tudo isso”, do conto “Águas do mundo”, Marina se lembra de Heráclito, filósofo pré-socrático que fala sobre a ideia de que o homem nunca poderá se banhar duas vezes nas águas do mesmo rio, já que somos diferentes a cada momento, uma vez que nos constituímos por meio das experiências que vivemos. Durante a discussão sobre o conto “Felicidade clandestina” João fala da distinção que Marcuse faz sobre euforia e felicidade; e faz menção a Nietzsche, mais especificamente ao texto “A origem da tragédia”, quando discutíamos sobre as peças de José Celso Martinez Corrêa, do Teatro Oficina e sobre a obra Zaratustra, na relação com o poema “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade.

Todos estes sentidos estabelecidos na relação das obras apreciadas com outras obras de arte e/ou conhecimentos científicos retratam o quanto a arte pode promover conexões infinitas com outras produções humanas, possibilitando que o sujeito desenvolva novas formas de pensar, compreender e dar sentido à realidade. A capacidade dos participantes de estabelecer correlações entre as obras de arte em questão e outras produções humanas explicita o fato de que o sujeito é um ser social, constituído na relação com a cultura e que, portanto, se relaciona com o mundo a partir daquilo que apreende da realidade, daquilo que tem sentido para si. Assim, ao destacar aspectos de uma obra na relação com outros conhecimentos, os tertulianos revelavam um pouco mais sobre as produções que lhes afetavam e expressavam os sentidos que atribuíam a elas, mostrando, também, aspectos de sua subjetividade.

Novamente é possível perceber a arte como uma produção inacabada, que não atinge seu limite quando a obra se separa do autor, ao contrário, adquire novas e inesperadas características à medida que entra em contato com o outro (Hauser, 1984). A maneira como diversos sentidos são desencadeados na fruição artística é assim sintetizada por Smolka (2004):

Os sentidos podem ser sempre vários, mas dadas certas condições de produção, não podem ser quaisquer uns. Eles vão se produzindo nos entremeios, nas articulações das múltiplas sensibilidades, sensações, emoções e sentimentos dos sujeitos que se constituem como tais nas interações; vão se produzindo no jogo das condições, das experiências, das posições, das posturas e decisões desses sujeitos; vão se produzindo numa certa *lógica* de produção, coletivamente orientada, a partir de múltiplos sentidos já estabilizados, mas de outros que também vão se tornando possíveis (p. 45).

As palavras da autora descrevem exatamente o processo de construção e compartilhamento de sentidos vivenciado pelos tertulianos, num espaço voltado para a fruição artística e, conseqüentemente, para a constituição do sujeito.

## **5.2 A constituição de Rosa no grupo Tertúlia**

Além de apresentar uma análise que abrange todos os tertulianos e todos os encontros realizados na construção do *corpus* de pesquisa deste trabalho, considerando que esta pesquisa pretende compreender como os sujeitos se constituem a partir do processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte num contexto de grupo, trago nesta seção a trajetória de Rosa no grupo Tertúlia, uma vez que seu percurso ilustra este processo de modo singular.

Ao me debruçar sobre o material desta pesquisa, analisando atentamente as transcrições sob a ótica dos núcleos de sentidos construídos para explicar o fenômeno estudado, observei que o movimento de Rosa dentro do grupo possibilitava explicitar a maneira como a construção e o compartilhamento de sentidos sobre a arte, naquele contexto, puderam contribuir na sua constituição. Sendo assim, apresento três momentos tomados como fundamentais para compreender as transformações sofridas por ela ao longo de sua participação no grupo.

Inicialmente, destaco o conteúdo da carta que Rosa escreveu contando sobre suas intenções em participar do grupo e da carta em que contava um pouco sobre suas experiências anteriores com a arte. Na primeira carta, ela começa dizendo que seu interesse pela arte não vem de longa data, embora gostasse muito de música, dança, poesia etc. Falou que já tivera interesse em saber por que a arte nos afeta e nos anima tanto, particularmente a música, linguagem com a qual mais se identificava; e, demonstrando certa confusão, chegou a questionar sua própria concepção de arte, não conseguindo expressá-la. No final dessa carta, revelou que estava passando por um período de grandes mudanças, descobertas e conflitos e que, por isso, acreditava que participar de um grupo como o proposto por esta pesquisa iria ajudá-la neste processo. Por sua vez, na carta em que relatou sua história com a arte, Rosa também iniciou dizendo que não tinha uma relação profunda com a arte e demonstrou conflito em relação à sua definição, fato que surgiu especialmente após sua entrada na universidade, momento em que teve acesso a expressões artísticas diferentes das habituais, que conheceu obras que nem entendia muito bem, mas que despertavam admiração em pessoas influentes em sua vida, deixando-a intrigada.

Verifica-se que o sentido que Rosa atribuía à arte estava sofrendo modificações à medida que ela ampliava seu universo de referência artístico e conhecia novas obras. Rosa demonstrava insegurança na sua relação com a arte e chegou a questionar as experiências anteriores que teve com a música, a dança e o teatro, quando as comparou com as obras apresentadas e admiradas no contexto universitário. Mais do que isso, sua escrita demonstrou que, assim como estava em conflito em relação à arte, também vivia um momento de turbulência interna, evidenciando, desde o princípio, uma interlocução entre os sentidos atribuídos à arte e suas vivências pessoais.

As transformações vivenciadas por Rosa acontecem à medida que ela se relacionava com outras pessoas e vivia em outros contextos: sua concepção de arte mudava, seu

pensamento se organizava de uma nova forma e ela, conseqüentemente, se constituía. Tal fato remete à questão da constituição social do sujeito, que se dá a partir das relações concretas que ele estabelece com a vida social, da ação no meio material em que ele está inserido, mostrando, assim, que o desenvolvimento da pessoa está atrelado à apropriação da produção cultural do homem (Meira & Facci, 2007).

Dando sequência ao movimento de Rosa no grupo, foi possível perceber que ela seguiu ao longo dos encontros com grande envolvimento, trazendo muitos exemplos pessoais, expondo conflitos em sua relação com a sociedade, com seus valores e deixando transparecer, em quase todos os momentos, um sentimento de incerteza e insegurança em relação ao que estava vivendo. Até que, na ocasião em que cada participante ficou responsável por levar duas músicas para compartilhar com o grupo, ela demonstrou uma clara mudança de comportamento e explicitou seu processo de transformação ao grupo. Rosa revelou ter encontrado muita dificuldade para escolher as obras e levou três músicas para compartilhar com os tertulianos – “Dreamland”, de Fan Shi Qi, “O anjo mais velho”, do Teatro Mágico e “Let it be”, dos Beatles, sendo que apenas citou esta última, não a escutamos. E, já no final do encontro, Rosa falou da necessidade de compartilhar uma quarta música com o grupo, justificando-se, comovida, por meio de um depoimento pessoal, que reproduzo na íntegra, conforme está na transcrição do referido encontro:

*“Rosa iniciou dizendo que não ia chorar. Contou que dias atrás estava voltando de ônibus para a sua casa e começou a pensar em muitas coisas; tomou consciência de aspectos bons da sua vida e de repente se sentiu muito ‘você mesma’. Seguiu com a voz embargada, emocionada, quase chorando, dizendo que talvez por conta do grupo estivesse conseguindo ser mais ela mesma. Respirou fundo para se conter [...] e falou que fazia terapia há muito tempo e que uma das suas maiores dificuldades é lidar com o olhar do outro, que tem muita*

*dificuldade em não ser aceita, muita mesmo. Disse que, enquanto refletia ao andar de ônibus, descobriu que não precisava disso, que não precisava fazer suas escolhas sempre preocupada com a opinião das outras pessoas, percebeu que ela era alguém. Falou que estava pensando sobre uma parte dela que andava muito confusa, que é a parte da fé e da religião, que é um aspecto que considerava muito importante e que também fazia parte dela. Por isso, pensou em levar para compartilhar com o grupo uma música religiosa, mas acabou não mostrando-a, por achar que não tinha relação com a proposta. Então, lembrou-se de que no nosso primeiro encontro, quando escrevemos sobre o lugar que a arte ocupava na vida de cada um, ela se sentiu muito inferiorizada e acabou afirmando na carta que não havia nada de arte em sua vida. Disse que talvez por conta da presença de João, participante que tinha uma ligação forte com a arte, se sentia coibida e pensou que não tinha nada de arte na sua trajetória, que não havia vivido de fato nenhuma experiência com a arte. Mas depois, com o passar do tempo, disse que percebeu que não era bem assim, que ela já tinha vivido muita coisa ligada à arte e ficou questionando por que tinha escrito daquela maneira tão depressiva. [...] Contou que em vários momentos se perguntava o que estava fazendo no grupo, e hoje, enquanto falávamos um pouquinho sobre nós por meio das nossas músicas, percebeu as coisas de outro modo, tanto que gostaria de nos mostrar a música 'Reflexo', da banda gospel Toca de Assis. Afirmou que queria tirar de si a roupa de 'eu tenho que ser aceita' e expor quem ela era realmente através daquela obra. Falou que se escondeu atrás dos 'Beatles cult', por meio de uma música deles que nem mostrou, para falar de um lado seu muito importante, o lado religioso, com o qual atualmente estava em conflito. Disse chorando que agora estava conseguindo se expor e que era bom pensar que ela, naquele momento, conseguia manifestar quem era de verdade, o que não havia conseguido em os seis anos de terapia. Contou que se sentia feliz por conseguir se despir do medo de não ser*

*julgada e que isto só foi possível no grupo, com o grupo, com a arte. E então, agradeceu a todos e colocou a música para escutarmos. [...]*

Ao final, depois de nos abraçarmos juntos carinhosamente, Rosa pediu para ler algo que havia escrito para si mesma: “*‘que nossas limitações ou imperfeições não nos impeçam de contemplarmos a nós mesmos’.*”

O episódio relatado revela um momento muito significativo na trajetória de Rosa dentro do grupo Tertúlia, pois ela expressa e reconhece uma importante mudança em seu comportamento, devido a vários fatores, entre os quais se incluem a participação no grupo, o contato com a arte e o compartilhamento de sentidos sobre ela. Suas palavras expressam claramente o modo como a afetavam as relações que estabelecia com as pessoas e com o contexto, e como, a partir da aceitação do seu modo de ser, da organização dos seus pensamentos, se transformava, atribuindo novos sentidos à realidade e desenvolvendo novas formas de pensar e entender o mundo, se constituindo ininterruptamente. Ao superar, naquele momento, o receio de não ser aceita pelo outro, de ser julgada e se expor através de uma música religiosa, Rosa transcende uma dificuldade e, nas palavras de Vigotski (1999), em um movimento de catarse, supera sentimentos não realizados e externa emoções antes contidas. É importante reiterar que, devido ao entusiasmo do momento, Rosa acaba reconhecendo apenas a fruição da arte e a troca de sentidos sobre ela no grupo Tertúlia como responsáveis pelas mudanças que estava vivendo; entretanto, o próprio Vigotski (1999) afirma que a catarse é apenas o estopim de um movimento gestado sob a influência de diversos fatores, ou seja, de tudo aquilo que compõe o mundo do sujeito. A própria Rosa, em uma ocasião de maior tranquilidade, aponta isto no portfólio que elaborou para o encerramento das atividades do grupo, último momento que destaco em sua trajetória.

Conforme observado no capítulo sobre o método, além das transcrições narrativas das filmagens dos encontros, o *corpus* desta investigação contou também com os portfólios feitos por cada um dos tertulianos, nos quais registraram de maneira criativa os pontos mais importantes vividos ao longo dos encontros, indicando o sentido geral que tal vivência no grupo Tertúlia havia representado para cada um deles. Assim, no encontro de fechamento das atividades do grupo, cada participante apresentou seu portfólio. Rosa construiu um portfólio que intitulou “Através”, assim denominado por entender que por meio daquele trabalho poderíamos vê-la. Nele escreveu uma carta para cada encontro, em que descrevia as principais reflexões acerca do referido momento e também relacionava a obra discutida no encontro a um dos membros do grupo que, para ela, se destacara; de modo que presenteou cada tertuliano com uma carta, que falava muito de si, da arte e dos sentidos construídos naquela vivência. Em seu portfólio, Rosa representa de maneira concreta o modo como foi se constituindo ao longo dos encontros, no contato com o outro, com a arte e no processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre tudo o que vivia. Por meio de seus depoimentos, demonstra como a fruição da arte pode provocar mudanças no pensamento e no modo de agir no mundo e também como a convivência com o outro naquele contexto foi profícua para o desencadeamento de mudanças tão significativas na sua vida (Pino, 2005).

Acompanhando sua trajetória por meio da leitura sequencial das cartas que compõem seu portfólio, é possível seguir seu movimento de mudança, que vai da insegurança em relação à arte e a si mesma para a segurança e a autoafirmação. Com mais serenidade, Rosa descreve este processo ao longo da escrita de seu trabalho e, especialmente, na carta em que relata o ápice de seu momento de superação – a catarse –, no encontro em que compartilhou uma música religiosa com o grupo. Assumindo um lado seu com que estava em conflito, ela reconhece as múltiplas relações que culminaram naquele momento, além de admitir sua

transitoriedade, uma vez que, como seres sociais, nos constituímos a todo o momento. Assim escreve:

*“[...] Com muito medo durante o encontro, chorava e me retraía, me perdendo de mim. Ah, aquela felicidade do encontro foi clandestina, já suspeitava ... Queria ceder, buscava muitas justificativas para não ser. Let it be<sup>15</sup> me implorava: Seja! Seja, Rosa! E ao final, quase para não dar tempo e ir embora sofrer, resolvi ser. Ser a música, ser a possibilidade de errar, ser Reflexo<sup>16</sup>, ser alguma coisa, ser. Se foi inteiramente ou não, não sei, não importa. Continuo sendo? Também não sei. E espero que não importe, porque aí saberei que sou ...*

*Entrega, lágrimas, gratidão, espera, falta um<sup>17</sup>, grupo, Tertúlia.*

*Foi só o grupo? Só a arte? Só eu? NÃO*

*Foi o grupo também. Foi a arte também. Fui eu também. Foi a terapia também. Foi o 4º período também. Foi e são muitos. Vários. Múltiplos.*

*Seja, Rosa! Exista! [...]”*

---

<sup>15</sup> Título de uma música dos Beatles que Rosa levou para compartilhar com o grupo, na tentativa de expressar seu lado religioso de uma maneira mais discreta e não tão verdadeira como queria.

<sup>16</sup> Título da música da banda religiosa Toca de Assis, que Rosa apresentou ao grupo para expor uma dificuldade que estava vivendo.

<sup>17</sup> Refere-se à fala da própria Rosa ao final do referido encontro, quando disse que ainda faltava uma música para apresentar e algo a dizer ao grupo.

## **SÍNTESES - A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ARTE E A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NO GRUPO TERTÚLIA**

*[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.*

João Guimarães Rosa

Encaminhando-me para o encerramento deste estudo, retomo o caminho o percorrido para desenvolver esta dissertação propondo interações explicativas entre o fenômeno estudado e a teoria, de modo a elucidar a constituição dos tertulianos no processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte.

Com o objetivo de compreender como os sujeitos se constituem a partir do contato com a arte num contexto de grupo, inspirada no método Materialista Histórico Dialético, esta investigação tomou como ponto de partida a construção e o compartilhamento de sentidos sobre a arte no grupo Tertúlia. Este objeto de estudo, visto num primeiro momento como um todo caótico (Marx, 2008), foi analisado em seu processo de funcionamento, seu movimento, buscando-se as conexões entre os vários elementos que o determinavam a fim de compreendê-lo em sua complexidade (Vigotski, 1984).

Com o intuito de alcançar um entendimento que transcendesse o aparente na manifestação desse fenômeno, dediquei-me ao estudo teórico da constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural (Leontiev, 1978; Pino, 2005), da mediação semiótica (Smolka, 2000), da atribuição de sentidos no processo de significação (Vigotski, 1986), do conceito de zona de desenvolvimento iminente (Prestes, 2010) e da arte como produto da vida social (Marx e Engels, 2010; Bukhárin, 1970; Hauser, 1984; Fischer, 1976; Vázquez, 2011; Vigotski, 1999, 2009). Assim, foi possível perceber a influência da construção e do compartilhamento de sentidos sobre arte na constituição da pessoa não mais como um

fenômeno desordenado, e compreender os múltiplos fatores que o determinavam, por meio de categorias explicativas que denominei de núcleos de sentidos. Tais categorias possibilitaram uma interlocução entre a realidade concreta analisada e os conceitos tomados como fundamentais no desenvolvimento deste trabalho.

A categoria explicativa que enfatizou os sentidos construídos pelos participantes do grupo, ao relacionar as obras de arte apreciadas ao longo dos encontros e suas vivências pessoais, mostrou a fruição da arte como algo ativo, que requer um trabalho psíquico considerável por parte do espectador (Assumpção, 2011; Vigotski, 1999). Desse modo, para que os tertulianos pudessem construir sentidos sobre a relação da arte com suas vidas, foi necessária uma entrega, um envolvimento com a obra e com o grupo, de modo a desencadear reações emocionais, questionamentos, dúvidas e até mesmo mudanças na forma de pensar e agir no mundo, como foi explicitado, por exemplo, pelo movimento de Rosa no grupo.

A todo o momento, a reação estética apontou para uma relação entre a emoção e a imaginação do sujeito, pois a percepção estética se dava condicionada à imaginação dos sujeitos em questão (Vigotski, 1999). À medida que os tertulianos se implicavam nas obras de arte, estabelecendo conexões de sentido entre elas e suas vidas pessoais, eles acessavam e expressavam seus sentimentos, compreendiam melhor a si e ao mundo e, por fim, se transformavam e se constituíam neste infinito devir (Japiassu, 1999). A arte mostrou, assim, ter um papel fundamental na socialização das emoções humanas, uma vez que, à medida que os sujeitos entravam em contato com os diversos signos artísticos (notas musicais, melodias, cores, formas, palavras etc.) ao longo das atividades no grupo, tinham a possibilidade de acessar e reviver suas emoções mais íntimas, dando a elas um novo sentido (Toassa, 2009).

Além de promover reflexões de âmbito pessoal, criar espaço e disponibilizar um tempo para a fruição da arte e para compartilhar ideias e emoções suscitadas pelo contato com ela, fato importante em relação à socialidade da mesma (Toassa, 2009), possibilitou também o

surgimento de novos sentidos sobre aspectos gerais da vida. O exercício intencional de se implicar nas obras de arte apreciadas no grupo Tertúlia desencadeou reflexões sobre a felicidade, o sentido da vida, a morte, a relação com o tempo etc., que afetaram o entendimento destas questões por parte dos tertulianos. Isto se dava, por exemplo, quando eles questionavam os próprios significados aprendidos socialmente, exercitando um olhar diferente sobre as coisas e, conseqüentemente, construindo novos sentidos, um novo jeito de se relacionar com o mundo.

O processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte, demonstrado ao longo da trajetória do grupo Tertúlia, evidenciou a constituição constante do sujeito a partir da relação com o outro e o meio (Pino, 2005). À medida que os tertulianos construíam novos sentidos sobre diversas questões e compartilhavam com os demais participantes do grupo, eles modificavam a maneira de organizar seus pensamentos, alteravam o modo como compreendiam as coisas e, conseqüentemente, se transformavam e mudavam sua atuação na realidade concreta.

Inclusive, este processo de atribuir novos sentidos a questões ligadas à vida material já se aproxima de outro núcleo de sentidos, que abarcou os sentidos construídos acerca das obras de arte apreciadas na relação com a cultura e a sociedade. Considerando os sujeitos como seres constituídos socialmente (Leontiev, 1978; Marx & Engels, 2010; Pino, 2005), é imprescindível que se compreenda o indivíduo de maneira contextualizada, sempre marcada por questões sociais. Assim, a arte, que aqui foi entendida como produto da vida social (Bukhárin, 1970), como uma forma de trabalho que reflete a realidade a partir da consciência humana (Marx & Engels, 2010; Vázquez, 2011), incitou diversos questionamentos sobre questões relativas à organização social no capitalismo, ao aprendizado transmitido culturalmente sobre o que é certo ou errado, sobre as emoções que devem ou não ser

expressas, levando os tertulianos a conhecerem melhor as regras sociais que determinam a vida em sociedade.

Retomando o fato de que a arte expressa a experiência do sujeito na vida cotidiana (Hauser, 1984), o aspecto social subjetivado pelo homem (Vigotski, 1999), cuja função é auxiliar o indivíduo no entendimento das coisas do mundo, ajudando-o a suportar e transformar a realidade (Fischer, 1976), destaco que, durante as conversas no grupo Tertúlia, a possibilidade de por meio da arte tomar-se consciência da realidade, rompendo, mesmo que momentaneamente, com a alienação do sujeito, esteve sempre presente. Isto pôde ser percebido nos vários momentos em que os tertulianos se angustiaram e se revoltaram diante das limitações e injustiças decorrentes do modo de vida imposto pelo capitalismo. Além de questionarem o nosso modelo de organização social, o sentimento de impotência, que apareceu nas conversas que convergiram para os sentidos ligados a aspectos culturais e sociais, apontou para a colaboração real, porém limitada, que a arte pode oferecer neste contexto. Sendo produto da ação de um sujeito integrado a uma sociedade sustentada pela coisificação do homem e a valorização do capital, a arte é vista como uma das possibilidades de auxílio na conquista da autonomia do sujeito, com a ressalva de que também está sujeitada a esse modelo de sociedade, que só poderá ser, de fato, transformado e superado com a alteração dos modos de produção da vida material (Marx, 2008).

Além disso, a presença nesta pesquisa de sentidos que integram a arte e a sociedade evidencia também o método e os preceitos teóricos adotados no desenvolvimento desta investigação, uma vez que são comprometidos com uma psicologia que rompe com os limites do eu e compreende o sujeito que se transforma e se constitui por meio das relações que estabelece com o outro e com o meio em uma determinada sociedade, num dado momento histórico.

Aliás, considerando o papel ativo do homem em sua atuação social, foi possível verificar que, pelo contato com a arte – produção humana que admite múltiplos sentidos (Hauser, 1984) –, o sujeito tem a possibilidade de ampliar seu modo de pensar, estabelecendo novas formas de raciocínio, ampliando a zona de desenvolvimento iminente (Prestes, 2010). Tal fato pode ser notado, especialmente, quando os tertulianos demonstravam correlações entre as obras de arte apreciadas e outras produções humanas, tanto no campo da arte como da ciência, pois os diversos sentidos construídos por eles enfatizaram como um sujeito inserido num determinado contexto, com repertório pessoal específico, pode modificar suas funções psíquicas inspirado pela criatividade inerente às produções artísticas.

De modo geral, todos os sentidos construídos e compartilhados pelos tertulianos acerca das obras apreciadas, organizados por meio das categorias explicativas, contribuíram para o entendimento das múltiplas relações que determinam o fenômeno estudado. Acima de tudo, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, o grupo Tertúlia emergiu como figura fundamental, pois fazer parte de um grupo comprometido conscientemente com a fruição da arte, formado por pessoas que trazem um interesse pela arte e que são alunos de um curso de psicologia que abre espaço para o diálogo com as obras de arte já nas suas disciplinas iniciais, foi decisivo no processo de transformações vivenciadas pelos sujeitos desta investigação. Portanto, os resultados aqui relatados, exemplificados especialmente pelas mudanças demonstradas pela participante Rosa, falam de um contexto específico, formado por pessoas específicas que, por diversas razões já mencionadas, se constituíram por meio da atividade prática proposta por esta pesquisa.

O fato de o modo de funcionamento do grupo Tertúlia aparecer como determinante para a constituição dos tertulianos no processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte indica que esta modalidade de grupo pode contribuir para uma formação humanizada dos sujeitos, pois, a despeito do papel diferenciado da arte como mediadora das

mudanças relatadas neste trabalho, a organização de um grupo pautado no respeito à expressão da singularidade do sujeito se mostrou também muito profícua para a transformação dos tertulianos.

Vale ressaltar ainda que os encontros do grupo Tertúlia aconteceram na universidade, espaço historicamente construído com o intuito de socializar os conhecimentos produzidos pela humanidade, mas que no capitalismo é tido como um complexo administrativo regido pelas “ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito” (Chauí, 2003, p. 6), ou seja, é voltado para a transmissão de informações e formação de mão de obra qualificada e especializada para o mercado de trabalho. Contrariando isto, a construção do grupo Tertúlia em um espaço universitário se voltou para a importância de uma formação mais humanizada (Ribeiro, 2001), que não se restrinja aos conteúdos acadêmicos e a formação profissional.

A vivência descrita detalhadamente nesta pesquisa se consolidou, desse modo, como um importante espaço de formação pessoal dos tertulianos, que reconheceram a necessidade de haver mais atividades neste formato na universidade, especialmente no curso de Psicologia, que forma sujeitos que vão lidar com a complexidade humana (Silva, 2005). Ainda com relação ao contexto onde esta pesquisa foi desenvolvida, esta investigação possibilitou também o surgimento de reflexões sobre o tipo de educação com que as universidades estão comprometidas, uma educação que corrobora o capitalismo, que conforma o sujeito, que o aliena, o destitui de sua própria consciência, coisificando-o.

Cabe ainda dizer neste tópico que o exercício de elaborar sínteses, retomando as categorias explicativas na relação com os conceitos utilizados nesta dissertação, apontou para o surgimento de outras categorias para dar conta do *corpus* de pesquisa aqui apresentado. Categorias analíticas que explicariam a constituição dos tertulianos no processo de construção e compartilhamento de sentidos sobre a arte, não a partir dos temas mais recorrentes, mas com base em elementos teóricos que elucidassem o objetivo da referida pesquisa, tais como: a

construção e o compartilhamento de sentidos sobre a arte como possibilidade de expressão e superação de aspectos pessoais do sujeito; o desenvolvimento de novas organizações do pensamento no compartilhar de sentidos sobre a arte; a arte como produto da vida social mediando o entendimento e a possibilidade de superação da realidade, e a constituição do sujeito por meio da construção e do compartilhamento de sentidos sobre a arte.

É importante enfatizar, por fim, que chegar a estas categorias analíticas só foi possível depois de debruçar-me sobre a organização do *corpus* de pesquisa por meio das categorias explicativas, mostrando como a apreensão do método proposto pelo Materialismo Histórico Dialético é complexa e requer tempo para ser colocada em prática com o rigor necessário. Tanto que, em se tratando de uma pesquisa de mestrado, que deve ser desenvolvida dentro de padrões específicos e em um prazo determinado, não foi possível avançar em uma análise mais aprofundada, que corresponderia de maneira mais adequada ao método proposto por este trabalho. Entretanto, esta observação é relevante, uma vez que aponta para os limites das pesquisas acadêmicas, especialmente as pesquisas qualitativas que, apesar de tratarem de temas de grande complexidade, precisam se enquadrar em um padrão de pesquisa pré-estabelecido (Chauí, 2003).

Assim sendo, estas ponderações finais apontam para a necessidade de se avançar nos estudos sobre a constituição humana por meio da fruição artística, deixando, inclusive, a possibilidade para o desenvolvimento de pesquisas futuras a partir das informações do *corpus* desta dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentadas as reflexões sobre as relações entre as vivências do grupo Tertúlia e os conceitos considerados importantes para o entendimento da construção e do compartilhamento de sentidos sobre a arte no processo de constituição da pessoa, reconhecendo a relevância desta experiência na formação e nas transformações vivenciadas pelos tertulianos, resta fazer algumas considerações finais.

Para a Psicologia Histórico-Cultural, o sujeito se constitui a partir das relações concretas que estabelece com a vida material, dá sentido ao mundo e a questões internas e externas a si por meio da linguagem, e se insere no mundo simbólico a partir do contato com o outro, que lhe transmite a cultura e possibilita que ele aprenda novas maneiras de se expressar enquanto ser humano. Com o domínio da linguagem, o homem começa a atribuir sentido às coisas do mundo, à relação com o outro e a converter essas relações para o seu psiquismo de uma maneira singular, configurando sua subjetividade. Assim, a palavra, que é dotada de significado e sentido, o constitui, pois por meio dela o sujeito compreende o mundo, o outro e traduz o que se passa em seus pensamentos, se formando e se transformando continuamente.

Sabendo que o sentido é o aspecto predominante na linguagem interior da pessoa, quando esta se expressa, pelo sentido transparece a maneira como interage com o meio e o modo como suas funções psíquicas se organizam, contando muito sobre quem é e sobre o que acredita acerca das coisas do mundo. De tal modo, a atribuição de sentido acontece na relação com a vida material e possibilita a integração dos aspectos cognitivos e afetivos do sujeito, bem como processos coletivos e individuais, mostrando a unicidade do ser com o todo.

Tendo em vista que o sujeito se constitui e forma seu psiquismo a partir das relações concretas que estabelece com o mundo material, todo o tempo vivenciado pelos participantes no grupo Tertúlia, em que foram convidados a construir e compartilhar sentidos sobre determinadas obras de arte, resultou em relações significativas que também compuseram a personalidade deles. Consciente de que o contato com o outro é fundamentalmente na humanização do sujeito, já que é ele que lhe fornece informações sobre a sociedade, a cultura, sobre as formas de se manifestar como ser humano, possibilitando inclusive a criação de novas formas de pensamento, a proposta de compartilhar sentidos sobre a arte num contexto de grupo foi bastante profícua, pois houve uma partilha constante de sentidos que culminavam em outros sentidos e em novas formas de agir no mundo.

Quando propus que a questão central no grupo fosse expressar o modo como aquelas obras de arte os afetavam, mais do que conhecer os significados sociais já construídos sobre determinadas obras ou temas, minha intenção era compreender quais sentidos eles atribuíam às obras apreciadas, ou seja, quais relações conseguiam estabelecer entre a arte e suas vidas – considerando as dimensões afetivas, cognitivas, sociais e estéticas. De modo geral, isto ficou evidente ao longo das transcrições narrativas dos encontros, quando percebi que nas conversas entre os tertulianos se destacavam sentidos relativos a vivências pessoais, a aspectos gerais da vida, a assuntos de âmbito cultural e social e à referência a outras produções humanas, que culminaram na organização do *corpus* de pesquisa em núcleos de sentidos. Estas categorias explicativas, que agruparam os sentidos expressos pelos participantes desta pesquisa, contaram muito sobre quem eles são, como se organizam internamente, em que acreditam; e, à medida que isto foi compartilhado com o outro, verificou-se a possibilidade de avançar em novas formas de pensar, pois o sentido expressado pelo outro foi o mediador na construção de novos sentidos no grupo.

Escolhi a arte como o estopim para a construção de uma conversa repleta de sentidos justamente por ser fruto do trabalho humano, reflexo subjetivado da realidade e que, portanto, pode afetar o homem e influir na sua constituição. A obra de arte é uma linguagem que utiliza signos artísticos para expressar concretamente a dimensão subjetiva do sujeito. Assim, por retratar as emoções humanas e provocar o surgimento de inúmeros sentidos, a arte se apresentou como uma linguagem próxima, que de alguma forma se comunicou com os tertulianos nos momentos em que estes se dedicaram a fruí-la.

Considerando que as funções psicofisiológicas e a formação do psiquismo humano se complexificam à medida que a realidade material se torna mais elaborada, lidar com obras de arte, que muitas vezes são complexas e não revelam a realidade de maneira direta, pode colaborar para que o funcionamento interno do homem se torne mais complexo e refinado. Assim, estar em um contexto de imersão em diversas e distintas obras de arte possibilitou que os tertulianos conhecessem um pouco mais sobre a diversidade humana, podendo enriquecer inclusive a maneira de se relacionarem consigo e com a realidade.

Além disso, por ser uma expressão simbólica do mundo na perspectiva do artista, a obra de arte não é fechada, ela é aberta na medida em que adquire novos sentidos a partir do olhar do outro sobre ela. Por ter este caráter polissêmico e por se configurar como uma linguagem marcada pelo sentido e não pelo significado, como geralmente ocorre com a palavra, a obra de arte se mostrou como mediadora diferenciada para despertar reflexões e para instigar a manifestação dos múltiplos sentidos que indicavam o funcionamento interno dos indivíduos em questão. Ainda é importante lembrar que a obra de arte é a técnica social do sentimento (Vigotski, 1999) e, que por isso, na sua fruição ela pode afetar, suscitar e mobilizar as emoções humanas, levando os sujeitos a superarem aspectos pessoais que não têm vazão no dia a dia, por meio da catarse. Isto foi bem exemplificado por Rosa, no encontro em que ela compartilhou com o grupo uma música que exprimia suas dificuldades pessoais,

levando-a a estabelecer um novo olhar acerca da referida questão. Assim, o uso da arte como mediadora da construção de sentidos foi muito relevante para que os tertulianos pudessem compreender de maneira mais clara quem eles são e em qual sociedade estão inseridos, já que a arte é, em última instância, uma produção social.

A arte se configurou, portanto, neste trabalho, como um veículo propício à expressão das emoções humanas, pois, por ser uma atividade criadora construída a partir da relação entre a imaginação e a atuação do homem no mundo, possibilitou que na sua fruição o sujeito se comovesse e se afetasse, construindo novos sentidos sobre as coisas, à medida que se transformava. Desse modo, a organização de um espaço em que as pessoas tiveram tempo para pensar sobre a arte, sendo, a todo o momento, instigadas a externalizar aquilo que a obra lhes provocava, foi importante também no movimento de desconstrução, superação e constituição de um novo jeito de ser daqueles sujeitos. Nesse sentido e considerando que a concretização do grupo Tertúlia se deu no âmbito universitário, é importante pensar quais espaços podem ser oferecidos para que outros encontros de sujeitos como o aqui apresentado possam acontecer.

Ademais, o próprio grupo Tertúlia se edificou como um proposta metodológica relevante para a formação humanizada dos sujeitos, já que neste espaço, ao estabelecerem uma relação com as obras apreciadas, os tertulianos falavam de questões íntimas com liberdade e sinceridade tal que desencadearam mudanças significativas nos seus modos de pensar e agir no mundo.

Enfim, consciente de que os conhecimentos sobre as contribuições da construção e do compartilhamento de sentidos sobre a arte num contexto de grupo não se esgotaram, uma vez que esta investigação chegou a conclusões que se referem ao modo como sujeitos específicos se constituíram no contato com obras específicas, num contexto organizado para tal fim, alguns questionamentos finais ainda me instigam: Como a arte com que o sujeito tem contato

no seu dia a dia pode colaborar na sua constituição? Como construir espaços legítimos para que a fruição da arte possa efetivamente contribuir para a autonomia do sujeito? Como se vê, a temática é bastante fecunda e merece ser explorada por outros estudos.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, C. D. (2011). Flor, telefone e moça. In *Contos de aprendiz*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Asbahr, F. S. F. (2005). *Sentido pessoal e projeto político pedagógico: análise da atividade pedagógica a partir da psicologia histórico-cultural*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Assumpção, M. C. (2011). Da psicologia da arte de Vigotski aos parâmetros curriculares nacionais: uma análise inicial. In *V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo – Marxismo, Educação e Emancipação Humana* (pp. 1-17). Florianópolis, SC.
- Barreto, F., & Santiago, M. (Diretor). (2007). *Grupo Corpo 30 anos – uma família brasileira* [DVD]. Brasil: Paramount.
- Barros, J. P. P., Paula, L. R. C. de, Pascual, J. G., Colaço, V. de F. R., & Ximenes, V. M. (2009). O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, 21 (2), 174-181.
- Bioy Casares, A. B. (2006). *A invenção de Morel*. São Paulo: Cosac Naify.
- Bukhárin, N. (1970). *Tratado de materialismo histórico* (E. Carone, trad.). Rio de Janeiro: Laemmert.
- Calvino, I. (2001). *Um general na biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, I. (2007). *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chauí, M. (2003, set/out/nov/dez). A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 5-15.
- Delari Jr., A. (2009). *Introdução a princípios metodológicos de L. S. Vigotski – duas ou três sugestões para a pesquisa teórica em psicologia histórico-cultural*. Recuperado em 10 de fevereiro de 2012, de <http://pt.regionmag.com/principios-metodologicos-pdf.html#a3>

- Dorrie, D. (Diretora). (2008). *Hanami – Cerejeiras em flor* [DVD]. Alemanha/França: Olga Film GmbH.
- Fernandes, D. S. S. (2004). *Vídeo-formação: uma experiência de videoscopia com professores estagiários*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga.
- Ferreira, A.B.H. (1989). *Mini dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fischer, E. (1976). *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Galeano, E. (2009). A função da arte/1. In *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM.
- Garcez, A., Duarte, R. & Eisenberg, Z. (2011). Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, 37(2), 249-262.
- Gardner, Howard (1994). *Educación artística y desarrollo humano*. Barcelona: Paidós.
- Hauser, A. (1984). *A arte e a sociedade*. Lisboa: Presença.
- Japiassu, R. O. V. (1999). As artes e o desenvolvimento cultural do ser humano. *Educação e Sociedade*, 69, 34-59.
- Leontiev, A. N. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário.
- Lispector, C. (1998). *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Loizos, P. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (cap. 6, pp. 137-155). Petrópolis: Vozes.
- Machado, R. (2004). *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL.
- Martins, J. (2001). Tertúlia. In *30 Anos de Califórnia* [CD]. Uruguaiana: ACIT.

- Marx, K. (2008). O método da economia política. In K. Marx, *Contribuição à crítica da economia política* (pp. 257-267). São Paulo: Expressão Popular.
- Marx, K., & Engels, F. (2010). *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos* (J. P. Netto, M. M. C. Yoshida, trans.). São Paulo: Expressão Popular.
- Meira, M. E. M. & Facci, M. G. D. (orgs.). (2007). *Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Monte, M. & Paz, O. (1996). Blanco. In *Barulhinho bom – uma viagem musical* [CD]. Rio de Janeiro: EMI Music.
- Normal, B., & Gomes, M. (Diretor). (1998). *Clandestina felicidade* [DVD]. Recife.
- Osman, S. A. & Ribeiro, O. C. F. (2007). Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. *Licere*, 10(1), 1-15.
- Pino, A. (2000a). Psicologia concreta do homem. *Educação e Sociedade*, 21 (71), 21-44.
- Pino, A. (2000b). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*, 21 (71), 45-78.
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez.
- Prestes, Z. R. (2010). *Quando não é quase a mesma coisa – análise de traduções de Lev Semionovtchi Vigotski no Brasil – repercussões no campo educacional*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- Ribeiro, R. J. (org.). (2001). *Humanidade: um novo curso na USP*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Rosa, J. G. (2005). *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Nova Fronteira
- Rose, D. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (cap. 14, pp. 342-364). Petrópolis: Vozes.

Roudinesco, E. (1997). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Sá-Chaves, I. (2000). *Portfólios reflexivos: estratégia de formação e de supervisão*. Aveiro: Universidade.

Sadalla, A. M., & Larocca, P. (2004). Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. *Educação e Pesquisa*, 30 (3), 419-433.

Salgado, S. (1996). *Trabalhadores*. São Paulo: Companhia das Letras.

Salgado, S. (2000). *Retratos de crianças do êxodo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, S. M. C. (2005). *Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional*. Campinas: Alínea: EDUFU.

Silva, S. M. C, Goya, A. C. A., & Machado, P. E. R. (2007). Reflexões sobre o (não) lugar da arte na Universidade. *Anais do II Colóquio de Psicologia da Arte*. São Paulo.

Smolka, A. L. B., & Nogueira, A. L. H. (2002). O desenvolvimento cultural da criança: mediação, dialogia e (inter) regulação. In M. K. Oliveira, T. C. Rego, & D. T. R. Souza (orgs.), *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna.

Smolka, A. L. B. (2004). Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho (orgs.), *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humana*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Smolka, A. L. (2009). A atividade criadora do homem: a trama e o drama. In L. S. Vigotski, *Imaginação e criação na infância*. (Z. Prestes, Trad). São Paulo: Ática.

Toassa, G. (2009). *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Tosta, C. G. (2006). *Autoscopia e desenho: a mediação em uma sala de educação infantil*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

- Truffaut, F. (Diretor). (1966). *Fahrenheit 451* [DVD]. Reino Unido: Anglo Enterprises, Vineyard Film Ltd.
- Van Der Veer, R., & Valsiner, J. (1991). *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Loyola.
- Vázquez, A. S. (2011). *As ideias estéticas de Marx* (C. N. Coutinho, trad.). São Paulo: Expressão Popular.
- Vigotski, L. S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1986). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da arte*. (P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1925).
- Vigotski, L. S. (2001). Aprendizagem e desenvolvimento na idade escolar. In L. S. Vigotski, A. R. Luria, & A. N. Leontiev, *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone.
- Vigotski, L. S. (2004). *A teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância*. (Z. Prestes, Trad). São Paulo: Editora Ática.
- Villas Boas, B. M. F. (2004). *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas: Papirus.
- Zanella, A. V., Lessa, C. T., & Da Ros, S. Z. (2002). Contextos grupais e sujeitos em relação: Contribuições às reflexões sobre grupos sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 211-218.
- Zanella, A. V., & Pereira, R. S. (2001). Constituir-se enquanto grupo: a ação de sujeitos na produção do coletivo. *Estudos de Psicologia*, 6(1), 105-114.
- Zanella, A. V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 9 (1), 127-135.

## **ANEXO E APÊNDICES**

**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A arte como mediadora da formação pessoal/profissional do Psicólogo”<sup>18</sup> sob a responsabilidade das pesquisadoras Luciana Guimarães Pedro, mestranda em Psicologia Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IPUFU) e da pesquisadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Maria Cintra da Silva, docente do IPUFU. Nesta pesquisa buscamos compreender como a arte pode colaborar para a formação do psicólogo, a partir da criação de um grupo com alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, com o intuito de apreciar e refletir acerca das diversas manifestações artísticas e culturais.

Sua colaboração com a pesquisa consiste em aceitar participar deste grupo que terá como foco a experimentação da arte em suas diversas linguagens e colaborar na construção de reflexões acerca do papel da arte na formação do psicólogo, consciente de que os encontros serão filmados.

Assinando o presente termo, você nos concede a anuência para publicações científicas dos dados construídos na pesquisa, diante de nosso compromisso ético de garantir o sigilo de

---

<sup>18</sup> O título da pesquisa se alterou ao longo da realização da mesma, com o intuito de ter maior correspondência com os resultados obtidos.

sua identidade. As gravações estarão sob a responsabilidade das pesquisadoras e serão destruídas após o término da pesquisa. Fica ainda esclarecido que:

- 1) Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.
- 2) Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.
- 3) Este estudo não oferece nenhum risco a sua saúde e nenhum ônus e lhe oferece a oportunidade de expor seus pensamentos referentes à temática.
- 4) Você é livre na decisão de participar e de deixar de participar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.
- 5) Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você e outra com a equipe executora do projeto.
- 6) A qualquer momento você poderá solicitar informações referentes à pesquisa, entrando em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos endereços, telefones e e-mails disponibilizados a seguir:

- Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Silvia Maria Cintra da Silva – Av. Pará, 1720 Bloco 2C Campus Umuarama – Uberlândia/MG. Fone (34)3218-2235. E-mail: [silvia@ufu.br](mailto:silvia@ufu.br)

- Luciana Guimarães Pedro — Av. Pará, 1720 Bloco 2C Campus Umuarama – Uberlândia/MG. Fone (34)3218-2235. Uberlândia/MG. E-mail: [luciana\\_udi@hotmail.com](mailto:luciana_udi@hotmail.com)

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – Universidade Federal de Uberlândia Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Bloco 1A - Sala 224 - Campus Santa Mônica Avenida João Naves de Ávila, 2121 Santa Mônica - Uberlândia - MG 38400-098. Fone: (34) 32394131

Uberlândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura dos pesquisadores

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar do  
projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE A – Cartaz/Convite**

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CONVITE**

Convidamos estudantes da graduação do curso de Psicologia da UFU (com idade maior ou igual a 18 anos) para participarem da reunião de divulgação do Grupo vinculado à pesquisa de mestrado intitulada **“A arte como mediadora na formação pessoal/profissional do psicólogo”**<sup>19</sup>.

**Data:** 16/06 (quinta-feira) às 16:30 horas

**Local:** Bloco 2C, sala135

**Duração do Grupo:** encontros semanais ao longo do 2º semestre de 2011

**Mestranda responsável:** Luciana Guimarães Pedro

**Professora orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvia Maria Cintra da Silva

---

<sup>19</sup> O título da pesquisa se alterou ao longo de sua realização.

**APÊNDICE B – Foto dos portfólios**

**APÊNDICE C – Foto portfólio Rosa**

**APÊNDICE D – Contrato construído com o Grupo Tertúlia**

- Levar filmes, contos, poemas, músicas e reproduções de obras de arte interessantes e de menor acesso para que possamos ter contato com algo diferente.
- Levar informações as mais completas possíveis sobre o contexto das obras e dos artistas.
- Ter uma escuta curiosa e cuidadosa.
- Fazer perguntas reflexivas que problematizem as obras em questão.
- Ter uma participação inteira, interessada, disponível e intensa, na medida do possível.
- Ser pontual, ter assiduidade, manter o sigilo com as informações dos participantes e ter sempre cuidado e respeito com o outro.
- Possibilitar a liberdade de expressão e a intimidade entre os membros do grupo.
- Deixar o celular no silencioso, focar a mente no encontro, fazendo o possível para estar envolvido.
- Se comprometer (os participantes) com a confecção e entrega do portfólio dentro do prazo e seguindo as normas propostas.
- Comparecer aos encontros semanalmente.